

Universidade Federal de Juiz de Fora  
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Louise Áurea Oliva

**Representações da mulher na literatura transcultural de Najat El Hachmi**

Juiz de Fora  
2013

Louise Áurea Oliva

**Representações da mulher na literatura transcultural de Najat El Hachmi**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Professora-orientadora: Profa. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves

Juiz de Fora

2013

Louise Áurea Oliva

### **Representações da mulher na literatura transcultural de Najat El Hachmi**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Área de Concentração em Teorias da Literatura e Representações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em 03/04/2013.

#### BANCA EXAMINADORA

---

Profª. Dra. Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves (Orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Profª. Dra. Márcia de Almeida  
Universidade Federal de Juiz de Fora (Membro interno)

---

Profª. Dra. Maria Mirtis Caser  
Universidade Federal do Espírito Santo (Membro externo)

---

Profª. Dra. Maria Clara Castellões de Oliveira  
Universidade Federal de Juiz de Fora (Suplente interno)

---

Prof. Dr. Jorge Luiz do Nascimento  
Universidade Federal do Espírito Santo (Suplente externo)

## **DEDICATÓRIA**

A todos os que acreditam na mudança, que acreditam em  
um mundo sem fronteiras

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a meu irmão Frank Oliva por todo o carinho, apoio tanto psicológico quanto financeiro para que eu, ainda adolescente, pudesse vir morar em Juiz de Fora e então cursar uma faculdade até chegar ao mestrado. A ele devo os melhores momentos de minha vida e espero retribuir com todo o amor que eu puder dar.

Agradeço também a meus outros familiares que sempre me apoiaram em minhas decisões e que sei que sempre apoiarão, sejam quais forem.

Agradeço a minha orientadora, professora Ana Beatriz R. Gonçalves que desde a graduação acreditou em meu trabalho e me incentivou a tentar o mestrado e depois me aceitou como sua orientanda.

Agradeço ao PPG-Letras: Estudos Literários da UFJF, que me deu as diretrizes necessárias para realizar o sonho de ser mestre em Letras. Agradeço aos professores e funcionários, principalmente à professora Silvana Carrizo, por ter despertado em mim o interesse pela área de investigação no campo da literatura.

Agradeço às professoras Márcia de Almeida, da UFJF, e Maria Mirtis Caser, da UFES, por terem aceitado convite para compor a banca. Agradeço também aos professores suplentes Maria Clara Castellões de Oliveira e Jorge Luiz do Nascimento.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro nestes dois últimos anos, apoio que me permitiu dedicar-me com mais afinco a meus estudos.

Agradeço em particular as minhas amigas, companheiras de luta sem as quais o caminho seria, no mínimo, mais difícil e, claro, menos divertido. Aline Paiva, Cristina Machado, Nathalia Carias, Luciana Rufato, Tallita Caldeira, Paolla Brasil, Simone Müller, Talita Schröder, vocês são especiais.

Agradeço aos meus colegas de grupo de estudo pela constante perseverança e pelo aprendizado que me proporcionaram: Cristina Machado, Denise Nascimento, Stefane Soares, Wellington Silva.

Agradeço em especial ao meu amigo catalão Joan Torné quem, com sua ajuda, tornou meu desafio de embrenhar-me na língua catalã mais fácil, mais divertido e prazeroso. *Molts gràcies*, Joan.

Por fim, agradeço a todos os que os que de forma direta ou indireta participaram desta conquista.

## **EPIGRAFE**

“Enquanto eu tiver perguntas e não houver respostas... continuarei a escrever”  
Clarice Lispector

## RESUMO

Este trabalho destina-se à análise do conjunto da obra literária da escritora Najat El Hachmi. Buscamos, a partir da noção de literatura transcultural, analisar como a escritora dá voz a protagonistas femininas que refletem problemáticas atuais, como a imigração, o ainda assolador patriarcado social e as relações interpessoais. A escritora é de origem marroquina, mas vive desde muito cedo na Catalunha e é a partir deste referencial que ela assume a pena para poder discutir os problemas de seus dois mundos, o berbere e o catalão. Sua primeira obra é o ensaio autobiográfico *Jo també sóc catalana* (2004) em que reivindica o direito de também ser catalã, independentemente de seu lugar de nascimento. Em 2008 ela lança seu primeiro romance, *L'últim patriarca*, que recebe o prêmio Ramon LLull e que a torna visível no meio acadêmico. Neste romance, ela mescla elementos autobiográficos com ficção a fim de mostrar a força que o patriarcado ainda exerce sobre a sociedade e como seria possível aniquilá-lo. Seu segundo romance é lançado em 2011 e recebe o título de *La caçadora de cossos*. Neste romance El Hachmi abandona a temática da imigração e ocupa-se de um tema que é também bastante atual: as relações interpessoais. Nosso trabalho destina-se, então, a analisar a evolução literária de El Hachmi, as posturas que ela assume a dar o protagonismo sempre a vozes femininas e sua inserção na pós-modernidade.

**Palavras-chave:** literatura transcultural; Najat El Hachmi; mulher escritora.

## RESUMEN

En este trabajo se pretende analizar toda la obra literaria de la escritora Najat El Hachmi. Buscamos, a partir de la noción de literatura transcultural, analizar cómo la escritora da voz a las protagonistas femeninas que reflejan temas de la actualidad, como la inmigración, el patriarcado que todavía marchita las relaciones sociales, y las relaciones interpersonales. La escritora es de origen marroquí, pero vive desde muy temprano en Cataluña, y es a partir de este marco que se vale de la escritura para poder discutir los problemas de sus dos mundos, el bereber y el catalán. Su primera obra es el ensayo autobiográfico *Jo també sóc catalana* (2004), donde reclama el derecho a también ser catalán, independientemente de su lugar de nacimiento. En 2008 publicó su primera novela, *L'últim patriarca*, la novela se lleva el premio Ramon Llull y se hace visible en la academia. En esta novela hay una mezcla de ficción con elementos autobiográficos con el fin de mostrar la fuerza que el patriarcado sigue teniendo sobre la sociedad y la forma en que se podría aniquilarlo. Su segunda novela fue lanzada en 2011 y recibió el título de *La caçadora de cossos*. En esta novela, El Hachmi abandona el tema de la inmigración y se ocupa de un tema que también es muy actual: las relaciones interpersonales. Nuestro trabajo se pretende, entonces, analizar la evolución de la obra literaria de El Hachmi, las posturas que asume al dar el protagonismo siempre a voces femeninas y su inserción en la posmodernidad.

**Palabras-clave:** literatura transcultural; Najat El Hachmi; mujer escritora.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. IMIGRAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE O MAGREBE E A ESPANHA</b> .....	15
<b>3. <i>JO TAMBÉ SÓC CATALANA</i>: EU PERTENÇO AO LUGAR ONDE ESTOU</b> .....	32
<b>4. <i>L'ÚLTIM PATRIARCA</i>: UM ROMANCE PREMIADO</b> .....	50
<b>5. <i>LA CAÇADORA DE COSSOS</i>: AFINAL, O QUE É A LIBERDADE DO CORPO?</b> .	71
<b>CONCLUSÃO</b> .....	82
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	87

## 1. INTRODUÇÃO

O interesse pelas obras da escritora catalã Najat El Hachmi surgiu em função do contato com suas publicações em um grupo de estudos coordenado pela professora Ana Beatriz Rodrigues Gonçalves. Neste grupo, inicialmente, estudamos questões que concernem à ideia de deslocamento, já que, na atualidade, se discute muito esta questão dado que estaríamos diante de uma nova cartografia global e nela já não há mais conceitos fechados: muitos questionam inclusive se ainda podemos falar em fronteiras. Este deslocamento é tido na geografia, geralmente, como *desterritorialização*. Mas o que seria desterritorialização? E seria ela aplicável à literatura? Como lidar com a carga negativa que o prefixo *des-* acarreta? Através da leitura de alguns textos teóricos, principalmente do livro *O Mito da Desterritorialização* (HAESBAERT, 2007), pudemos aproximarmo-nos de algumas respostas e concluir que há aplicabilidade do termo também na Literatura. Brevemente, delineamos aqui que não há *desterritorializados*, mas sim *multiterritorializados* e, com isso, queremos dizer que, quando um indivíduo se desloca geograficamente, não podemos falar de “perda” territorial, mas sim de um processo concomitante de destruição e construção de territórios: há uma nova composição, uma coexistência destes territórios. E não importa o motivo do deslocamento, pode ser um exílio político ou econômico, uma mudança para acompanhar a família ou ir atrás de um sonho, dificilmente encontraríamos exemplos de uma desterritorialização total, pois o local de origem é uma marca que não se perde.

Najat El Hachmi em uma entrevista ao jornal *El País*, fala sobre esta relação com suas raízes como algo extremamente complicado e que há momentos em que ela quer negá-la mas, ao mesmo tempo, é impossível fazê-lo, deixando clara a inquietude que o assunto provoca. É exatamente esta inquietude que despertou nosso interesse por suas obras. A princípio, nos interessava encontrar uma autora (a marca de gênero importa) que pudesse representar essa nova cartografia global de que falamos no início desta introdução e, de acordo com o que estávamos pesquisando no grupo de estudos, concluímos que Najat El Hachmi seria uma escritora multiterritorializada, portanto, poderia ser nosso objeto de estudo, pesou também o fato de ela escrever a partir da Espanha, país de interesse primordial devido

ao nosso envolvimento com o mundo hispânico desde a graduação em Letras-Espanhol pela UFJF.

Ao procurar desenvolver melhor esta ideia de “multiterritorialidade” e a marca de gênero, nos deparamos com a obra de geógrafas feministas (Linda McDowell e Doreen Massey) que buscam traçar qual seria então o espaço da mulher, tanto geográfico quanto simbólico, levando em conta que os espaços são criados através de relações de poder que constroem as regras e definem seus limites, ditando quem pertence a um lugar e quem deve ser excluído. Essas geógrafas feministas não só analisam, mas também querem dismantellar as estruturas de poder que reforçam a inferioridade da mulher, desafiando a definição de feminilidade convencionalmente entendida.

Todas estas questões estão também inseridas nos chamados *estudos pós-coloniais* que marcam a questão do deslocamento dos indivíduos e suas relações identitárias, colocando em voga pesquisas que concernem à imigração. O fato de as pessoas emigrarem/imigrarem não é uma novidade, novo é o olhar que se tem sobre este acontecimento, pois, atualmente, quando vivemos sob a tutela de Estados-nação já formados, o encerramento de um indivíduo em uma comunidade imaginada acaba por definir o pensamento que ele tem sobre si próprio. No caso de Najat El Hachmi verificamos que, em um primeiro momento, ela não tem dúvidas sobre a que lugar pertence, ela declara ser catalã e ponto. Mas isso seria assim tão inflexível? É este o tipo de discussão que queremos tornar sempre presente na análise de suas obras que será feita nesta dissertação. Vale lembrar aqui que a Espanha mantém estreita relação com o Marrocos, país de origem de El Hachmi, já que são países separados geograficamente apenas por um estreito e que têm uma longa história de domínio e invasões um sobre o outro. Uma longa história de deslocamentos e de construções simbólicas no imaginário tanto de um país como do outro, a guisa de exemplo podemos citar o rechaço do espanhol em relação ao árabe, esse sendo de uma raça inferior, e a atração que a Europa exerce sobre as populações marginalizadas. Questões que serão discutidas mais adiante nesta dissertação.

Especificamente sobre a obra de Najat El Hachmi, verificamos que sua primeira publicação levanta a questão da identidade, tendo sua imigração para a Catalunha ainda muito pequena, aos oito anos de idade, como fato que a torna uma legítima catalã, destacando a questão do pertencer ao lugar onde vive. Ela quer que isto seja reconhecido, haja vista o título desta sua primeira obra, *Jo també sóc catalana* (“Eu também sou catalã”), livro publicado em 2004. A obra é um ensaio autobiográfico, não é um romance e, em princípio, não há ficcionalização, tanto que a obra não é encontrada nas estantes de ficção das livrarias nas, mas

sim nas de sociologia e de questões ligadas ao feminismo. Nesta obra inaugural de El Hachmi, encontramos uma mulher que quer legitimado seu valor como escritora, uma autora que, mesmo que ainda seja sua primeira obra, já se mostra cansada de ter que tratar sobre o tema imigração. Apesar de querer negar-se a falar da imigração, é sobre isto que ela escreve, já que é o que marca sua vida. A obra pode ser considerada uma autobiografia e o tema central são suas impressões do conflito por que passa por situar-se entre dois mundos, a Catalunha e o Marrocos. Dividido em cinco partes, é um relato breve acerca dos conceitos língua, identidade, religião, mulher e recordações, respectivamente. A obra conta também com um prólogo no qual El Hachmi ressalta que muitos são os estudos e as discussões sobre a imigração, mas que, em geral, tratam de cifras, números, e se esquecem que estão lidando com pessoas. Além de chamar a atenção para o fato do material humano envolvido na imigração, El Hachmi pontua também seu sonho, o de ser reconhecida como escritora e um dia poder deixar de falar sobre como é ser imigrante.

El Hachmi nega o tema da imigração, mas é ele que a torna conhecida em função de seu primeiro romance *L'últim patriarca* (“O último patriarca”) de 2008, ter recebido o prêmio Ramon Llull, tornando-a visível dentro do âmbito literário, tendo sido traduzido para o espanhol, o inglês e o português, por exemplo (El Hachmi escreve em catalão, trabalharemos com o ensaio nesta língua e os romances traduzidos para o espanhol). Nesse romance, a autora faz uso da ficção mesclada com dados autobiográficos para construir a memória de uma família que emigra do Marrocos e passa a viver na Catalunha. Sendo contada por uma voz feminina, a narrativa delinea a vida de quem ela chama de “o último patriarca” de uma tradicional família que vê seu patriarcalismo ser liquidado pelas atitudes transgressoras da filha, uma mulher que, desde pequena, vive o conflito de pertencer a dois mundos ao mesmo tempo e querer simplesmente ser respeitada como personalidade própria, em um contexto que desprivilegia o ser feminino.

A narrativa não é considerada autobiográfica, mas há muitas coincidências entre esta obra e o ensaio publicado anteriormente. É um romance que trata da violência que o patriarcalismo impõe às mulheres. Dividido em duas partes, na primeira temos o protagonismo de quem a narradora chama de o último patriarca da família: Mimoun Driouch, homem sem escrúpulos e que tem uma relação doentia com a filha que é a narradora de todo o romance e que, na segunda parte, assume o papel de protagonista da obra.

No capítulo 0 do romance já nos deparamos com o anúncio da ruptura do patriarcado pela filha que tenta legitimar a escrita ao usar o caráter de verdade para tratar do assunto. Este

anúncio aliado ao título nos parece uma grande estratégia para aumentar a curiosidade sobre a obra, já que o patriarcalismo é algo tão integrado à sociedade que às vezes parece ser natural, como diz Pierre Bourdieu ao questionar esta naturalidade, como se a divisão entre os papéis atribuídos aos sexos estivesse ‘na ordem das coisas’, como algo normal e inevitável. Com a curiosidade despertada, nos deixamos levar pela história da família Driouch até o rompimento do patriarcalismo (que também deixaremos para explicar como se deu depois, entrando no jogo de manter o interesse pela leitura) pela personagem da filha que não é nomeada no romance.

Acreditamos que a construção desta personagem revolucionária é o que dá base para a escrita do segundo romance publicado em 2011, a terceira obra de El Hachmi, intitulada *La cazadora de cossos* (“A caçadora de corpos”). Neste romance, a escritora dá voz a uma mulher anônima que busca entender a si mesma, tentando ocupar seus vazios existenciais com experiências sexuais que marcam a liberdade que tem sobre o próprio corpo. Esta mulher conta a um homem, também sem nome, suas experiências sexuais com homens diversos, procedentes de diversos lugares. Em uma entrevista em vídeo divulgada na internet<sup>1</sup>, Najat El Hachmi diz que o romance pode parecer erótico, mas é mais antierótico, no sentido de que explora a sexualidade, mas não tenta excitar o leitor. Nesta mesma entrevista, El Hachmi diz ter chegado à conclusão, através da protagonista do romance, de que o sexo não se pode separar do resto da pessoa e este é um romance que explora a sexualidade feminina no sentido de exaltar que a mulher precisa primeiro descobrir a si própria.

Depois de delineadas brevemente as obras, podemos explicar o título de nosso trabalho (“Representações da mulher na literatura transcultural de Najat El Hachmi”) com especial atenção à palavra “transcultural” que é utilizada com o sentido de trânsito de culturas, mudanças, diferenças. Assumimos também a postura de analisar as três obras, considerando a mulher como representação, portanto, desde o ensaio autobiográfico, consideramos a protagonista como personagem criado pela autora. O objetivo desta dissertação é traçar o despertar desta mulher, de seu corpo e de sua consciência, desde a primeira publicação de El Hachmi em que ela expõe sua vida pessoal até conseguir chegar à terceira obra, na qual já não há traços evidentes de uma autobiografia, apenas sugestões. Para discutir estas representações da mulher dividiremos nosso trabalho nas seguintes partes:

## Capítulo 2. Imigração: relações entre o Magrebe e a Espanha

---

<sup>1</sup><http://www.elmundo.es/elmundo/2011/05/11/valencia/1305097107.html> (acesso em 18/05/2012)

Capítulo 3. *Jo també sóc catalana*: Eu pertenço ao lugar onde estou

Capítulo 4. *L'últim patriarca*: um romance premiado

Capítulo 5. *La caçadora de cossos*: Afinal, o que é a liberdade do corpo?

Conclusão

Esta divisão obedece ao seguinte critério: o primeiro capítulo foi reservado para a discussão das questões teóricas, políticas e simbólicas, que envolvem as duas regiões que formam a identidade de El Hachmi: o Magrebe e a Catalunha. Mais especificamente, discutiremos a relação do Marrocos com a Espanha e, dentro da Espanha, a questão catalã. Do segundo ao quarto capítulo decidimos dedicar-nos à análise das obras, separadamente, cada capítulo dedicado a uma das três publicações de El Hachmi segundo a ordem cronológica de seus lançamentos. Assim, no terceiro capítulo discutiremos o ensaio autobiográfico *Jo també sóc catalana*; no quarto, o romance *L'últim Patriarca*; e, no quinto, o romance *La caçadora de cossos*. Ao estudar cada obra separadamente queremos discutir a representação feminina em cada uma delas, tentando mostrar como se dá a evolução do conjunto de sua literatura.

As traduções encontradas ao longo desta dissertação são todas de nossa autoria e o texto original aparecerá sempre em nota de rodapé.

## 2. IMIGRAÇÃO: RELAÇÕES ENTRE O MAGREBE E A ESPANHA

Para darmos início a este capítulo, interessa-nos traçar algumas linhas sobre o momento atual espanhol e marroquino, que será o representante magrebino de nosso trabalho. A Espanha é um país dividido em comunidades autônomas e não em estados, o que é muito significativo tendo em vista que, como se pode depreender da nomenclatura, cada uma de suas divisões políticas se conforma em comunidades culturais que têm autonomia dentro de seus respectivos territórios para criar suas leis desde que, claro, não sejam *totalmente* contrárias aos interesses do centro do poder que é Madri. O grau de identificação que a ideia de autonomia traz consigo é tão grande que conhecidos são os casos das comunidades do País Basco e da Catalunha que sonham e lutam pela independência de suas regiões para formar Estados-nações separados do Estado espanhol e englobando ainda outros territórios como parte da França e, no caso da Catalunha, uma cidade italiana. O País Basco é visto com um caso mais complicado porque sua luta por várias vezes envolveu o ataque direto vitimando civis. Estes ataques são atribuídos ao grupo ETA (*Euskadi Ta Askatasuna*, basco para *Pátria Basca e Liberdade*) que conforma a porção mais radical do liberalismo basco. Este grupo veio perdendo força por pressão policial da Espanha e da França e por não ter o apoio massivo da população basca que não quer uma independência fincada no ataque direto a civis. Em 20 de outubro de 2011, representantes do ETA vieram a público anunciar o fim definitivo de toda e qualquer atividade, num cessar-fogo permanente, mas tal tipo de trégua já havia sido anunciado antes, em 2004, e quebrada em dezembro de 2006, com o ataque ao aeroporto de Barajas em Madri que acabou por matar dois equatorianos e deixar dezenas de feridos.

O outro caso mais conhecido de luta separatista dentro da Espanha é a questão da comunidade catalã a qual nunca se identificou com Madri mas aceitou certas imposições em troca de representações dentro do poder legislativo nacional. A luta catalã, até recentemente, era uma luta que se fincava mais no campo das ideias, no sentido de marcar sua diferença, sua especificidade dentro da Península Ibérica. O que havia, na realidade, era mais um *sentimento* de diferença, de não-identificação com Madri, uma nostalgia de uma época em que a Catalunha foi vista como um país autônomo. O povo catalão se orgulha de ter sido o primeiro a se industrializar dentro da Espanha, se orgulha de possuir uma língua própria com rica

tradição literária e não queria conformar-se de ter que viver sob o jugo de Madri. Atualmente, um dos maiores orgulhos do povo catalão está no futebol, com o time do Barcelona, o *Barça*, que vem se mostrando uma das melhores equipes do mundo, o que contribui para que o povo catalão marque sua individualidade no cenário internacional, pois todos sabem que a equipe de futebol já ultrapassou os limites do campo para tornar-se a expressão cultural de seu povo. E este ultrapassar os limites do campo está expresso no lema do time: *més que un club* (“mais que um clube”) e muitos veem isso como símbolo do desejo de liberdade do povo catalão.

Usamos o pretérito imperfeito no parágrafo anterior para falar da luta catalã porque de fato *era* uma luta que se dava mais no campo das ideias, mas que no ano de 2012 saiu às ruas no dia da *Diada*, quando se comemora o dia da independência, mas sem ser de fato um país independente. Na verdade, este dia representa justamente uma derrota, a *Diada* é comemorada no dia 11 de setembro desde 1714, quando Barcelona caiu em mãos das tropas borbônicas sob o mandado do duque de Berwick durante a Guerra de Sucessão Espanhola. Sob o domínio Bourbon de Felipe V, tropas invadiram a cidade após um ano de sítio. Felipe V reprimiu duramente os catalães: a língua catalã foi proibida de ser falada, os representantes dos órgãos do governo catalão foram destituídos do poder e todos os castelos e armas dos catalães foram destruídos (cada catalão só podia ter em casa uma faca para ser utilizada nas refeições e esta deveria estar amarrada junto à mesa de jantar). Mas, curiosamente, a língua e a cultura catalã sobreviveram e é isto que é comemorado na *Diada*.

No ano de 2012, estima-se que cerca de dois milhões de pessoas saíram às ruas de Barcelona em manifestação para reivindicar a independência catalã com o lema *Catalunya nou estat d'Europa* (“Catalunha novo estado da Europa”). Os organizadores do evento falam em dois milhões de pessoas, a polícia fala em um milhão e meio e a imprensa madrilena diz não ter passado de seiscentos mil os manifestantes.

Este sentimento de que falamos e este parecer não identificar-se com Madri precisa ser mais bem delineado já que nosso objeto de estudo, Najat El Hachmi, se declara catalã e não espanhola ou ainda marroquina. Se recorrermos à história de formação do Estado espanhol, veremos que a Catalunha, na época medieval, tinha suas próprias leis que ditavam o controle da região. Estas leis são ainda hoje reivindicadas como um direito histórico do povo catalão de retomá-las em prol de um autogoverno que não se curvaria a Madri. As origens deste catalanismo político, já nos princípios da era moderna, remontam ao século XIV, quando nobres e religiosos catalães, através da chamada *Diputació del General* e do *Consell*



*de Cent*, formaram um bando aliado durante a guerra civil de então e declararam que seu chefe de estado tinha que ser eleito pelos catalães.

Segundo a visão histórica catalã, Catalunha era um estado independente, confederado ao reino de Valencia e ao de Aragão na Coroa de Aragão. Posteriormente, esta federação se amplia e, ao juntar-se à Castela, os membros da Coroa de Aragão tinham por certo que passavam a formar uma grande confederação livre, mas os membros da elite castelhana viam esta junção como uma soma de territórios fortemente unidos e sob seu mandado.

Este nacionalismo catalão ou, como chamamos aqui “catalanismo”, na visão de muitas pessoas só existe porque também existe um espanholismo, que seria a imposição de Castela frente às outras regiões. E este catalanismo existe hoje em dia graças às reivindicações do valor das leis catalães a que nos referimos antes. Reivindicações que começaram a ganhar força na medida em que a cultura e a língua catalães começaram a perder espaço, sendo sufocadas por imposições do uso do castelhano. Historicamente, vemos também que este catalanismo surge como um movimento cultural na Renascença catalã (século XVIII), numa época em que se tenta recuperar o prestígio social da língua e cultura catalãs, depois de séculos de diglossia linguística.<sup>2</sup> Mais tarde, este catalanismo se estrutura também como movimento político no ano de 1892, quando se apresentam as Bases de Manresa que propunham a restauração das antigas Constituições Catalãs, umas normas aprovadas pelas Cortes Catalães e que davam um elevado grau de soberania à Catalunha desde 1714 (ano da invasão borbônica, como vimos).

Atualmente, os indivíduos que se declaram catalanistas consideram que a Catalunha, ou os *Països Catalans* (já falamos em regiões de língua e cultura catalãs e, nos nossos dias, estas regiões correspondem na Espanha à Comunidade Autônoma da Catalunha, a grande parte da Comunidade Valenciana e às Ilhas Baleares. Fazem parte ainda o Rosellón Francês, chamado de Catalunha Norte, a cidade de Alguer na Itália e o principado de Andorra), são uma nação e que, como consequência, merecem um grau elevado de autogoverno. Mas as alternativas para exercer este autogoverno divergem: há os que defendem o direito à autodeterminação e os independentistas. Os que apóiam o direito à autodeterminação se fincam na Comunidade Autônoma da Catalunha e são liderados, principalmente, por uma corrente chamada *Convergència Democràtica de Catalunya*, que sustenta que a Catalunha deverá ser reconhecida como nação, com governo autônomo. Eles defendem que os catalães deveriam poder participar ativamente no futuro estatuto da Catalunha e poder decidir se a

---

<sup>2</sup> *Diglossia linguística* é quando há coexistência de duas línguas, mas uma se impõe sobre a outra como sendo a língua de prestígio.

Catalunha deve permanecer integrada à Espanha em um sistema de Estado com várias nações, algo parecido ao que acontece no Reino Unido onde a Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte gozam de direitos de nação, apesar de estarem sob o comando da Inglaterra, podendo inclusive formar equipes nacionais em competições esportivas e terem suas próprias leis; ou ainda tornar-se independente. O que estaria em jogo seria o direito de escolha e votação democrática por parte dos próprios catalães.

Já os independentistas são encabeçados pela *Esquerra Republicana de Catalunya* e defendem a ideia de independência total. Este é um movimento minoritário e que tem em seu seio a ideia generalizada de que a nação catalã não é formada somente pela Comunidade Autônoma da Catalunha, mas também pelos territórios de língua e cultura tradicionalmente catalães, os chamados *Països Catalans*. O ideal desta corrente é a criação de uma confederação que agrupe estes territórios.

Economicamente, o problema do País Basco e da Catalunha é o de serem as regiões que mais produzem, gerando renda dentro do país e, em contrapartida, serem as que mais têm de pagar impostos e menos ajuda recebem de Madri. Estudos dizem que se a Catalunha fosse um país independente estaria entre as maiores economias da Europa, em quarto lugar, passando a França.

Na Espanha, ainda há a comunidade galega, a qual também possui língua própria e certos traços diferenciadores dentro da Península Ibérica, mas não ouvimos falar de nenhuma luta separatista. O sul do país, que conforma a Andaluzia, também sempre manteve boas relações com Madri.

Já dentro da área denominada Magrebe (região do norte da África que engloba porções territoriais do Marrocos, Saara Ocidental, Argélia, Tunísia, Mauritânia e Líbia), vamos ater-nos no domínio marroquino. O Marrocos é um país que se tornou muçulmano no século VII, com a chegada dos árabes. No entanto, outro povo, os berberes, já habitava a região. Houve conflitos entre estes povos e muitos berberes acabaram se arabizando, o que faz com que atualmente o país seja conhecido como um país árabe. Albert Hourani, em seu livro *Uma história dos povos árabes* (2006), diz terem sido dois os motivos da arabização rápida e sem grandes conflitos: primeiro, o alto grau de organização militar dos árabes, que haviam adquirido experiência em lutas a serviço do império após a morte do Profeta Maomé em 632; segundo, para os cidadãos dos países conquistados, não importava muito quem os governasse porque o Estado interferia muito pouco em suas vidas. Eles só queriam segurança, paz e impostos razoáveis, não importava quem iria proporcionar isso.

O Magrebe começou a ser conquistado pela França em 1830, quando tropas francesas desembarcaram na costa argelina e conquistaram Argel. Há tempos tropas europeias desembarcavam na região para tentar conter o avanço da pirataria, mas dessa vez foi diferente, pois, sob as novas ideias da política francesa sob a monarquia restaurada, os franceses queriam uma forte posição de comércio na costa argelina. Portanto o domínio do Magrebe pelos franceses começou por uma questão puramente econômica. Rapidamente, a França se viu obrigada a expandir seu domínio pelo interior do país, já que queria aumentar seus rendimentos, fazendo alianças com autoridades e ocidentalizando as grandes cidades da região. Partindo da Argélia, a expansão francesa atingiu outros territórios, chegando ao Marrocos, onde houve expansão do comércio europeu, abrindo-se consulados e iniciando-se os serviços regulares de vapor.

A parte mais oriental do continente africano, juntamente ao Oriente Médio, não via com bons olhos esta expansão francesa e buscou apoio na Inglaterra, conhecido inimigo francês que também tinha interesse econômico na região. Os conflitos advindos deste jogo de interesses acabaram por dividir o mundo árabe entre um protetorado francês, o Magrebe, e o Egito, que, na época, representava os outros países, mas depois, já no século passado, perdeu este status por aliar-se aos Estados Unidos e mostrar-se contrário aos interesses dos países do Oriente Médio.

Como protetorado francês, os países magrebins receberam uma injeção de modernização, principalmente a Argélia, para onde muitos franceses se mudaram para trabalhar e comandar a região. Mas, aos poucos, ideias separatistas foram ganhando força e deu-se início a guerras pela independência.

Não iremos ater-nos à história da França em relação ao Magrebe porque o que mais nos interessa é a relação entre o Marrocos e a Espanha. A Espanha sempre manteve territórios sob seu domínio no Marrocos, chegando, por várias vezes, a negociar regiões com a França e, por fim, com a independência marroquina em 1956, conseguiu manter dois protetorados de terra: Ceuta e Melila.

No Marrocos, a partir de sua independência, deu-se início a conflitos de anexação de territórios ao seu, como, por exemplo, o caso do Saara Ocidental, que até hoje é uma questão delicada dentro do país, sendo motivo de censura na imprensa (o Marrocos tem certa liberdade de imprensa, principalmente se o compararmos com outros países árabes). É um país que também tem conflitos internos, mas não de cunho separatista como na Espanha. O Marrocos considera o Saara Ocidental como parte integrante de seu território, mas isso não é aceito

dentro da comunidade internacional. Os conflitos atuais no Marrocos estão pautados no centro do poder, numa luta contra a ditadura do rei Mohamed VI. O país é uma monarquia constitucional com um parlamento eleito pelo povo. O rei tem vastos poderes, incluindo o poder de dissolver o parlamento; ele é também o chefe religioso, visto como descendente direto de Maomé.

O Marrocos esteve na mídia nos últimos tempos em virtude de sua participação na chamada Primavera Árabe, uma série de manifestações que tiveram início no mundo árabe em dezembro de 2010 com o protesto de um jovem tunisiano que ateou fogo ao próprio corpo para marcar seu ponto de vista contrário aos desmandos do chefe de Estado de seu país, o presidente Zine el-Abdine Ben Ali. Este ato desesperado desencadeou manifestações pelas ruas da Tunísia, obrigando o chefe de Estado a fugir para a Arábia Saudita apenas dez dias depois do suicídio (Ben Ali estava no poder desde 1987). Da Tunísia, as manifestações partiram para outros Estados Árabes, culminando com a saída do poder no Egito do ditador Hosni Mubarak, que estava no poder havia 30 anos. A Líbia também conseguiu derrubar seu ditador, Muamar Kadafi, que era quem estava no poder há mais tempo na região: seu comando já durava 42 anos. O último ditador a cair foi Ali Abdullah Saleh, presidente do Iêmen. No Marrocos, os protestos de rua levaram o rei Mohamed VI a rever a Constituição Nacional, convocando para o mesmo ano votação popular de algumas reformas que limitaram o seu poder.

Historicamente, o Magrebe e a Península Ibérica sofrem múltiplas influências de ambos os lados e isso não poderia ser diferente dado que são regiões separadas geograficamente por um estreito, o Estreito de Gibraltar, que tem apenas 14 km de água, uma distância muito pequena que facilita a travessia de um lado a outro.

Antes de pensarmos em Estados Espanhol e Português, africanos provenientes do Magrebe circulavam pela Península Ibérica com certa facilidade, chegando a dominar parte desta região por sete séculos. Para ilustrar esta abordagem, devemos lembrar que, em sua formação, a Península Ibérica foi invadida por diversos povos vindos do norte europeu que, principalmente com a chegada dos romanos, povoaram e começaram a fixar os alicerces do que seria a Ibéria. Estes povos nunca foram unidos entre si, mas tinham um inimigo comum: os árabes, estritamente por questões religiosas, visto que, como sabemos, Roma tinha como um de seus preceitos a difusão e imposição do cristianismo. Até chegarmos às consolidações dos Estados-nações ibéricos, tal região vivia em meio a conflitos entre cristãos e árabes que tomavam, perdiam e retomavam cidades, empurrando contingentes populacionais de um lado

a outro do território, deslocando, com isso, não só fisicamente pessoas, mas também culturas, modos de viver e enxergar o mundo que mais tarde se mesclariam no caldeirão de influências mútuas que caracteriza o povo espanhol (claro que não só, mas é ele que nos interessa no momento).

A maior influência do povo árabe pode ser vista na região de Andaluzia na Espanha (o próprio nome da região vem de *Al-Andalus* que era como os árabes denominavam seu domínio no território ibérico). Nesta parte da Espanha, podemos encontrar as marcas árabes na arquitetura, como, por exemplo, os palácios da Alhambra, que trazem os traços árabes no seu acabamento; também na música, com o flamenco, que tem raiz em canções de origem árabes, e no próprio vestir do povo, principalmente as mulheres, que tem gosto por usar vários adornos, como as árabes.

Recentemente, a região da Catalunha, na Espanha, vem sendo o alvo de muitos imigrantes africanos que buscam melhores condições de vida. Esta região é escolhida por seu alto padrão de desenvolvimento dentro da península ibérica, com grandes investimentos principalmente na área da construção civil. E, para chegar a esta região, muitos africanos atravessam o Estreito de Gibraltar ilegalmente, arriscando-se a morrer em suas águas. Todos os anos são encontrados muitos corpos nas proximidades das praias que circundam o Estreito, não há estimativa de quantos exatamente, pois muitos não são contados, mas não são poucos, não se trata de casos isolados.

Não é difícil imaginar porque, na atualidade, muitos se arriscam para chegar à Espanha ou para dali chegarem a outros centros europeus. A razão é, sem dúvida, econômica. O sonho de se ter melhores condições de vida é um sonho universal e, para muitos, a Europa representa a concretização deste desejo. Desta forma, a Espanha se tornou ainda mais interessante assim que se deu sua entrada na União Europeia (1986), pois recebeu grande quantidade de recursos para reformar o país que acabara de sair de uma das maiores ditaduras europeias com o general Francisco Franco. A ajuda econômica do bloco europeu fez com que a Espanha deixasse de ser um país atrasado e essencialmente rural e passasse a ser um país industrializado, um país de *primeiro mundo*. Até então, a Espanha era conhecida como um país de emigração, sua população deixava o território espanhol para buscar emprego em outros países europeus ou em algum Estado latino-americano. O Brasil chegou a receber grande contingente de espanhóis para trabalhar nas colheitas na primeira metade do século passado, principalmente no estado de São Paulo. Mas esta característica de país emigrante deixou de existir a partir da década de 80, quando o país passou a ser um importante alvo de

imigração tanto de latino-americanos quanto de africanos do norte. Os latino-americanos, devido à proximidade da cultura e por serem em sua maioria de países hispânicos e falarem o castelhano, são considerados *menos* problemáticos que os norte-africanos, povo que não compartilha nem a língua, nem a cultura e nem a religião do Estado espanhol. Isso é o que se diz em teoria, pois, na prática, há de duvidar-se que realmente o preconceito que o imigrante suscita no país de acolhida tenha realmente uma medida. Outros imigrantes que atualmente procuram a Espanha são os europeus, principalmente do leste, mas estes gozam de certos privilégios por compartilharem a identidade europeia.

Apesar de a Espanha por muito tempo ter sido vista como um país de emigrantes, este fato parece que atualmente foi esquecido pelos espanhóis que rechaçam os imigrantes que chegam ao país, resta-nos perguntarmos o porquê e Sami Naïr (2010) tem uma possível resposta:

(...) No meu modo de ver, se os espanhóis se esquecem que também eles foram imigrantes no estrangeiro é porque a imigração não constitui motivo de orgulho para ninguém. Inclusive às vezes é motivo de vergonha. Evoca a miséria, a fome, a dureza da relação entre espanhóis, em sua própria terra... Resulta em uma espécie de fracasso histórico. (NAÏR, 2010, p.100)<sup>3</sup>

Interessante ponto de vista que coloca a emigração como um *fracasso nacional*. Será que os governantes veem desta maneira quando levas e levas de pessoas deixam sua terra natal? Claro está que se a pessoa alcança um bom nível de qualidade de vida em seu lugar de origem dificilmente pensará em arriscar-se a procurar uma nação desconhecida para encontrar a tal *vida melhor*.

A imigração que de fato nos interessa é o dos magrebinos. No livro *Rumbo al norte: Inmigración y movimientos culturales entre el Magreb y España* (2006), a pesquisadora Parvati Nair, da Queen Mary University of London, traça algumas considerações a respeito do que acontece atualmente nesta parte do globo. Partindo de uma pesquisa de campo, Nair analisa a mútua influência que os dois lados do *estrecho* vem tendo sobre as populações locais de ditas regiões. A primeira análise feita é o medo do *outro*, parâmetro de que fazem uso os espanhóis e que também serve para questionar um suposto *eu nacional*. São a cor da pele, o tipo de cabelo e traços culturais que fazem que os espanhóis se olhem no espelho, se reconheçam e, ao mesmo tempo, rechacem o *outro* que não é o modelo do europeu. Sami Naïr, em sua obra *La Europa mestiza* (2010), aponta que: “o outro sempre é, de certo modo,

<sup>3</sup> No original: (...) A mi modo de ver, si los españoles olvidan que también ellos fueron inmigrantes en el extranjero, es porque la inmigración no constituye motivo de orgullo para nadie. Incluso en ocasiones es motivo de vergüenza. Evoca la miseria, el hambre, la dureza de las relaciones entre españoles, en su propia tierra... Resulta una especie de fracaso histórico. (NAÏR, 2010, p.100)

uma parte do eu projetada, rejeitada ou renegada. O outro é o eu mais a representação da diferença entre ambos. (NAÏR, 2010, p.78)<sup>4</sup>. Ou seja, o medo que o imigrante árabe provoca nos espanhóis pode ser visto como o medo de ter que reconhecer a si mesmo sendo muito mais árabe do que europeu e assim seriam inferiores, já que

O islã é visto frequentemente como algo estático e diferente, uma fé inferior que induz à agressividade e é por princípio hostil ao Ocidente; por isso se justifica a conduta discriminatória em relação aos muçulmanos e os discursos anti-islâmicos se consideram como algo legítimo. (NAIR, 2006, p.102)<sup>5</sup>

A pesquisadora Irene Andres-Suárez, catedrática de Literatura espanhola da Universidade de Neuchâtel na Suíça, na introdução do livro *La inmigración en la literatura española contemporánea* (2002) também discute este medo que o árabe suscita na Espanha:

De todos os coletivos mencionados [imigrantes], o magrebino, em concreto o marroquino, é o majoritário em nosso país e também o que suscita maior rejeição entre os espanhóis, sentimento do qual os próprios afetados são plenamente conscientes. As razões para este preconceito são históricas e “fundam suas raízes em um prolongado contato entre a Espanha e o que agora se denomina Marrocos (...). Diferença linguística, cultural, religiosa, características fenotípicas, camada social, não são mais que a matéria prima sobre a qual se exerce um sentido máximo de autoctonia e ‘normalidade’ social frente ao diferente. (ANDRES-SUÁREZ, 2002, p.15)<sup>6</sup>

Juan Goytisolo, um dos maiores pesquisadores do assunto, analisa este tema como sendo a rejeição do espanhol em relação ao árabe culpa da intoxicação ocidental sobre a realidade dos países árabes. Os últimos acontecimentos envolvendo o mundo árabe como a Guerra do Golfo, o regime político iraniano, o terrorismo islâmico e os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos, são fatores que contribuem para aumentar o preconceito e rejeição por parte dos ocidentais. Goytisolo destaca também a degradação humana que este rechaço acarreta, sendo ainda maior o preconceito e o ódio deste tipo de rejeição do que a luta política ocorrida na Espanha de Franco:

Na Espanha passamos do Estado franquista, que não respeitava os direitos humanos e cometia numerosos enganos, a um Estado constitucional democrático, mas a violência racial xenófoba agravou-se (perguntem se não aos magrebinos e aos

<sup>4</sup> No original: el Otro siempre es, en cierto modo, una parte del yo proyectada, rechazada o renegada. El Otro es el yo más la representación de la diferencia entre ambos. (NAÏR, 2010, p.78)

<sup>5</sup> No original: El islam es visto a menudo como algo estático y diferente, una fe inferior que induce a la agresividad y es por principio hostil hacia Occidente; por eso se justifica la conducta discriminatoria hacia los musulmanes y los discursos antiislámicos se consideran algo legítimo. (NAIR, 2006, p.102)

<sup>6</sup> No original: De todos los colectivos mencionados, el magrebí, en concreto el marroquí, es el mayoritario en nuestro país y también el que suscita mayor rechazo entre los españoles, sentimiento del que los propios afectados son plenamente conscientes. Las razones de este prejuicio son históricas y “hunden sus raíces en un prolongado contacto entre España y lo que ahora se denomina Marruecos (...). Diferencia lingüística, cultural, religiosa, rasgos fenotípicos, extracción social, no son sino la materia prima sobre la que ejercer un sentido máximo de autoctonía y ‘normalidad’ social frente a lo diferente”. (ANDRES-SUÁREZ, 2002, p.15)

ciganos). De um lado – o da violência do poder –, as vítimas costumam ser os militantes políticos e sindicalistas que se opõe à injustiça, não admitem as regras de um jogo truncado e afrontam portanto sabendo os riscos de detenção, tortura, prisão. Do outro lado – o da violência social –, a vítima é castigada pela sua etnia, sua cor de pele. Violência muito mais odiosa já que não obedece a razões políticas, mas sim se situa no nível mais baixo e degradante do ser humano. (GOYTISOLO, 2003, p.20)<sup>7</sup>

Este embate entre ocidente e oriente é algo que vem desde séculos e, aparentemente, não irá cessar, afinal a busca por uma vida melhor é o que leva o fluxo de magrebinos rumo ao norte. Como ilustração dessa busca por melhores condições de vida, citamos Parvati Nair (2006) que ainda no início de sua obra ressalta:

(...) a obstinação por alcançar o sonho europeu nasce dos problemas sociais e econômicos causados pelo predomínio de incursões procedentes do norte global. Isto significa que o deslocamento, tanto sociocultural como econômico, é anterior ao ato de migrar, e que não é fácil, portanto, fazer distinções arbitrárias entre refugiados políticos e migrantes econômicos, quando a economia, e portanto a política limítrofe de sua pátria, obriga a estes últimos a seguir a rota global em direção ao poderoso norte. (NAIR, 2006, p.17)<sup>8</sup>

Além da questão econômica, vimos nesta citação que Nair distingue *deslocamento* de *imigração*, mostrando que o primeiro acontece antes do segundo, ou seja, antes os indivíduos são deslocados economicamente, são marginalizados, para depois tornarem-se imigrantes.

A situação entre o Marrocos e a Espanha se torna ainda mais complicada porque, além da proximidade geográfica, a Espanha mantém no Marrocos dois protetorados, Ceuta e Melilla, duas cidades espanholas encravadas no meio do território marroquino e que podem servir de porta de entrada à União Europeia. Tal fato fez com que a Espanha, com ajuda financeira da União Europeia, erigisse um muro com cerca de 3m de altura, encimado por arame farpado, com postos de vigilância e caminhos entre os muros para passagem de carros-patrolha. Há ainda redes de sensores subterrâneos de ruído e movimento, luzes de alta potência, videovigilância e equipamentos de visão noturna. Tudo isso para evitar a imigração

---

<sup>7</sup> No original: En España pasamos del Estado franquista, que no respetaba los derechos humanos y cometía numerosos atropellos, a un Estado constitucional democrático, pero la violencia racial xenófoba se ha agravado (pregúntenselo sí no a los magrebíes y a los gitanos). En un caso – el de la violencia del poder –, las víctimas suelen ser los militantes políticos y sindicales que se oponen a la injusticia, no admiten las reglas de un juego truncado y afrontan por tanto a sabiendas los riesgos de detención, tortura, encarcelamiento. En el otro – el de la violencia social –, la víctima es castigada por su etnia, su color de piel. Violencia tanto más odiosa cuanto no obedece a razones políticas, sino que se sitúa en el nivel más bajo y degradante del ser humano. (GOYTISOLO, 2003, p.20)

<sup>8</sup>

No original: (...) la obstinación por conseguir el sueño europeo nace de los problemas sociales y económicos causados por el predominio de incursiones procedentes del norte global. Significa esto que el desplazamiento, tanto sociocultural como económico, es anterior al acto de migrar, y que no es fácil, por tanto, hacer distinciones arbitrarias entre refugiados políticos y migrantes económicos, cuando la economía, y por tanto la política limitánea de su patria, obliga a estos últimos a seguir la ruta global hacia el empoderado norte.(NAIR, 2006, p.17)



ilegal nos limites dos enclaves espanhóis. Mas não parece inibir tanto assim, pois vêm sendo registradas tentativas de passagem em massa pelo muro, ano após ano.

Como vimos, a pesquisadora Parvati Nair viajou até o Marrocos para desenvolver uma pesquisa de campo. Uma de suas paradas foi a cidade de Tanger, importante referência geográfica por sua localização ao noroeste da África, junto ao Estreito de Gibraltar, onde começa a orla atlântica do Marrocos. A cidade, nos últimos anos, se transformou numa espécie de cidade-hospedagem, para onde muitos marroquinos de outras regiões do país e inclusive outros africanos viajam para esperar uma oportunidade de atravessar ilegalmente o Estreito de Gibraltar e adentrar no território europeu. A pesquisadora nos conta que alguns relatam que já tentaram, mas não foram bem-sucedidos, e esperam por uma nova chance. Outros ainda esperam pela primeira tentativa. O que mais lhe chama a atenção é a história de dois adolescentes que mal têm ideia do que significa migrar, o que eles sabem é que uma chance de trabalho e melhoria de condições econômicas estão lá, do outro lado do *estrecho*. Reflete Nair: “A emigração já não é um fenômeno social minoritário, mas sim um aspecto central da cultura popular tal como se vive e pratica no Marrocos (NAIR, 2006, p.26)”<sup>9</sup>

Os jovens com quem conversa são Qassim e Abdallah, eles têm 14 e 16 anos respectivamente, e vieram de outra região marroquina pegando caronas, não têm ideia de quanto tempo levaram para chegar até ali, vivem pelas ruas, dormindo em praças e comendo o que ganham de comerciantes e turistas. Quando perguntados sobre o porquê de estar ali, naquelas condições, esperando uma oportunidade de ir à Espanha, a resposta de Qassim é contundente: “Lá é melhor, todo mundo sabe.”<sup>10</sup> Abdallah desenvolve mais a questão: “Lá [eles] têm mais liberdade, mais dinheiro, se pode fazer mais coisas, aqui não temos nada. O governo não nos ajuda. Não há trabalho, nada para fazer.” (In: NAIR, 2006, p.33)<sup>11</sup>. Portanto, cria-se uma dicotomia entre o lá e o aqui, o lá sendo a Espanha, o bom lugar para se viver; e aqui o Marrocos, o lugar ruim, sem condições de vida. E, baseando-se nessa dicotomia e no sonho europeu, muitos ficam ali, observando o mar, imaginando que do outro lado está a rica Europa. Esta situação traz graves problemas sociais para a cidade, já que grande parte de sua população está desempregada e estes homens *passageiros* não estão ali para desenvolver a cidade. Muitos chegam até ali por meio de *mulas*, os traficantes de pessoas, e acabam caindo

<sup>9</sup> No original: (...) la emigración ya no es un fenómeno social minoritario, sino un aspecto central de la cultura popular tal como se vive y practica en Marruecos. (NAIR, 2006, p.26)

<sup>10</sup> No original: Aquello es mejor, todo mundo lo sabe. (NAIR, 2006, p.33)

<sup>11</sup> No original: Allí tienen más libertad, más dinero, se puede hacer más cosas. Aquí no tenemos nada. El gobierno no nos ayuda. No hay trabajo, nada que hacer. (NAIR, 2006, p.33)

no tráfico de drogas, pois a região do Marrocos onde se encontram é um conhecido centro produtor e exportador de *hashish*.

Ao continuar sua pesquisa de campo, Parvati Nair chega a Ceuta, ou Sebta, como dizem os árabes. Já vimos que esta cidade trata-se de um enclave espanhol em território marroquino. Nair coloca uma citação ao início do parágrafo que marca esta cidade como uma porta ao desconhecido porque, no passado, antes das Grandes Navegações, Ceuta seria a cidade mais próxima do limite do que se conhecia, sendo vizinha de Jebel Musa, uma das duas extremidades conhecidas como os pilares de Hércules, a outra extremidade seria Gibraltar, ou Jebel Tariq (diz a lenda que Hércules teria marcado estes pontos geográficos como a divisão, a porta entre o mundo conhecido e o desconhecido, após finalizar seus *trabalhos* – uma série de tarefas que teria tido que cumprir Hércules e que são vistas como uma narrativa de crescimento pessoal, sendo as últimas relacionadas com a morte). Desde então, paira sobre a região um ar perturbador que tem raiz na possibilidade de estar-se defronte do estranho, do não-conhecido, do *outro*. Politicamente, este pequeno enclave está carregado de significado, pois representa uma coluna espanhola dentro do território marroquino, uma presença europeia dentro da zona e que marcaria o extremo sul da Europa. Junto a Melilla, o outro enclave espanhol no Marrocos, Ceuta faz-nos pensar sobre a questão da fronteira, quais são seus verdadeiros limites e como fica a questão da hegemonia europeia. Estes enclaves colocam em questionamento a democracia, conceito tão em voga na Espanha pós-franquista, neocapitalista. Estamos tratando de cidades que são regidas por certas normas que não são vivenciadas no cotidiano das pessoas. Queremos, com isso, dizer que, apesar de estarem regidos por normas europeias, é com o Marrocos que estes enclaves mantêm relações de práticas culturais e uma história de mútua convivência. Para pensar estas questões, Nair propõe o uso do conceito de *heterotopia*, termo estabelecido por Michel Foucault e redefinido por David Harvey. A heterotopia (*hetero* = outro + *topia* = espaço) se encaixaria como conceito esclarecedor da problemática da região por caracterizar-se por dar nome ao espaço das *alteridades*, que não vivem a hegemonia, que estão entre o *aqui* e o *lá*. Nas palavras de Foucault:

Primeiro, há as utopias. As utopias são espaços sem lugar real. São espaços que mantêm com o espaço real da sociedade uma relação geral de analogia direta ou oposta. É a própria sociedade aperfeiçoada, ou é o contrário da sociedade, mas, de qualquer forma, essas utopias formam espaços que são fundamental e essencialmente irrealis. Também há, e isso provavelmente existe em todas as culturas, em todas as civilizações, lugares reais, lugares efetivos, lugares que estão inscritos exatamente na instituição da sociedade, e que são um tipo de contra-espaços, um tipo de utopias efetivamente realizadas nos quais os espaços reais, todos os outros espaços reais que podemos encontrar no seio da cultura, são ao mesmo

tempo representados, contestados e invertidos, tipos de lugares que estão fora de todos os lugares, ainda que sejam lugares efetivamente localizáveis. Esses lugares, porque são absolutamente diversos de todos os espaços que refletem e sobre os quais falam, eu os chamarei, por oposição às utopias, de heterotopias. (FOULCAULT, 1994, Vol. IV, p.755)<sup>12</sup>

Ceuta e Melila configurariam uma heterotopia, então, por serem espaços reais onde convivem as alteridades. Um espaço de convivência de “(...) mundos numerosos, fragmentários, contíguos e contraditórios” (NAIR, 2006, p.39)<sup>13</sup>.

Outro conceito utilizado por Nair para tratar de Ceuta (e que estendemos a Melila) é de *contiguidade*, de Homi Bhabha. De acordo com este conceito, “a mutação, vacilação, mediação e mudança de formas são atributos da nova cartografia global” (In: Nair, 2006, p.41)<sup>14</sup>. Portanto, os enclaves espanhóis que estão no cruzamento entre dois mundos distintos, são “(...) a um tempo, espaço de diferenciação e de disputa, de intercâmbio e de mescla”(NAIR, 2006, p.38)<sup>15</sup>. Esta noção é importante porque marca que as práticas político-econômicas atuais não são contraditórias, o que poderia marcar categorias separadas, mas sim contingentes, são partes de um mesmo fenômeno que são as práticas conflitantes, mas comunicadas entre si, da economia global.

Neste ponto em que questionamos o que seria uma fronteira, devemos pensá-la não só em seu aspecto físico/ político. Devemos lembrar que há também fronteiras simbólicas, que demarcam a posição social de cada pessoa. E, em lugares como Ceuta ou Melila, onde vimos que se abre espaço às alteridades, é ainda mais difícil definir quais seriam estas fronteiras simbólicas, já que a travessia de um lado a outro pela correnteza da cultura se dá o tempo todo. Trata-se de espaços onde

As fronteiras se entrecruzam, se confundem, se movem em diversas direções e se pode ver a partir de diversos ângulos. E, sobretudo, na fronteira coincidem e se confundem espaços e tempos díspares. (NAIR, 2006, p.40)<sup>16</sup>

<sup>12</sup> In: Revista Aulas. ISSN 1981-1225. Dossiê Foucault. N. 3 – dezembro 2006/março 2007. Organização: Margareth Rago & Adilton Luís Martins - Disponível em <http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/19.pdf>

<sup>13</sup>

No original: (...) mundos numerosos, fragmentarios, contíguos y contradictorios. (NAIR, 2006, p.39)

<sup>14</sup>

No original: la mutación, vacilación, mediación y cambio de forma son atributos de las contingencias y contigüidades de la nueva cartografía global. (NAIR, 2006, p.41)

<sup>15</sup>

No original: (...) a un tiempo, espacio de diferenciación y de disputa, de intercambio y de mezcla. (NAIR, 2006, p.38)

<sup>16</sup> No original: Las fronteras se entrecruzam, se confunden, se mueven en diversas direcciones y se pueden ver desde muchos ángulos. Y, sobre todo, en la frontera coinciden y se confunden espacios y tiempos díspares. (NAIR, 2006, p.40)

Não queremos que este espaço heterotópico se pareça a uma utopia, não estamos dizendo que a convivência de alteridades se dê de maneira harmoniosa ou que seja bem vista por todos os envolvidos no processo. Exemplo disso é a dificuldade que Parvati Nair teve em conseguir que alguém lhe concedesse uma entrevista, pois muitos viam na sua aparente lícita pesquisa acadêmica um obstáculo ou nenhuma ligação com suas não-lícitas aspirações de imigrar-se para a Espanha, já que seria uma imigração ilegal. A maioria se recusou a falar com ela e sempre a olhavam desconfiados. Mas houve um imigrante que chamou especialmente sua atenção e sobre o qual ela pode saber um pouco sua história. Seu nome é Shamsul e ele nasceu em Bangladesh.

Shamsul procurou ajuda de traficantes de pessoas a fim de chegar à Inglaterra, caminho comum percorrido por seus conterrâneos, mas acaba sendo levado para Ceuta, cidade que ele não conhecia, nunca ouvira falar. Ele só tomou conhecimento de onde estava quando no porto lhe informaram. Shamsul foi pego pelas autoridades espanholas e levado para o CETI (*Centro de Estancia Temporal de los Inmigrantes*), mas preenche seus dias pelas ruas de Ceuta, a ver passar o tempo enquanto espera uma definição de seu caso que provavelmente será a repatriação. Shamsul faz o papel de guia de Nair dentro do CETI e chama a atenção dela para as fronteiras que são criadas ali dentro, pois os imigrantes se dividem em grupos de acordo com suas origens. Seu caso é curioso também pela questão da falta de perspectiva que tem da vida. Deixou seu país para buscar uma vida melhor na Europa, chegou a um enclave europeu na África que nem conseguia localizar no mapa e agora vive à espera de uma extradição. A princípio, podemos pensar que o bangladeshiano fosse mais um caso de uma pessoa de pouco estudo e baixíssimas condições de conseguir uma boa renda em seu país, mas não é exatamente assim. Shamsul é licenciado em Ciências Políticas, mas o sonho dourado de um bom emprego na Europa o tomou e ele resolveu empreender esta aventura da imigração ilegal.

Para que Shamsul fosse mandado de volta a seu país, seria necessário um acordo de repatriação entre os governos da Espanha e de Bangladesh, mas atualmente a Espanha só tem este tipo de acordo com alguns países (entre eles, o Marrocos). A solução encontrada pelas autoridades ceutas foi livrar-se de Shamsul e outros que se encontravam na mesma situação dando-lhes passagens para a Espanha peninsular. Eles foram para lá sem dinheiro e sem saber o que fazer. Nair ficou sabendo que Shamsul foi para Barcelona e que sua situação jurídica ainda não se resolveu.

O caso de Shamsul faz-nos refletir sobre nossa história contemporânea, faz-nos perguntarmos como ele se perguntou: “Para que vim? Vim para conseguir uma vida melhor. É esta uma vida melhor?” (In.: NAIR, 2006, p.65)<sup>17</sup> Estes questionamentos devem fazer parte de nosso cotidiano, porque o sonho de uma vida melhor, de trasladar-se a um lugar mais próspero e civilizado não se restringe a um ou outro cidadão, em casos isolados. Já vimos que este tipo de sonho configura o imaginário de comunidades inteiras, como ocorre em muitas cidades marroquinas. E este tipo de sonho é um produto do capitalismo e deve ser questionado. É sempre *lá* que está a tal vida melhor? Ela não poderia melhorar *aqui*? Claro que sim, mas isso é uma questão delicada. Depende do desenvolvimento econômico do Marrocos (e, por extensão, de qualquer país) e de políticas de incentivo ao desenvolvimento da melhoria da qualidade de vida da população. Falando assim parece fácil, mas não é. Não é fácil nem rápido e, até lá, ainda haverá muitas pessoas deixando suas regiões à procura de um lugar melhor.

Se deixar o país é um fato para muitos, como devem comportar-se no país de acolhida? Devem tentar recriar ali suas comunidades ou incorporar-se totalmente à comunidade estrangeira? E a religião? E a língua? Os costumes? Não há uma resposta satisfatória para estas perguntas. O que vemos acontecer são muitos destes imigrantes se juntando e tentando recriar a comunidade que deixaram e isso acaba criando muitos guetos sociais nos espaços urbanos de qualquer cidade que receba grande quantidade de imigrantes.

Ao pensarmos os, pelo menos dois, espaços envolvidos no processo de imigração recorreremos à Abdelmalek Sayad, que diz:

(...) na origem da imigração encontramos a emigração, ato inicial do processo, mas igualmente necessidade de ordem epistemológica, pois o que chamamos de *imigração*, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de *emigração*; como duas faces de uma mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal – e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante. (SAYAD, 1998, p.14)

Desta citação depreendemos que a identidade do emigrante é logo perdida para a sociedade que ele deixou; passa logo a ser substituída pela de imigrante, e isso acontece para a sociedade antes mesmo de acontecer para o indivíduo envolvido no processo. E,

(...) na medida em que os contatos do imigrante com a sociedade que o agrega a si se prolongam, se ampliam e se intensificam, ou seja, na medida em que o imigrante sai

<sup>17</sup> No original: ¿Para qué vine? Vine para conseguir una vida mejor. ¿Es ésta una vida mejor? (In.: NAIR, 2006, p.65)

da esfera em que o restringem tradicionalmente o estatuto e a condição que lhe são atribuídos, na medida em que vai ganhando novos espaços (alguns deles inéditos, como o espaço político), chegando a desmentir a definição dominante que se dá dele e da imigração, indo até o questionamento da representação que se tem dele e que ele tem de si mesmo, o tratamento social e o tratamento científico, sendo que este encontra-se com frequência na dependência daquele, reservados ao imigrante e, mais amplamente, a todo o fenômeno da imigração, ganham em extensão e em compreensão. (SAYDAD, 1998, p.14)

E o avanço desta compreensão pode ser ilustrado com a obra do geógrafo Rogério Haesbaert que, claro, partindo da Geografia, pensa o fenômeno do deslocamento, antes visto como desterritorialização, como sendo, na verdade, uma multiterritorialização, portando não haveria uma perda de território como o prefixo *des-* marca, mas sim um ganho variado, como depreendemos de *multi-*. Citamos Haesbaert que diz que

muito do que os autores denominam desterritorialização é, na verdade, a intensificação da territorialização no sentido de uma “multiterritorialidade”, um processo concomitante de destruição e construção de territórios mesclando diferentes modalidades territoriais (como os “territórios-zona” e os “territórios-rede”), em múltiplas escalas e novas formas de articulação territorial. (HAESBAERT, 2007, p.32)

Portanto, é um fenômeno essencialmente vivo, dinâmico e que acompanha os agentes envolvidos em diversas escalas, tais como a geográfica, a social, a política, a simbólica...:

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto “força produtiva”); a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neoliberalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (HAESBAERT, 2007, p.37)

Esta longa citação é importante porque marca as diferentes noções que o termo “território” traz consigo e, por extensão, pensaremos do mesmo modo a imigração que lhe está intrinsecamente ligada.

Por fim, aproximamo-nos de nosso objeto de estudo, a escritora catalã Najat El Hachmi. Nascida em Nador, Marrocos, em 1979, translada-se à Espanha, a Vic, na Catalunha, aos oito anos de idade e desde então vive em território espanhol. Quando do nascimento de El Hachmi, o pai já havia emigrado para a Catalunha e, graças a uma política de reagrupamento familiar, todos foram viver com ele. A escritora é licenciada em Filologia Árabe pela Universidade de Barcelona e atualmente trabalha como funcionária pública na cidade de

Granollers, Catalunha. Ela colabora com diversos meios de comunicação, entre eles a emissora *Catalunya Cultura* e o jornal *El Periódico*.

Recentemente, El Hachmi esteve envolvida em uma polêmica em relação ao preconceito sofrido pelos imigrantes na Espanha. Em 2010 ela declarou em público que seu filho, então com quase dez anos, havia sido chamado, pela primeira vez, de “moro de mierda”. Esta declaração serviu de base para impulsionar discussões sobre a novos habitantes da Catalunha e o recebimento dado a eles. Em uma entrevista ao jornal *El Periódico*, El Hachmi declara que “moro de mierda es un insulto común” e que ela mesma já o sofreu. Mas seu filho é catalão, nascido na Catalunha e, ao ser insultado desta maneira, reacende as discussões sobre o que seria o *nós* na definição catalã. Reproduzimos aqui sua resposta em relação a esta questão quando lhe perguntam qual seria o problema de fundo:

“Eu posso explicar ao meu filho que é daqui, mas não servirá de nada se coletivamente não se muda o conceito de ‘os outros’ pelo de ‘nós’, algo que ainda não aconteceu. É verdade que há gente aqui que o tem interiorizado. Mas ainda há atitudes que veem normais coisas que não o são, como estes insultos”<sup>18</sup>.

Conscientes destes conflitos ainda não-resolvidos, iremos, nos próximos capítulos, tentar analisar a obra desta escritora catalã que ainda sofre com a marca de origem e, como mulher, sempre sofreu com a marca de gênero.

### **3. JO TAMBÉ SÓC CATALANA: EU PERTENÇO AO LUGAR ONDE ESTOU**

---

<sup>18</sup> No original: -Que yo puedo explicar a mi hijo que es de aquí, pero no me servirá de nada si colectivamente no se cambia el concepto de «los otros» por el de «nosotros», algo que todavía no ha sucedido. Es verdad que hay gente que sí lo tiene interiorizado. Pero todavía hay actitudes que ven normales cosas que no lo son, como estos insultos. (<http://www.elperiodico.com/es/noticias/sociedad/20101008/najat-hachmi-moro-mierda-insulto-comun/522084.shtml>. Acesso em 18/09/2012)

Neste segundo capítulo, interessa-nos analisar a obra *Jo també sóc catalana* (2004) focando-nos principalmente no que concerne ao desenvolvimento da questão da mulher que irá apresentar-se como protagonista e narradora dos romances posteriores de El Hachmi. Segundo a escritora, o que a impulsionou a escrever este ensaio foi uma pergunta do filho a qual ela não soube responder: “Yo soy catalán, mamá?”. O livro resultaria então em uma tentativa de resposta, em que ela analisa com profundidade e lucidez a experiência de ser imigrante.

Como dito na introdução desta dissertação, as obras de El Hachmi são originalmente escritas em catalão e não há tradução de seu primeiro livro para nenhuma língua, por isso tivemos que lê-lo em catalão. As outras obras decidimos lê-las em espanhol devido ao alto domínio que possuímos de tal idioma. El Hachmi tem um modo peculiar de escrever, não marcando os diálogos, transgredindo a pontuação convencional, por isso pode causar estranhamento a leitura dos trechos traduzidos de suas obras que vamos citar nesta dissertação, pois tentaremos mantê-los o mais próximo possível do original, não alterando a pontuação.

Sua obra inaugural, o ensaio, ao qual já nos referimos algumas vezes, é de caráter autobiográfico. Antes de analisarmos o que a adjetivação autobiográfica pode trazer para o texto, devemos pensar por que o chamamos de *ensaio*. Numa definição simples, poderíamos dizer que ensaio é um texto breve onde são expostas ideias, críticas e reflexões sobre um certo tema sem a necessidade de comprovação empírica dos fatos. Portanto, nesta obra El Hachmi discorrerá sobre temas que concernem ao que poderia ser sua autobiografia e os pensamentos advindos desta, mas sem fazer-se necessário que tudo seja comprovado. Já ao falarmos de autobiografia, num primeiro momento, temos a ideia clara de que se trata de um texto sobre a vida de alguém contada por este mesmo alguém. Costuma-se atribuir à autobiografia um caráter de verdade que atualmente é questionado, pois são muitos os que defendem que se pode ficcionalizar a própria realidade, dando relevância e colorido novo a fatos de início simplórios e/ou também ocultando o que se queira. Para a análise desta primeira obra de El Hachmi, nós assumimos a postura de considerá-la (a autora) como personagem, como representação da mulher magrebina imigrante na Espanha.

Um dos mais conhecidos estudos que temos sobre a autobiografia é a obra *O Pacto Autobiográfico* do francês Philippe Lejeune, publicada pela primeira vez em 1975. Nesta obra, Lejeune tenta estudar um assunto visto até hoje por muitos como de pouca importância, até mesmo considerado como indigno de ser tratado como Literatura, mas que, se voltarmos



nossa atenção principalmente para a autoria feminina, veremos que é sim muito relevante, pois foram os diários e os romances intimistas os primeiros escritos em que se tem notícia de que a mulher tenha conseguido tomar a pena e escrever.

No *Pacto*, Lejeune pontua que na autobiografia há um compromisso entre autor e a verdade do que está sendo dito e este compromisso pode ser estabelecido de duas maneiras:

1. *Implicitamente*, na ligação autor-narrador, no momento do *pacto autobiográfico*. Este pode assumir duas formas:
  - a) Uso de *títulos* que não deixem pairar nenhuma dúvida quanto ao fato de que a primeira pessoa remete ao nome do autor (*História de minha vida, Autobiografia* etc.);
  - b) *seção inicial* do texto onde o narrador assume compromissos junto ao leitor, comportando-se como se fosse o autor, de tal forma que o leitor não tenha nenhuma dúvida quanto ao fato de que o “eu” remete ao nome escrito na capa do livro, embora o nome não seja repetido no texto.
2. *De modo patente*, no que se refere ao nome assumido pelo narrador-personagem na própria narrativa, coincidindo com o nome do autor impresso na capa. (LEJEUNE, 2008, p.27)

Seria necessário que pelo menos um destes meios estabelecesse a identidade de nome entre autor, narrador e personagem e, ao analisar estes elementos em *Jo també sóc catalana*, verificamos que o compromisso com a verdade foi estabelecido das duas maneiras citadas, pois implicitamente notamos que o título não deixa pairar dúvida sobre o “eu”, sendo este pronome pessoal utilizado; e, na seção inicial, no prólogo, este mesmo “eu” aparece muitas vezes explicando que tudo o que será tratado no livro diz respeito a ela, Najat El Hachmi. Ainda, de forma patente, no transcorrer do texto o nome de Najat aparece e “esse fato, por si só, exclui a possibilidade de ficção”. (LEJEUNE, 2008, p.30) Mas acreditar neste “eu” tão sincero e verdadeiro que se comprometeria a dizer somente a verdade só porque usa o “eu” e assina a capa da obra não seria ingenuidade? Acreditamos que sim e o próprio Lejeune anos mais tarde em 1986 diria: “(...) que ilusão acreditar que se pode dizer a verdade e acreditar que temos uma existência individual e autônoma!” (LEJEUNE, 2008, p.65) E é com esta dúvida que temos que analisar esta primeira obra de El Hachmi: ela parece ter feito o pacto com a verdade, mas esta verdade pode ter sido ficcionalizada.

Parece-nos importante também discorrer sobre esta obra capítulo por capítulo, pois assim teremos uma ideia geral sobre o pensamento de El Hachmi a respeito de vários temas que serão depois retomados nos romances, sempre lembrando que a questão da marca de gênero é importante. Trataremos de uma literatura escrita por uma mulher e isto é relevante porque, como todos sabemos, a cultura é masculina. Basta olhar qualquer agenda de atos literários, suplementos culturais ou catálogos editoriais, e verificaremos um descompasso

numérico entre homens e mulheres, a menos, claro, que a temática do evento seja a literatura de autoria feminina.

Simone de Beauvoir, em 1949, já delineava que as mulheres são sempre o segundo sexo e que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” por meio de imposições sociais. Elas são sempre o “outro”, o negativo, pensadas não por si só, mas sempre em relação aos homens, e esta é uma condição que ainda permanece no seio de nossa sociedade. Mas “A arte, a literatura, a filosofia são tentativas de fundar de novo o mundo sobre uma liberdade humana: a do criador”. (BEAUVOIR, 2008, p.91)

Acreditamos que a escrita de El Hachmi é uma destas tentativas de “fundar de novo o mundo” e, a partir disso, discorreremos sobre suas opiniões nessa sua primeira obra. De início, no prólogo temos uma ideia importante que El Hachmi faz questão de pontuar e nomear: ela faz parte do que chama de *geração de fronteira*, os herdeiros de projetos paternos que se encontram onde estão não por vontade própria, mas por força de uma ideia que veio antes mesmo de ela ter nascido. El Hachmi ressalta que não é positivo chamar esta geração de *segunda geração*, como alguns fizeram, fácil de entender, afinal o vocábulo *segunda* pode ser entendido como pior, inferior. Seguindo a mesma linha de ideia, Simone de Beauvoir nomeou a mulher como o *segundo sexo*, com isso ilustrando como a sociedade vê a mulher, não sua própria opinião. Nas palavras de El Hachmi: “Sou um degrau intermediário, formo parte do que eu chamaria geração de fronteira, também mal nomeada de <<segunda geração>>”. (EL HACHMI, 2004, p.13)<sup>19</sup>

Para seguir com a discussão de ideias que aparecem no prólogo, exemplificaremos o que El Hachmi diz sobre o que leremos na sua obra, o que encontraremos nesta autobiografia que ela chama de *híbrido transgênico*:

É por isso que este livro perfila como uma espécie de híbrido transgênico: umas memórias que não são bem memórias, experiências reais que parecem fictícias e um componente de análise deste relato vivencial que não é bem um ensaio. (EL HACHMI, 2004, p.13)<sup>20</sup>

Esta citação se adéqua ao que vimos anteriormente na conceituação de autobiografia, como sendo um texto fiel à realidade e/ou contendo elementos ficcionais. Ao utilizar o termo transgênico, El Hachmi se refere às mudanças de gênero textual de sua escrita e, acerca do hibridismo, citamos Linda McDowell que esclarece:

<sup>19</sup> No original: Sóc un esgraó intermedi, formo part del que jo anomenaria generació de frontera, altrament mal dita <<segona generació>>. (EL HACHMI, 2004, p.13.)

<sup>20</sup> No original: És per això que aquest llibre perfila com una espècie d’híbrid transgenèric: unes memòries que no són ben bé memòries, experiències reals que semblen fictícies i un component d’anàlisi d’aquest relat vivencial que no és ben bé assaig. (EL HACHMI, 2004, p.13)

Assim, o hibridismo, como o usado por teóricos culturais como Stuart Hall, significa apenas que as identidades e formas culturais são um produto da miscigenação e da fusão, um produto do movimento. O termo, no entanto, tem sido usado em uma variedade de maneiras ligeiramente diferentes. Ele tem sido usado em associação com imagens que sugerem uma identidade entre dois mundos concorrentes: para se referir a pessoas que parecem viver nas fronteiras ou nas margens (...). Alternativamente, pode ser utilizado para significar uma terceira identidade que substitui as duas que constroem a hibridação. Aqui, termos como travessia de fronteira, de intermediação, ou terceiro espaço (Bhabha 1990, 1994) também são por vezes utilizados para atribuir o mesmo conceito. Na verdade, os termos não são tão diferentes uns dos outros, como o conceito de viver nas margens ou na intermediação não implica marginalidade, mas sim a transcendência de identidades (...) (McDOWELL, 2007, p.212)<sup>21</sup>

El Hachmi representaria, portanto, esta transcendência, ela estaria neste terceiro espaço a que se refere Bhabha, e que é bem explicado por Núria Codina Solà:

A autora não representa uma identidade monolítica ou binária, e, como descreve Leslie A. Adelson em seu ensaio “Against Between: A Manifesto”, não se situa entre duas culturas, mas sim vai além delas, superando toda tentativa de classificação. O conceito identitário que El Hachmi postula em sua obra é analisado neste artigo com base nas teorias culturais de Homi K. Bhabha. Em *The Location of Culture*, Bhabha alinha o conceito de ‘terceiro espaço’ para definir os processos de hibridação e a diferença cultural que caracterizam as sociedades atuais como consequência da globalização, das migrações em massa e das diásporas culturais. Além disso, segundo Bhabha, as culturas ocidentais devem ser repensadas a partir de uma perspectiva pós-colonial e a história necessita ser revisada de forma crítica. (...) Apesar dos vínculos de El Hachmi com a literatura hispano-marroquina, sua obra se situa, sobretudo, no contexto mais amplo da literatura transcultural, que tem como eixo central a experiência migratória e a diferenciação cultural.<sup>22</sup>

Por fim, para fechar a análise do prólogo, ilustraremos a justificativa que El Hachmi dá para o questionamento do porquê escrever:

(...) escrevo para sentir-me mais livre, para desfazer de minha própria clausura formada por denominações de origem, por medos, por esperanças frequentemente

---

21

No original: So hybridity, as used by cultural theorists such as Stuart Hall, merely means that identities and cultural forms are a product of intermingling and fusion, a product of movement. The term has, however, been used in a range of somewhat different ways. It has been used in association with images that suggest an identity between two competing worlds: to refer to those who seem to live on the borders or in the margins (...). Alternatively, it may be used to signify a third identity that replaces the two that construct the hybridity. Here the terms border crossing, betweenness or third space (Bhabha 1990, 1994) are also sometimes used to imply the same concept. In fact the terms are not so different from each other, as the concept of living in the margins or betweenness is not meant to imply marginality but rather the transcendence of identities (...) (McDOWELL, 2007, p.212)

22

No original: La autora no representa una identidad monolítica ni binaria, y, tal y como lo describe Leslie A. Adelson en su ensayo “Against Between: A Manifesto”, no se sitúa entre dos culturas, sino que va más allá de ellas, superando todo intento de clasificación. El concepto identitario que El Hachmi postula en su obra se analiza en este artículo en base a las teorías culturales de Homi K. Bhabha. En *The Location of Culture*, Bhabha acuña el concepto de ‘tercer espacio’ para definir los procesos de hibridación y la diferencia cultural que caracterizan a las sociedades actuales como consecuencia de la globalización, las migraciones en masa y las diásporas culturales. Además, según Bhabha, las culturas occidentales deben repensarse desde una perspectiva poscolonial y la historia necesita ser revisada de forma crítica. (...) A pesar de los vínculos de El Hachmi con la literatura hispano-marroquí, su obra se sitúa, sobre todo, en el contexto más amplio de la literatura transcultural, que tiene como eje central la experiencia migratoria y la diferencia cultural. (SOLÀ, Núria Codina. *Iberoromania*, Maio 2012, Vol. 73-74 Issue 1, p196-206, 11p; DOI: 10.1515/ibero-2011-0012

entroncadas, por dúvidas contínuas, por abismos próprio dos pioneiros que exploram novos mundos. (EL HACHMI, 2004, p.14)<sup>23</sup>

Portanto, como vários outros escritores, El Hachmi usa a literatura como uma forma de expressão do *eu*; um *eu* que pode ser *real* ou *inventado*, mas de qualquer forma pautado no que lhe atinge como pessoa.

O primeiro capítulo do ensaio, intitulado *Les llengües maternes* (“As línguas maternas”), trata de sua relação com a linguagem, com as duas línguas com que se identifica: o catalão e o amazigh. Para tratar deste assunto, El Hachmi constrói este capítulo trazendo a figura de seu filho, com quem por vezes discute tal tema. Ela mostra preocupação por seu filho aprender o amazigh, a língua dos pais:

Antes que você nascesse, muito antes ainda que fosse concebido, o seu pai e eu tínhamos decidido que lhe havíamos de falar em amazigh. (...) Não dar-lhe a oportunidade de aprender a língua dos seus antepassados teria sido um crime contra a sua formação e contra os laços cada vez mais débeis que o unem ao Marrocos. (EL HACHMI, 2004, p.20-21)<sup>24</sup>

Além da preocupação de não perder suas raízes (fato que pode soar curioso já que, ao se autodeclarar catalã, poderíamos imaginar que haveria algum grau de negação de sua origem marroquina), El Hachmi também faz uma importante comparação entre o amazigh e o catalão, igualando-os enquanto línguas consideradas de segunda categoria, o catalão em relação ao espanhol e o amazigh em relação ao árabe:

No fim das contas, nem sequer é a língua dos teus pais [o árabe], é a língua dos opressores em um reino onde o amazigh sempre foi considerado de segunda categoria, linguagem oral, nada mais, bárbara, nos dizem. E se sentirá ferido o dia em que volte ao Marrocos e aqueles que ostentam o poder lhe falem na língua do profeta, na língua do rei? Certamente menosprezam os nossos sons, mas esta sensação não lhe será desconhecida. A sua língua materna, o catalão, foi em outros tempos perseguido e desprezado, não em vão a sua mãe as sente como duas línguas irmãs. (EL HACHMI, 2004, p.27)<sup>25</sup>

---

<sup>23</sup>

No original: (...) escriu per sentir-me més lliure, per desferme del meu propi enclaustrament, un enclaustrament fet de denominacions d'origen, de pors, d'esperances sovint entroncades, de dubtes continus, d'abismes de pioners que exploren nous mons.(EL HACHMI, 2004, p.14)

<sup>24</sup>

No original: Abans que tu naixessis, molt abans fins i tot que fossis concebut, el teu pare i Jo teníem decidit que t'haviem de parlar en amazic. (...) No donar-te l'oportunitat d'aprendre la llengua dels teus avantpassats hauria sigut un crim contra la teva formació i contra els llaços cada vegada mes febles que t'uneixem amb el Marroc. (EL HACHMI, 2004, p.20-21)

<sup>25</sup>

No original: Al cap i al fi, ni tan sols és la llengua dels teu pares, és la llengua dels opressors en un regne on l'amazic sempre s'ha considerat de segona categoria, llenguatge oral, només, bàrbars, ens diuen. ¿Et sentiràs ferit el dia que tornis al Marroc i aquells que ostenten el poder et parlin en la llengua del profeta, en la llengua del rei? Segurament menysprearan els nostres sons, però aquesta sensació no et será desconeguda. La teva altra llengua materna, el català, fou en altres temps perseguida i menystinguda, no en va la teva mare les sent com dues llengües germanes. (EL HACHMI, 2004, p.27)

Ainda sobre a linguagem, El Hachmi lança ao papel um desejo, um sonho, uma ideologia:

Espero que, como a sua mãe, aprenda a estimar todas as línguas igualmente, patrimônio histórico, legado mais antigo de todas as civilizações, músicas que nos vem de muito longe e que temos que preservar. Saberá que não há idioma ou dialeto melhor nem pior, todos servem para expressar os nossos sentimentos, desejos e frustrações. (EL HACHMI, 2004, p.27)<sup>26</sup>

Da ideologia vamos à prática, El Hachmi se mostra consciente da importância do conhecimento da língua do país de acolhida para chegar-se a entender o mundo novo que a imigração expõe aos imigrantes. Um mundo novo com novas paisagens e novas ideias, novas pessoas: “A língua era uma necessidade vital, (...) entender o catalão era abrir as portas a um novo mundo, ter as chaves para acessar a intimidade dos habitantes daquele país de nevoeiro.” (EL HACHMI, 2004, p.38. Tradução nossa)<sup>27</sup>

Mas alcançar a intimidade dos catalães não era tarefa fácil, e sair de sua comunidade ali criada (é fato conhecido que no fenômeno de imigração em massa, estes imigrantes se juntam tentando refazer no país de acolhida uma parte do que deixaram para trás) e integrar-se à comunidade autóctone não é algo automático ou bem recebido. Um exemplo disso é exposto por El Hachmi ao comentar que, mesmo estando na Catalunha, os habitantes locais conversavam com ela em espanhol, como se ela por ser imigrante não pudesse saber o catalão, então ela exclama: “Eu também falo, sabe? E quase todos os marroquinos desta idade, assim quero dizer, falam a tua língua perfeitamente, é a língua da escola, se não me recordo mal.” (EL HACHMI, 2004, p.51)<sup>28</sup>

O grau de identificação com o catalão é tão grande que ela afirma que, quando ainda adolescente, já se via pensando nesta língua e não em amazigh, como os colegas: “Todos pensavam na sua língua materna. Eu era a exceção.” (EL HACHMI, 2004, p.47)<sup>29</sup>

---

<sup>26</sup>

No original: Espero que, com la teva mare, aprendàs a estimar-te totes les llengües igual, patrimoni històric, llegat més antic de totes les civilitzacions, músiques que ens arriben de molt lluny i que hem de preservar. Sabràs que no hi há idioma o dialecte millor ni pitjor, tots serveixen per expressar els nostres sentiments, els desigs i les frustracions. (EL HACHMI, 2004, p.27)

<sup>27</sup>

No original: La llengua era una necessitat vital, (...) entendre el català era obrir-se les portes a un nou món, tenir les claus per accedir a la intimitat dels habitants d'aquell país de boira. (EL HACHMI, 2004, p.38)

<sup>28</sup> No original: Jo també el parlo, ¿sap? I quase tots els marroquins d'aquesta edat, si això és el que vol dir, parlen la seva llengua perfectament, és la llengua de l'escola, si no ho recordó malament. (EL HACHMI, 2004, p.51)

<sup>29</sup> No original: Tots pensaven em la seva llengua materna. Jo era l'excepció. (EL HACHMI, 2004, p.47)

E esta identificação pode ser entendida também pelo seu desejo de ser escritora, pela paixão que assume ter pelas letras, pela escrita, paixão que se converterá no seu meio de tentar reconciliar os dois mundos aos quais ela sente pertencer.

Na segunda parte do ensaio, *Identitat fronterera* (“Identidade fronteiriça”), El Hachmi discute mais profundamente a ideia de identificar-se com dois mundos distintos e, estando na Catalunha, marcados mais por uma fronteira invisível que os separa. Esta fronteira invisível produz ações concretas; com isso queremos dizer que o fato de ser diferente produz uma barreira entre os autóctones e ela, uma barreira com efeito concreto, real. Ilustraremos alguns exemplos.

O primeiro exemplo que destacamos desta barreira é o uso da hena, pintura que serve de adorno em rituais para as mulheres do norte da África e também da Índia. É um adorno altamente identificado com práticas não-cristãs e, portanto, não comuns na Espanha que é, como vimos, um país católico. O uso de tal pintura em território espanhol marca a não-pertença àquele lugar e, por isso, a pequena El Hachmi não sabe lidar com o costume:

Esperava que alguém me felicitasse por haver conservado tão bem definida a linha traçada pela mãe, que se maravilhasse com aquela cor tão bem definida como fazia sempre a *yaya*. Mas não, a alegria que sempre me havia proporcionado a hena se transformava em uma estranha sensação de ridículo, uma vergonha que nunca antes havia experimentado, em algum canto, novamente, outro fio tênue se rompia. (EL HACHMI, 2004, p.66)<sup>30</sup>

Este desconforto com o uso da hena marca para El Hachmi o momento em que ela se divide entre duas identidades, dois mundos:

Desde aquele momento existiram duas Najats no mundo: uma, a marroquina, seguia com os costumes anelados, brincava de noiva com os lenços da mãe, sonhava com festas de mulheres dançando a dança do ventre, de portas adentro, e a outra, a catalã, se mostrava de portas afora. Nenhuma das duas falava da outra, o pacto de silêncio se havia estabelecido para não voltar a sentir vergonha, você não tem que usar esta porcaria, você é daqui. A impressão da hena deixou de passar-me pelas palmas da mão em noites de festa, levou muito tempo a pedir a mãe que me pintasse de novo. Se a avó o houvesse sabido... (EL HACHMI, 2004, p.67)<sup>31</sup>

---

30

No original: Esperava que algú en felicités per haver conservat tan ben definida la línia traçada per la mare, que es meravellessin per aquell color tan be aconseguit com feia sempre la iaia. Però no, la il·lusiò que sempre m’havia fet l’henna es transformava en una estranya sensació de ridícul, una vergonya que mai abans havia experimentat, en algun racó, novament, un altre fil tênue es trencava. (EL HACHMI, 2004, p.66)

<sup>31</sup> No original: Des d’aquell moment van existir dues Najats al món: una, la marroquina, seguia amb els costums anhelats, jugava a fer de núvia amb els mocadors de la mare, somiava en festes de dones ballant la dansa del ventre, de portes endins, i l’altra, la catalana, es mostrava de portes enfora. Cap de les dues parlava de l’altra, el pacte de silenci s’havia establert per no tornar a sentir la vergonya, tu ja no te l’has de posar aquesta porqueria, tu ets d’aquí. L’empremta de l’henna va deixar de passar-me pel palmell de les mans les nits de festa, vaig trigar molt de temps a demanar a la mare que me’ls pintés. Si l’avía ho hagués sabut... (EL HACHMI, 2004, p.67)

Outro exemplo do choque entre os dois mundos é o desconforto que El Hachmi sentiu ao descobrir que era imigrante; lembramos que ela imigrou para a Catalunha ainda muito criança e não tinha noção do que seria emigrar/imigrar, apenas acompanhava sua família. O choque de descobrir este conceito só não foi maior do que se descobrir como representante dele e daí começar a entender algumas coisas pelas quais passava:

Imigrante: aquele que imigra. Imigrar: estabelecer-se temporariamente ou permanentemente em um território sendo proveniente de outro território. Ou seja que éramos nós, os imigrantes. Mas eu não me sentia totalmente identificada, o que queria dizer que agora nos chamassem imigrantes, deixávamos de ser os mesmos ou só tínhamos um novo nome? (EL HACHMI, 2004, p.78)<sup>32</sup>

Ao reconhecer-se imigrante, ela consegue explicar melhor certos comportamentos, como os de pais que não deixavam seus filhos frequentarem escolas onde havia muitos imigrantes; agora ela entende que aquilo tratava-se de preconceito racial:

Os pais catalães não queriam levar seus filhos às escolas dos imigrantes, broto racista em Vic nos portais de notícias, polêmica e mais polêmica e nós não conseguimos entender isso. É claro, um tema delicado, mas aqueles pais nem sequer nos conheciam. (EL HACHMI, 2004, p.78)<sup>33</sup>

Outro choque que El Hachmi sofre por seu status de imigrante acontece quando ela resolve procurar emprego e se depara com uma questão burocrática que nem fazia ideia de que existisse: o visto de trabalho. Ela tinha o visto permanente de residência, já estava no país há anos e se sentia orgulhosa de não ser ilegal, mas não esperava que para trabalhar tivesse que ter outro visto. Esta questão e as reflexões que El Hachmi pontua a partir deste acontecimento ilustram o que acontece em muitos casos, quando por não ter o visto de trabalho, muitos imigrantes acabam caindo na ilegalidade e trabalhando por salários muito baixos, às vezes em condição de semi-escravidão ou acabam caindo no tráfico, etc. Pergunta El Hachmi: “Ou é que pensam, senhores que redatam as leis, que eu ainda tenho que voltar ao Marrocos, que os imigrantes têm por norma deslocar-se de um lugar a outro eternamente?” (EL HACHMI, 2004, p.83)<sup>34</sup> E a fronteira invisível entre ela e os autóctones recebe: cor: “(...)

---

<sup>32</sup>

No original: Immigrant: aquell que immigra. Immigrar: establir-se temporalment o permanentment en un territori provenient d'un altre territori. O sigui que érem nosaltres, els immigrants. Però jo no acabava de sentir-m'hi identificada, ¿què volia dir que ara ens diguessin immigrants, deixàvem de ser els mateixos o només teníem un nou nom? (EL HACHMI, 2004, p.78)

<sup>33</sup>

No original: Els pares catalans no volien portar els seus fills a les escoles dels immigrants, brot racista a Vic a les portades dels diaris, polèmica i més polèmica i nosaltres no acabàvem d'entendre-ho. És clar, un tema delicat, però aquells pares ni tan sols ens coneixien. (EL HACHMI, 2004, p.78)

<sup>34</sup> No original: ¿O és que es pensen, senyors que redacten les lleis, que jo encara haig de tornar al Marroc, que els immigrants tenim per norma desplaçar-nos d'un lloc a l'altre eternament? (EL HACHMI, 2004, p.83)

entre nós se estabeleceria uma fronteira invisível marcada pelas leis, que distinguem as pessoas pela cor daquele cartão tão absurdo.”(EL HACHMI, 2004, p.83)<sup>35</sup>

Ela sente fortemente o preconceito ao procurar emprego quando se sai bem nas entrevistas por telefone, mas quando chega para a entrevista pessoalmente a vaga sempre já foi ocupada ou não precisam mais...:

(...) os odiei por ver-me refletida nos seus olhos como uma garota imigrante, ignorante e desprezível, que não merecia nem sequer a consideração de ser valorizada; os odiei por fazerem-me sentir, pela primeira vez na vida, diferente deles, inferior apenas porque os meus traços me delatavam, o meu nome, os meus cabelos, por arrinconar-me em um lugar que não é terra de ninguém, um canto onde mal viviam aqueles que não disfrutavam da plena cidadania, juntamente com os convictos e os perseguidos... Pelo telefone as entrevistas iam sempre bem, o meu sotaque podia ser o de qualquer um dali. (EL HACHMI, 2004, p.85)<sup>36</sup>

Por fim ela consegue emprego em uma fábrica de massa para pizza e passa a trabalhar horas a fio e receber pouco. A vida adulta mostra a El Hachmi que, por mais que se sinta catalã, a Catalunha não a sente como parte sua. Ela começa a colecionar decepções:

Falsamente havia sonhado com um futuro catalão, sem travas, mas as decepções se sucederam uma atrás da outra, o trabalho, a burocracia, as bolsas universitárias, que então apenas eram concedidas a residentes (não importavam as matrículas nem as notas altas), que chegassem aos dezoito anos e ainda não pudessem votar, o insuportável sofrimento de buscar um apartamento de aluguel, sempre aparecia um familiar de última hora a quem o proprietário havia alugado o apartamento sem avisar a imobiliária, os comentários que se podia escutar no ônibus ou no supermercado... Um país que era o meu, que já havia aprendido a estimar como qualquer outro catalão, de repente me rejeitava, não queria saber de mim. O meu outro país, abandonado detrás do Estreito, estava longe demais para poder fazê-lo meu, não podia compôr toda a minha identidade com apenas oito anos de infância e os meses de regresso. (EL HACHMI, 2004, p.90-91)<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup>

No original: (...) entre nosaltres s'establiria una frontera invisible marcada per les lleis, que distingien les persones pel color d'aquella targeta tan absurda. (EL HACHMI, 2004, p.83)

<sup>36</sup>

No original: (...) els vaig odiar per veure'm reflectida en els seus ulls com una noia immigrant, ignorant i menyspreable, que no es mereixia ni tan sols la consideració de ser valorada; els vaig odiar per fer-me sentir, per primera vegada a la vida, diferent d'ells, inferior només perquè els meus trets em delataven, el meu nom, els meus cabells, per arraconar-me en un indret que no és terra de ningú, un racó on només viuen aquells que no gaudeixen de la plena ciutadania, juntament amb els convictes i els perseguits... Per telèfon les entrevistes anaven sempre bé, el meu accent podia ser el de qualsevol vigatana. (EL HACHMI, 2004, p.85)

<sup>37</sup> No original: Falsament havia somiat en un futur català, sense traves, però les decepcions es van succeir una darrere l'atra, la feina, la burocràcia, les beques universitàries, que llavors només es concedien a residents (no importaven les matrícules ni els excelents), que arribessin els divuit anys i encara no pogués votar, l'insuportable sofriment de buscar un pis de lloguer, sempre sortia un familiar a última hora a qui el propietari havia llogat el pis sense avisar a la immobiliària, els comentaris que es podien escoltar a l'autobús o al supermercat... Un país que era el meu, que ja havia après a estimar-me com qualsevol altre català, de cop i volta em rebutjava, no volia saber res de mi. El meu altre país, abandonat darrere l'Estret, era massa lluny per poder-me'l fer meu, no podia compondre tota la meva identitat amb només vuit anys d'infantesa i els mesos de retorn. (EL HACHMI, 2004, p.90-91)



Este conflito a acompanhará pelo resto da vida. As questões que plantea não são facilmente resolvidas, tanto por serem questões que envolvem a participação do Estado, quanto por requererem a revisão da mentalidade das pessoas.

Na terceira parte do ensaio, *Mesquits i Esglésies* (“Mesquitas e Igrejas”), El Hachmi pontua a questão da religião muçulmana frente à religião cristã na Catalunha. Ela dá início a esta parte da obra lembrando a infância, no Marrocos, nas festas que celebravam o final do Ramadã<sup>38</sup>, cheias de comidas maravilhosas e lembra também as inúmeras visitas que costumavam receber em casa. Estando no Marrocos ela lembra o pai, que já estava na Espanha, e imagina que em terras espanholas o Ramadã seria ainda melhor, pois teria mais dinheiro no país para celebrar a festa e, para consolar-se da ausência do pai, se enche de doces:

(...) Uma sobredose de açúcar era o consolo por saber que o pai estava longe, não sabíamos muito bem quão longe era a Espanha, lugar maravilhoso onde tudo era possível. Certamente que quando nós ali vivêssemos, pensava, as festas do final do Ramadã seriam muito mais felizes ainda, mais dinheiro, como a prima a quem seus irmãos mais velhos lhe davam uma entrada, a roupa mais nova. (EL HACHMI, 2004, p.99)<sup>39</sup>

El Hachmi se lembra desta parte da infância no Marrocos com certa nostalgia de um tempo em que “éramos felizes e não sabíamos”. Isto se deve, claro, à inocência da menina que, com seis ou sete anos, só conseguia ver o lado bonito das celebrações e se deixava levar pela atmosfera mágica que qualquer religião é capaz de produzir. Não vamos aqui criticar esta ou aquela religião, só queremos deixar marcado que uma criança ainda não tem espírito crítico formado para analisar objetivamente uma força tão grande como a religiosa. O que nos interessa é ilustrar como a religião muçulmana é praticada e recebida na Catalunha, segundo o testemunho de El Hachmi.

A escritora recorda que, ao chegar à Catalunha, toda aquela atmosfera mágica da religião foi sendo substituída pelo envolvimento com as novidades que o novo território lhes apresentava:

---

<sup>38</sup>

Ramadã: nono mês do calendário islâmico, quando os adeptos da religião praticam um mês de jejum. É um período de renovação da fé, de prática intensa da caridade, vivência profunda da fraternidade e dos valores da vida familiar. Pedem-se, neste período, que os crentes se atenham mais aos valores sagrados, com a leitura assídua do Alcorão e idas frequentes às mesquitas. Terminado este período, há grandes festas celebrando o fato de terem passado por mais um Ramadã. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ramad%C3%A3o> – acesso em 23/05/2012; adaptado)

<sup>39</sup> No original: (...) Una sobredosi de sucre era el consol de saber que el pare era lluny, no sabíem ben bé com era lluny Espanya, indret meravellós on tot era possible. Segur que quan nosaltres hi visquéssim, pensava, les festes de final de Ramadà serien molt més felices encara, més diners, com la cosina a qui els seus germans grans li donaven un bitllet, la roba més nova. (EL HACHMI, 2004, p.99)

Durante os primeiros anos de nossa estadia na Catalunha, todo aquele universo mágico foi-se perdendo com o tempo, demasiado entusiasmados com as novidades que vivíamos, muitas coisas novas para aprender (...). Toda a magia desvaneceu-se com a travessia do Estreito. (EL HACHMI, 2004, p.105)<sup>40</sup>

Apesar da perda da magia, não houve perda da religião, principalmente para a mãe de El Hachmi, que continuava fazendo suas orações e a praticar o Ramadã, só que agora de forma mais austera. E, depois de quatro ou cinco anos que a escritora vivia em Vic, o pai chega com uma boa-nova: iriam abrir uma mesquita na cidade. O primeiro pensamento da ainda criança El Hachmi foi que abririam uma mesquita como as do Marrocos – “um edificio branco e enorme com o minarete ao alto” (EL HACHMI, 2004, p.105)<sup>41</sup> -, mas, como se pode imaginar, não era bem assim. A mesquita era apenas uma ex-sala comercial com os vidros tapados por papéis de cor indefinida. E ali ela começou a ter lições do Alcorão e, com estas lições, tem início para a menina um sentimento de culpa, de transtorno por não se identificar com o que escutava, como se ela tivesse se tornado uma infiel à religião muçulmana:

Com sua voz doce e aqueles dedos magros, muito grandes, começou a lembrar-nos um país perdido, uns ideais abandonados. Como podia ser que houvéssemos deixado atrás todas as lições aprendidas de bem pequenos? Como podia ser que não reconhecêramos o traço do alfabeto sagrado? Senti-me traidora de repente, como se tivesse abandonado por vontade própria tudo aquilo que tanto havia estimado. Comecei a esforçar-me para chegar a Deus, para dirigir o meu caminho que se havia torcido para o lado dos infiéis. (EL HACHMI, 2004, p.106)<sup>42</sup>

O conflito interno era tanto que a pequena menina não conseguia dormir por sentir-se culpada de haver-se integrado demais ao novo país e começou a ficar obsessiva com a ideia de voltar a ser uma boa muçulmana. Como exemplo dessa obsessão, ela conta que começara a ler obstinadamente as embalagens dos produtos alimentícios buscando algum traço de gordura animal que, por certo, seria de porco, carne imprópria para o consumo segundo os preceitos muçulmanos (em outras religiões, como a judaica por exemplo, o porco também é visto como um animal imundo e inadequado para o consumo) e, mesmo que não fossem de porco, certamente o animal teria sido morto à maneira dos infiéis (os muçulmanos têm por princípio

---

<sup>40</sup>

No original: Durant els primer anys de la nostra estada a Catalunya, tot aquell univers màgic s'havia anat perdent amb el temps, massa entusiasmats amb les novetats que vivíem, masses coses noves per aprendre. (...) Tota la màgia s'havia esvaït amb el pas de l'Estret. (EL HACHMI, 2004, p.105)

<sup>41</sup>

No original: un edifici blanc i enorme amb el minaret alt (EL HACHMI, 2004, p.105)

<sup>42</sup> No original: Ambla seva veudolça i aquellsditsprim, moltllargs, vacomençar a recordar-nos um país perdut, uns idealsabandonats. Com podia ser que haguéssimdeixatenreretoteslessures apreses de benpetits? Com podia ser que no reconeguéssimeltraç de l'alfabetsagrat? Vaig sentir-me traïdora de cop i volta, com si haguésabandonat per voluntatpròpiatotallo que tanto havia estimat. Vaigcomençar a esforçar-me per arribar a Deu, per redreçarel meu camí que s'haviaanatorçantcap a la banda delsinfidels. (EL HACHMI, 2004, p.106)

que o animal tem que ser morto de maneira ritualizada e dessangrado para ser consumido). Portanto, a menina começou a ficar paranóica com a ideia de estar praticando heresia.

Além do conflito interno e a paranóia que a presença da mesquita fez explodir na pequena El Hachmi, um outro conflito, agora de cunho mais concreto, teve lugar na cidade por conta das dissonâncias religiosas entre os muçulmanos e os cristãos autóctones. Este outro conflito a que nos referimos é a oposição dos autóctones frente à abertura de outra mesquita no bairro onde a menina morava. A princípio, ela não entende como seus vizinhos, que já conheciam a ela e seus familiares há tanto tempo, podiam estar contra tal projeto: “Eu mal os olhava com meio sorriso, triste em descobrir um broto xenófobo no meu estimado bairro, entre aqueles que nos haviam visto crescer, aqueles mesmos que diziam: vocês já são daqui.” (EL HACHMI, 2004, p.118)<sup>43</sup> Ela se sente indignada, “ferida em um orgulho redescoberto, [se sentia] mais muçulmana que nunca” (EL HACHMI, 2004, p.118)<sup>44</sup>

El Hachmi aponta que, segundo o presidente da associação de vizinhos do bairro, uma mesquita ali seria um local fonte de conflitos entre a igreja evangélica e as duas igrejas católicas do bairro. Ele cita como exemplo os conflitos religiosos da Argélia, onde houve muitos mortos por questões religiosas, e assevera: “-Sim, sim, sim! Que se vão a seu país fazer uma mesquita, que se nós fossemos lá certamente que não nos deixariam construir uma igreja.” (EL HACHMI, 2004, p.119)<sup>45</sup> El Hachmi reflete, então, que nenhuma daquelas pessoas devia conhecer um país árabe, pois neles há comunidades cristãs. Tal acontecimento só contribuiu para que ela se sentisse “mais estranha que nunca, mais apátrida, perdida entre dois continentes (EL HACHMI, 2004, p.120)<sup>46</sup>. Era a instalação de “uma guerra fria entre muçulmanos e cristãos” (EL HACHMI, 2004, p.120)<sup>47</sup>, onde os vizinhos de toda uma vida passam a ignorar-se nas ruas, a negar olhar-se nos olhos.

Ainda sobre esta questão religiosa, interessa-nos ressaltar a postura de El Hachmi que pontua que “a religião é o ópio do povo (...), um sedimento de séculos e séculos de

---

<sup>43</sup>

No original: Jo no mès me'ls mirava amb mig somriure, trista en descobrir un brot xenòfobal meu estimat barri, entre aquells que ens havien vist créixer, aquells mateixos que deien: vosaltres ja sou d'aquí. (EL HACHMI, 2004, p.118)

<sup>44</sup> No original: ferida en un orgull redescobert, [se sentia] més musulmana que mai (EL HACHMI, 2004, p.118)

<sup>45</sup>

No original: :- Sí, sí, sí! Que se'nvagin al seu país a fer-hi una mesquita, que si nosaltres anéssim allà segur que no ens deixarien construir-hi una església. (EL HACHMI, 2004, p.119)

<sup>46</sup>

No original: més estranya que mai, més apàtrida, perduda entre dos continents (EL HACHMI, 2004, p.120)

<sup>47</sup>

No original: una guerra freda entre musulmans i cristians (EL HACHMI, 2004, p.120)

história que se instala na nossa quotidianidade” (EL HACHMI, 2004, p.128)<sup>48</sup>, já que, como ela mesma marca, é pela religião que se pratica o Ramadã, se celebra o Natal, o Carnaval, o Ano-novo. Sua postura é extremamente crítica e reflete a confluência de dois mundos a que pertence, sem deixar que um se sobressaia ao outro.

Na penúltima parte da obra, El Hachmi se volta para a mulher, assunto que trataremos mais profundamente nos capítulos quatro e cinco deste trabalho, nos quais o destaque será a postura da mulher frente ao patriarcado (capítulo quatro) e frente ao sexo (capítulo cinco). Agora, apenas delinearemos brevemente a postura de El Hachmi no seu ensaio autobiográfico no que concerne à mulher.

Intitulada *Dones d'aquí, dones d'allà* (“Mulheres daqui, mulheres de lá”), nesta quarta parte do ensaio El Hachmi coloca a mulher como protagonista, fazendo uma comparação entre as mulheres ocidentais e as muçulmanas, mostrando como ambas acabam sendo escravizadas pela sociedade. Ela dá início ao texto contando como seria sua própria rotina com seu filho: ela acorda cedo para prepará-lo para ir à escola e se prepara para ir trabalhar. Ela, como qualquer mãe, se preocupa com a alimentação do filho (nada de Coca-Cola, mas sim suco de laranja), tem que fazer com que ele tome banho, apesar de seus protestos (ela pondera que tem horas que uma educação democrática não funciona, ela tem que se transformar em uma *dictadora*).

A batalha com o filho é a primeira do dia. A segunda é com ela mesma, com sua aparência (tem que depilar-se, verificar os efeitos da última dieta, etc.), mas não lhe resta muito tempo para sacrificar-se pela beleza tendo que cuidar de casa, filho e trabalho. Em meio a tudo isso ela tem problemas para vestir-se, afinal tem que ajustar-se ao gosto e costumes de dois mundos distintos:

Tem que encontrar a medida certa das coisas: que as calças não sejam muito justas aos olhos dos marroquinos, e tampouco muito largas aos olhos dos autóctones, a camisa e o suéter nem muito curtos nem muito compridos, nem muito largos nem muito colados, que a roupa seja cômoda, mas elegante. (EL HACHMI, 2004, p. 134)<sup>49</sup>

Terminada a batalha com a aparência, vem a batalha com o chegar ao trabalho (enfrentar o transporte público) e trabalhar toda manhã e tarde para, quando finalmente chegar em casa à noite, ainda ter que cuidar dos afazeres domésticos. Nisso tudo, ainda arrumar

<sup>48</sup>

No original: la religió és l'opi del poble (...), un sediment de segles i segles d'història que s'instal·la en la nostra quotidianitat(EL HACHMI, 2004, p.128)

<sup>49</sup> No original: Has de trobar la mesura justa de les coses: que els pantalons no siguin massa ajustats als ulls dels marroquins, però tampoc massa amples als ulls dels autóctons, la camisa o el jèrsei ni massa curts ni massa llargs, ni massa amples ni massa entelats, que la roba sigui còmoda però elegante. (EL HACHMI, 2004, p. 134)

tempo para estudar, para ler a bibliografia da faculdade (El Hachmi é licenciada em Filologia Árabe). A pergunta que fica é: isso é ser livre? El Hachmi pondera:

Quando se deitar, já tarde, pense: que bom, ser uma mulher livre como as mulheres ocidentais, vencida e sem tempo para quase mais nada, mas livre enfim. (EL HACHMI, 2004, p. 137)<sup>50</sup>

A rotina mostrada por El Hachmi é a mesma de grande parte das mulheres ocidentais, mulheres que se consideram livres e que se indignam ao ver uma mulher muçulmana resignada à família, mas El Hachmi questiona se a mulher árabe é realmente tão submissa e deva ser libertada de sua prisão, tornando-se assim mais uma mulher ocidental e livre. Será que tudo é assim tão “preto-no-branco”? Ela assinala:

As senhoras do Ocidente, do Ocidente Norte, quero dizer, têm uma predileção enigmática por salvar as pobres mulheres do resto do mundo. Por alguma razão desconhecida, quando veem uma matriarca marroquina com todas aquelas roupas que caminha complacente a seu modo no meio da rua, devem sentir um impulso irrefreável de correr a dizer-lhe: escute, você, não se deixe dominar pelo seu marido, mulher, que já estamos no século vinte e um. Talvez a mulher não tenha nem marido nem cadeias visíveis aos pés, mas o paternalismo da europeia a impulsiona a libertar toda mulher muçulmana que lhe passe em frente. E se, no pior dos casos, a marroquina a entende e diz que tem o direito a fazer o que quiser, que está em um país livre, sempre ficará a desculpa: vê, como não querem integrar-se? (EL HACHMI, 2004, p.162)<sup>51</sup>

Se pensarmos bem, não conseguiremos responder satisfatoriamente à pergunta que fizemos ao começar a tratar deste tema: o modelo ocidental é o modelo ideal de liberdade para as mulheres? Todas deveriam segui-lo? Por mais que tenhamos tido avanços em relação a tempos passados, a mulher ocidental ainda não goza de pleno direitos, a revolução feminina muitas vezes sobrecarrega a mulher, que hoje acumula funções e ainda não é respeitada (veja-se o alto índice de violência contra a mulher que são registrados nos países ocidentais). Outra questão é se, mesmo que fosse um modelo ideal, ele deve ser implantado no mundo como um todo? Será que o que serve para o ocidente serve também para o mundo árabe, por exemplo? É isso que as mulheres não-ocidentais querem? São perguntas sem intenção de se chegar a

---

50

No original: Quan et fiques al llit, ja tard, penses: que bé, ser una dona alliberada com les dones occidentals, rendida i sense temps per gairebé res, però alliberada al i a la fi. (EL HACHMI, 2004, p. 137)

<sup>51</sup> No original: Les senyores a Occident, a l'Occident Nord, vull dir, tenen una predilecció malaltissa per salvar les pobres dones de la resta del món. Per alguna raó desconeguda, quan veuen una matriarca marroquina amb totes aquelles teles que camina complaguda d'ella mateixa al mig del carrer, deuen sentir un impuls irrefrenable de córrer a dir-li: escolti, vostè, no es deixi dominar pel seu marit, dona, que ja som al segle vint-i-u. Potser la senyora no tenia ni marit ni cadenes visibles als peus, però el paternalisme de l'europea la impulsa a alliberar tota dona musulmana que li passi per davant. I si, en el pitjor dels casos, la marroquina l'entén i li diu que té dret a fer el que li dóna la gana, que és en un país lliure, sempre quedarà l'excusa: ho veus, com no es volen integrar? (EL HACHMI, 2004, p.162)

uma resposta definitiva, são apenas reflexões. A única coisa que sabemos é que há de haver respeito à integridade física e moral da mulher, independente do modelo de vida adotado.

Para finalizar a análise do ensaio, chegamos à quinta e última parte, que tem o nome de *De records i absències* (“Sobre lembranças e esquecimentos”). Nesta parte, El Hachmi relembra com afetividade acontecimentos familiares nos quais notamos a confluência de seus dois mundos. O primeiro acontecimento é uma enfermidade que ela tivera e que, em meio aos cuidados familiares, encontramos o choque entre a crença na medicina popular, herança cultural marroquina, e a medicina moderna, tida por alguns membros da família como a única solução. Os cuidados variam entre estas duas medicinas, ora com chás e incensos, ora com comprimidos e exames. É uma lembrança afetiva porque marca a preocupação de seus entes queridos, numa mostra de proximidade de que ela adulta sente falta.

El Hachmi também nos conta como o pai, já estando na Espanha, participava da vida da família no Marrocos: através de cartas, escritas numa língua que não era a deles (em espanhol ou catalão, não há informação exata sobre qual língua). No Marrocos a língua dos El Hachmi é o tamazight, língua principalmente falada, pois sua escrita é pouco conhecida e raras vezes utilizada; ainda há o fato de muitos fazerem uso da língua árabe dentro do Marrocos na expressão escrita mais formal. Foi através de cartas que o pai recebera a notícia da gravidez da mãe (que esperava El Hachmi) e escolheu o nome da filha – “se for menina, coloquem-lhe o nome de Najat, e se menino, Najim.”(EL HACHMI, 2004, p.174)<sup>52</sup>

Com o passar dos anos, os avós de El Hachmi endossam a ideia de que a família deveria reunir-se e, se voltarmos à ideia já exposta neste capítulo da questão econômica que impulsiona a emigração, percebemos facilmente que os avós insistiram que a família deveria unir-se ao pai na Espanha. Além da questão econômica, uma tragédia familiar fez com que a avó (paterna, a família vivia com os avós paternos, como é costume no Marrocos, a mulher vai viver com a família do marido) insistisse ainda mais na ida deles ao encontro do pai. Uma das crianças da família morre prematuramente e sem motivo aparente. A criança vai empalidecendo até perder a vida e muitos acreditam que tal fato tenha sido obra de algum mau espírito (*jin*), mas a avó paterna não se deixa levar por estas crenças e racionalmente avalia que a morte da criança poderia ter sido evitada se no povoado eles tivessem um serviço de saúde pública decente. Após tal acontecimento, a avó empenha-se mais ainda na ida da nora para a Espanha, pois ali as crianças não passariam por isso e ela não perderia mais netos. Inicia-se, então, o processo de reagrupamento familiar e a avó se esforça para providenciar

---

<sup>52</sup> No original: si és nena, li poseu el nom de Najat, i si és nen, Najim (EL HACHMI, 2004, p.174)

todas as medidas necessárias (nos últimos anos a Espanha deu início à política de reagrupamento familiar beneficiando algumas famílias marroquinas. Este reagrupamento faz parte da nova lei de imigração que, aos poucos, está sendo discutida e incorporada). El Hachmi reflete: “Era o principio de um caminho sem volta, um abismo agri doce” (EL HACHMI, 2004, p.179).<sup>53</sup>

O relato de El Hachmi é sequenciado pelas lembranças do dia da partida para a Espanha, pela dolorosa lembrança da tristeza da avó que se despedia deles: “Não pude soterrar mais no esquecimento as suas lágrimas, a sua figura branca agitando um lenço.” “EL HACHMI, 2004, p.182)<sup>54</sup> Neste ponto do texto, temos muito presente a crença na vida melhor que a Espanha proporcionaria, pois, mesmo sofrendo muito, como El Hachmi ficou sabendo por uma prima, a avó ainda acreditava que eles estavam bem e contava aos outros: “- Os meus netos faz tempo que se foram para um mundo melhor, são muito felizes”(EL HACHMI, 2004, p.185)<sup>55</sup>:

Anos depois, na primeira viagem de regresso, Fátima me explicaria que a avó havia deambulado sem rumo pelos cômodos da casa durante anos, (...) que não comia, não ria, que aquele rosto sempre sorridente havia começado a se transformar, havia mudado para uma feição de grande agonia. (EL HACHMI, 2004, p.186).<sup>56</sup>

Os retornos ao Marrocos também estão marcados nas lembranças de El Hachmi como experiências de ser a portadora de grandes novidades, quando ela contava aos parentes todas as descobertas de um mundo novo, das sensações e dos produtos que ela queria que eles também experimentassem – “Querida que os avós e toda a família sentissem o nosso mundo.” (EL HACHMI, 2004, p.188)<sup>57</sup>

Para finalizar a obra, El Hachmi disserta sobre a angústia que cada retorno ao Marrocos trazia para si, como cicatrizes internas das lembranças e dos esquecimentos que anos de separação produzem, quando, cada vez mais, sua terra natal se torna estranha:

As viagens de volta não eram mais que um engano, uma miragem do naufrago sedento que parece visar terra firme, um refúgio em um caminho de tempestades e

<sup>53</sup> No original: Era el principi d'un camí sense tornada, un abisme agredolç (EL HACHMI, 2004, p.179)

<sup>54</sup>

No original: No he pogut soterrar mai en l'oblit les teves llàgrimes, la teva figura blanca agitant un mocador. (p.182)

<sup>55</sup>

No original: Els meus nêts fa temps que van marchar cap a un món millor, són molt felços. (EL HACHMI, 2004, p.185)

<sup>56</sup>

No original: Anys després, en el primer viatge de retorn, la Fatma m'explicaria que la iaia havia deambulat sense rumb per les cambres de la casa durat anys, (...), que no menjava, no reia, que aquell rostre sempre somrient s'havia començat a transformar, havia mutata num gest de llarga agonia. (EL HACHMI, 2004, p.186)

<sup>57</sup>

No original: Volia que els avis i total a família tastessin el nostre món. (EL HACHMI, 2004, p.188)

esquecimentos, de carências muito mais difíceis de suprir que as carências materiais, perdidas em algum lugar escondido. (EL HACHMI, 2004, p.191)<sup>58</sup>

O espírito crítico da menina também vai se formando e ela quer explicar que “(...) A Espanha não é a Espanha e que tudo não é tão maravilhoso como parece.” (EL HACHMI, 2004, p.192)<sup>59</sup>, mas não sabe como dizê-lo e quando lhe perguntam como está a vida na Espanha, ela responde “muito bem, estamos muito bem”(EL HACHMI, 2004, p.192).<sup>60</sup>

Viver entre os dois mundos marca profundamente a personalidade de El Hachmi, que não consegue sentir-se confortável. Ela tem claro para si que seu lugar é a Catalunha (vide o título da obra), mas não há como um indivíduo negar suas origens. Ela se sente perdida, sem lugar, pois “Já se sabe que estar em dois lugares é não estar em lugar nenhum, é estar suspenso no nada” (EL HACHMI, 2004, p.193).<sup>61</sup> Este *nada* pode ser o *terceiro espaço* de Bhabha, lugar de onde ela poderia ver com mais clareza seus dois mundos e criticá-los, o que não garante conforto, mas ao menos pode trazer algumas respostas.

Para fechar este capítulo, voltemo-nos às palavras de Sayad que assinala sobre a imigração que

(...) é, em primeiro lugar, um deslocamento de pessoas no espaço, e, antes de mais nada, no espaço físico; nisto, encontra-se relacionada, prioritariamente, com as ciências que buscam conhecer a população e o espaço (...) Mas o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) etc. (SAYAD, 1998, p.15)

Portanto, ao ser uma questão que ultrapassa o simplesmente geográfico, mas interfere nos alicerces culturais das pessoas, a imigração faz com o que o sujeito comece a questionar a si mesmo e o trabalho de El Hachmi nos faz, sobretudo, pensar em como é ser árabe na Espanha, na Europa. Como ser de um tronco não-europeu? Faz-nos pensar, como diz Sami Naïr que “O interrogante consiste em saber como evitar social e culturalmente que fiquem submetidos à universalidade abstrata ou reduzidos a simples peculiaridades folclóricas.”

---

<sup>58</sup>

No original: Els viatges de tornada només eren un parany, un miratge del naufragat gassedegat que sembla divises terra ferma, un refugi en un camí de tempestes i oblits, de mancances molt més difícils de suplir que les mancances materials, perdudes en algun indret amagat. (EL HACHMI, 2004, p.191)

<sup>59</sup> No original: “(...) Espanya no és Espanya i que tot no és tan meravellós com sembla. (EL HACHMI, 2004, p.192)

<sup>60</sup>

No original: molt bé, hi estem molt bé (EL HACHMI, 2004, p.192)

<sup>61</sup>

No original: Ja se sap que estar en dos llocs és no estar enlloc, és estar suspès en el no-res (EL HACHMI, 2004, p.193)



(NAÏR, 2010, p.75).<sup>62</sup> E, mais ainda, “A propósito dos imigrantes: poderão integrar-se sem renegar a si mesmos?” (NAÏR, 2010, p.76).<sup>63</sup>

São questionamentos que vão além da questão de simples pertença a um país ou outro, a uma religião ou outra. São questões que nos fazem reavaliar a necessidade do próprio pertencimento e sua aceitação em sociedades culturalmente distintas.

No próximo capítulo, nos dedicaremos à análise do primeiro romance de El Hachmi, *L'últim patriarca* (2008), mostrando ainda as inquietações da vivência migrante e, mais ainda, as inquietações de uma vida sob o jugo do patriarcado que uma jovem assume para si como missão de aniquilar.

#### **4. L'ÚLTIM PATRIARCA: UM ROMANCE PREMIADO**

Neste capítulo, nos dedicaremos à análise do romance *L'últim patriarca* (2008), primeiro romance de El Hachmi, com o qual recebeu o importante prêmio catalão Ramon Llull (prêmio concedido para romances originalmente escritos em catalão; assim que recebem este prêmio, as obras são imediatamente traduzidas ao espanhol para poderem ter divulgação

---

<sup>62</sup>

No original: El interrogante consiste en saber cómo evitar social y culturalmente que queden sometidas a la universalidad abstracta o reducidas a simples peculiaridades folclóricas. (NAÏR, 2010, p.75)

<sup>63</sup>

No original: A propósito de los inmigrantes: ¿podrán integrarse sin renegar de sí mismos? (NAÏR, 2010, p.76)

em toda a Espanha). Tentaremos, a partir de nossa análise, destacar o comportamento da personagem principal da obra que não é nomeada na história, uma garota vinda de uma tradicional família do norte do Marrocos que, apesar do nunca antes imaginado possível, alcança independência suficiente para poder estudar, viver por si só, escrever a história que lemos. Trata-se de um romance dividido em duas partes: na primeira, temos a narração da história de Mimoun Driouch, o último patriarca da família, desde seu nascimento no Marrocos até o ponto em que ele já havia emigrado para a Espanha e resolve levar a família que havia deixado em seu país para viver com ele. A partir de então, começa a narrativa da segunda parte, na qual encontramos a história da filha de Mimoun, narradora-protagonista do romance, a responsável pelo fim do patriarcado.

Ao longo da obra, nos deparamos com muitas coincidências entre a história narrada e o ensaio autobiográfico publicado por El Hachmi anteriormente (*Jo també sóc catalana*, 2004). Não nos ateremos a buscar o que pode ou não ter acontecido de verdade ou o que seria somente fruto da imaginação da autora. Delimitar a fronteira entre realidade e ficção não é nosso objetivo, mas sim discorrer sobre como certos fatos acontecem na realidade ou na ficção e como eles são apresentados e sublinhados por El Hachmi, pois acreditamos que um tema tão controverso como a questão do patriarcado não suscita escritas imparciais.

Acerca de tais coincidências, podemos destacar o fato de tanto a autora quanto a protagonista serem imigrantes do norte do Marrocos que vieram para a Catalunha ainda muito pequenas; além de episódios isolados, como a construção de uma mesquita no bairro catalão que suscitou o ódio dos autóctones e o grande apego à escrita e o afã por aprender a língua catalã.

Encontramos poucas análises sobre a obra de El Hachmi e as encontradas geralmente tratam de *L'últim patriarca*, já que, como vimos, é uma obra premiada. Dentre estas poucas críticas, destacamos o trabalho do professor Cristián H. Ricci, da Universidade da Califórnia, que propõe vermos a obra de El Hachmi como um híbrido cultural não só entre Marrocos e Espanha, mas mais a fundo, como amazigh-catalão, evidenciando as origens consideradas subalternas da escritora. Como vimos no capítulo anterior, El Hachmi assinala que sua cultura amazigh é depreciada dentro do Marrocos, assim como a catalã o é dentro da Espanha. Portanto, é uma escritora que traz em si a marca da marginalidade e que a conjuga, num contexto multicultural, de acordo com o que Haesbaert chama de multiterritorialidade. E a relação de El Hachmi com a escrita é uma relação de catarse, “para El Hachmi a escrita é um

alívio” (RICCI, 2010, p.81)<sup>64</sup>, e “o entrecruzamento e o amálgama de línguas foi essencial para o forjamento de seu futuro como escritora, como crítica da realidade social de ambos mundos e para expressar seus ‘sentimentos... e frustrações’. (RICCI, 2010, p.81)<sup>65</sup> Ainda segundo Ricci, El Hachmi teria como projeto literário discutir a identidade afro-europeia, numa busca antes de si mesmo do que do *Outro*.

Segundo Josefina Bueno Alonso, da Universidade de Alicante, para Ricci, o fato de o primeiro romance de El Hachmi ter recebido o prêmio Ramon Llull demonstra que o híbrido, ao menos dentro da literatura, está sendo bem recebido na Espanha:

a outorga do Llull é o símbolo de que, pelo menos nos âmbitos intelectuais, o híbrido deixou de ser estigma na Catalunha/Espanha/Europa para transformar-se em um fator eticamente digno de romancear, esteticamente prazeroso, subversivo e garantia de vendas. (In: MIAMPIKA; ARROYO, 2010, p.216)<sup>66</sup>

Outro ponto a se destacar na abordagem de Ricci sobre El Hachmi é a *masculinização* da protagonista nos romances da escritora, masculinização que estaria de acordo com a escrita das autoras com vivência semelhante à de El Hachmi. As personagens estariam dotadas de

algumas características que assinalam a “assimilação de características masculinas” (...), fator que se poderia utilizar no romance da escritora amazigh-catalã para associar o comportamento “rebelde”, “demoníaco” do patriarca com a conduta “liberal” da “*supermana*” narradora. (RICCI, 2010, p.82)<sup>67</sup>

Portanto, seria apropriando-se de características ditas masculinas que as protagonistas de El Hachmi subverteriam a ordem falocêntrica.

Para Josefina Bueno Alonso, o romance de El Hachmi nos remete à escrita de autoria feminina francófona de origem árabe,

(...) que invadiram de forma massiva nos anos oitenta o panorama editorial francês; estas “filhas da colonização”, como algum crítico as chamou, produziram narrações com tinturas autobiográficas que expunham, em geral, as vivências e vicissitudes de

<sup>64</sup> No original: (...) para El Hachmi la escritura es un alivio (Ricci “Entrevista Najat El Hachmi”, in: Journal of Spanish Cultural Studies Vol 11, No.1 Março 2010, p.81)

<sup>65</sup> No original: (...) el entrecruzamiento y la amalgama de lenguas ha sido esencial en el forjamiento de su futuro como escritora, como crítica de la realidad social de ambos mundos y para expresar sus “sentiments... i frustracions” (Jo també 26-7) (In: idem. p.81)

<sup>66</sup> No original: (...) el otorgamiento del Llull es el símbolo de que, por lo menos en los ámbitos intelectuales, lo híbrido ha dejado de ser estigma en Cataluña/España/Europa para convertirse en un hecho éticamente digno de novelar, estéticamente placentero, subversivo y garantizador de las ventas. (In: MIAMPIKA; ARROYO, 2010, p.216)

<sup>67</sup> No original: (...) algunas características que señalan la “asimilación de rasgos masculinos” (...), factor que se podría utilizar en la novela de la escritora amazigh-catalana para asociar el comportamiento “rebelde”, “demoníaco” del patriarca con la conducta “liberada” de la “*supermana*” narradora. (Journal of Spanish Cultural Studies Vol 11, No.1 Março 2010. p.82)

uma protagonista presa a condicionamentos culturais patriarcais e machistas. (In: MIAMPIKA; ARROYO, 2010, p.215)<sup>68</sup>

Mais uma vez voltamos à ideia de autobiografia, mas neste caso uma autobiografia reconhecidamente ficcionalizada, ou seja, está claro que o romance não é estritamente um relato vivencial, mas sim parte da vivência para tornar-se ficção. Vimos no capítulo anterior que, segundo Lejeune, para ser autobiografia a escrita tem que selar um *pacto* com a verdade, mas esta verdade pode ser representada de várias maneiras, daí a ideia de ficção autobiográfica. Nas palavras de Lejeune:

o contrato autobiográfico (...) seria suficiente para dar o estatuto de autobiografia a qualquer coisa? É o mesmo problema do auto-retrato contemporâneo em artes plásticas ou fotografia. Nada impede de intitular “auto-retrato” as mais diversas representações. Seria preciso distinguir a autobiografia direta, aquela que até meu correspondente chama de “autêntica”, e a autobiografia figurada. (LEJEUNE, 2008, p.107)

A ficção de El Hachmi aponta ainda para a questão do exotismo de uma escrita não-ocidental e ainda mais uma escrita feminina. Sobre este aspecto, Alain Touraine em *O mundo das mulheres* (2011) assinala que

Assim como o Ocidente dominante inventou, de acordo com Edward Said, o Oriente simultaneamente misterioso, divino e bárbaro, o poder masculino inventou a mulher como a face oculta, confusa e ao mesmo tempo atraente da humanidade (TOURAINÉ, 2011, p.17),

e esta seria a faceta que teríamos agora que desconstruir. No caso de El Hachmi, esta faceta se faz dupla já que, além de tratar de escrever sobre uma personagem feminina, esta personagem pertence ao mundo oriental (mesmo que o Marrocos esteja geograficamente situado no Ocidente, claro está que devido à religião e às tradições, o país é identificado culturalmente como um país oriental).

As mulheres muçulmanas frequentemente são vistas como vítimas de um mundo patriarcal ainda mais opressor do que foi ou é o mundo patriarcal ocidental. Mas será que elas são vistas como vítimas por elas mesmas? Segundo Alain Touraine, nos surpreenderíamos ao ver que elas não se consideram vítimas mesmo quando sofrem injustiças ou violências, pois elas carregam dentro de “si projetos positivos bem como o desejo de viver de uma existência transformada por elas mesmas.” (TOURAINÉ, 2011, p.23) E mais, “essas mulheres transformadas não se opõem aos homens. Ao contrário, sua libertação significa que cada um

---

68

No original: (...) que irrumpieron de forma masiva en los años ochenta en el panorama editorial francés; estas “hijas de la colonización”, como algún crítico las ha denominado, produjeron narraciones con tintes autobiográficos que exponían, por lo general, las vivencias y avatares de una protagonista presa de unos condicionantes culturales patriarcales y machistas. (In: MIAMPIKA; ARROYO, 2010, p.215)

(homem/ mulher) deixa penetrar nele uma parte do outro.” (Idem. p.43) Portanto, não se trata de conquistar a igualdade entre os sexos como muito já se falou, mas sim de se conquistar o equilíbrio entre eles, numa coexistência que reconheça as diferenças e não as oprima.

As pesquisas acerca destas mulheres muçulmanas no campo literário são recentes e apontam o alto grau de predominância de referência à sexualidade, o que nos parece natural já que é pela contenção do impulso sexual que estas mulheres são isoladas do convívio social, como aponta Dolors Bramon em *Ser dona i musulmana* (2007),

desde sempre se colocou diversas medidas a fim de preservar a integridade sexual das mulheres. Estas medidas vão desde as diversas modalidades das mutilações genitais, que se acredita que diminuam ou anulem o desejo sexual feminino, até a trancá-las em casa e impedir-lhes toda relação com homens que não sejam da família. (BRAMON, 2007, p.70)<sup>69</sup>

então seria pela sexualidade que elas se libertariam, como demonstra a pesquisa empreendida por Touraine sobre as mulheres (2011):

Os resultados mais claros de nossa pesquisa, que neste ponto se afinam com muitas análises e descrições clássicas, é que a construção de si opera-se antes de tudo pela sexualidade – e mais amplamente pelo corpo. É pelo corpo, e principalmente o corpo que deseja, mas que também é ameaçado, que o retorno a si vence as aventuras do mundo. E mesmo quando os termos empregados ficam soltos e podem assumir significados diferentes, eles indicam a convicção e a experiência de quase todas as mulheres: é pela sexualidade que nós mesmas nos construímos; e o olhar que uma mulher tem sobre sua vida e que faz falar de vitória ou derrota é comandado pela consciência da vitória ou da derrota de sua sexualidade. (TOURAINÉ, 2011, p.5)

No caso específico de El Hachmi muito se pensa e se diz sobre um choque de culturas, já que ela é de origem marroquina, mas vive na Catalunha desde os oito anos de idade. Este possível choque ganharia ainda mais força no campo sexual, já que este é um dos fatores de maior segregação entre homens e mulheres, principalmente no mundo islâmico, ao passo que, no mundo ocidental, muito já foi conquistado neste campo. A ideia de choque de culturas pode fazer-nos pensar em conflitos extenuantes entre dois mundos, na tentativa de um aniquilar o outro, mas na escrita de El Hachmi notamos uma tentativa de conciliação entre seus mundos, muito mais dentro do que Touraine (2011) chama de ambivalência:

A ambivalência corresponde às situações nas quais a escolha entre duas posições opostas é recusada, em que parece indispensável manter e combinar essas posições opostas, o que conduz aqueles ou aquelas que agem deste modo a estar descontentes com todas as suas condutas, já que eles não comungam inteiramente com nenhuma delas. (TOURAINÉ, 2011, p.69)

---

<sup>69</sup> No original: des de sempre s’han posat en pràctica diverses mesures encaminades a preservar la integritat sexual de les dones. Aquestes mesures van des de les diverses modalitats de les mutilacions genitals, que es creu que mitiguen o anul·len el desig sexual de les dones, fins a tancar-les a casa seva i a impedir-los tota relació amb homes que no siguin de la família. (BRAMON, 2007, p.70)

Esta ambivalência pode ser a base de criação do que vimos no capítulo anterior como a hibridação, a criação do terceiro espaço alcunhado por Bhabha.

Tendo em vista as questões até aqui delineadas, partiremos para a análise da obra, focando-nos principalmente na construção da protagonista sem-nome, à qual foram atribuídas características tidas comumente como masculinas, como a rebeldia, o impulso sexual e a tomada de atitude para poder, assim, romper com o patriarcado. Na primeira parte de *L'último patriarca*, esta personagem narra a história de seu pai, Mimoun Driouch, que nascera para continuar a linha do patriarcado da família Driouch, uma família pobre de cultura amazigh do norte do Marrocos. Mimoun é o único personagem importante que tem nome na obra, os outros que possuem nome são secundários, como Fatma, Isabel. O restante de personagens importantes são sempre referidos em função de sua posição na família, *madre, abuelo*. O fato de Mimoun ser o único importante nomeado nos leva a pensar que na construção dos outros personagens há uma generalização, assim todos os outros personagens seriam personagens-tipo, pensamento que pode ser contradito se nos focarmos na narradora-protagonista que rompe com o patriarcado e, portanto, estaria livre de entrar no rol de generalizações, mas, por outro lado, pode ser sim generalizada se pensarmos que ela pode ser a representação das filhas da imigração que chegam ao país de acolhida e têm que aprender a romper barreiras para encontrarem-se a si mesmas.

Antes de falarmos com mais detalhes sobre a obra, faz-se necessário que compreendamos o que é o patriarcado a que nos referimos e que deve ser combatido:

Em seu sentido mais geral, o patriarcado refere-se à lei do pai, o controle social que os homens, como pais, detêm sobre suas esposas e filhas. No seu uso mais específico dentro de estudos feministas, o patriarcado se refere ao sistema no qual os homens como grupo são construídos como superiores às mulheres como grupo e assim são aceitos a terem autoridade sobre elas. (McDOWELL, 2007, p.16)<sup>70</sup>

Desde seu nascimento, Mimoun nos é apresentado como o *afortunado*: “Naquele dia nasceu, depois de três meninas, o primeiro dos filhos de Driouch de Allal de Mohamed de Muhand de Bouziane, etc. Era o afortunado, Mimoun, por ter nascido depois de tanta mulher.” (EL HACHMI, 2008, p.11)<sup>71</sup> Estas tantas mulheres são suas irmãs que, ao longo de sua vida, serão as responsáveis, junto à mãe, por fazer dele o novo patriarca da família,

<sup>70</sup> No original: In its most general sense, the term patriarchy refers to the law of the father, the social control that men as fathers hold over their wives and daughters. In its more specific usage within feminist scholarship, patriarchy refers to the system in which men as a group are constructed as superior to women as a group and so assumed to have authority over them. (McDOWELL, 2007, p.16)

<sup>71</sup> No original: “Aquel día nació, después de tres niñas, el primero de los hijos de Driouch de Allal de Mohamed de Muhand de Bouziane, etc. Era el afortunado, Mimoun, por haber nacido después de tanta mujer.” (EL HACHMI, 2008, p.11).

patriarcado que só será rompido pela sua filha na segunda parte do romance. Ao assinalar a responsabilidade destas mulheres, queremos destacar a crítica que pode ser feita ao sexo feminino que, grande parte das vezes, é que dá oportunidade ao sexo masculino de tornar-se superior, pois, como já mostrou Simone de Beauvoir, o sujeito *torna-se mulher, torna-se o segundo sexo*. Não podemos nunca esquecer que estamos tratando de um romance que desvela tradições milenares de uma cultura arabizada que tem muito mais forte, muito mais legitimado o discurso de separação entre os sexos, portanto, quando dizemos que as mulheres da família de Mimoun são as responsáveis por fazer dele o novo patriarca estamos diante de um acontecimento que ainda não poderia ter acontecido de outra forma, ainda não havia instrumentos capazes revelar que o mundo *não precisava e não devia* ser daquele jeito, elas apenas *reproduziam* o que lhes fora passado ao longo de sua existência. Acerca da importância do filho homem, Bramon assinala que

O islã tem considerado tradicionalmente que a mulher é um capital biológico e que não é permitido deixá-lo improdutivo. Neste sentido, um provérbio árabe diz que casar equivale a cumprir metade da religião. O prestígio das mulheres depende em boa parte de sua condição de mães de família numerosa e muito especialmente do fato de ter engrandado filhos homens. (BRAMON, 2007, p.76)<sup>72</sup>

Tal pensamento pode ser comprovado na seguinte passagem do texto de El Hachmi:

No fundo, a ela [a mãe] não lhe importava que fosse menina. Mas, que faria quando todas as garotas acabassem em casa de outros e criassem lá sua descendência, e os filhos delas já não se lembrassem de sua linhagem? Certamente tudo isso da linhagem tampouco lhe importava, mas a solidão... A vizinha-cunhada já tinha dois filhos homens. Ela, até agora, tinha fracassado como esposa, não tinha cumprido o objetivo principal. O projeto dos Driouch não estava saindo segundo o previsto. (EL HACHMI, 2008, p.12)<sup>73</sup>

Por esta passagem notamos também que, apesar da imposição religiosa-cultural sobre a obrigação de ter um filho homem, para a mulher isto não tem tanta importância, o que ela tem medo, na verdade, é de ficar sozinha, o que levanta outra questão, a do abandono das mulheres árabes que são obrigadas a viver em função da família e quando esta se desfaz, ela fica sozinha.

---

<sup>72</sup>

No original: L'islam há considerat tradicionalment que la dona és un capital biològic i que no és permès deixar-lo improductiu. Em aquest sentit, un proverbi àrab diu que casar-se equival a complir amb la meitat de la religió. El prestigi de les dones depèn en bona part de la seva condició de mares de família nombrosa i molt especialment del fet d'haver engrandrat fills barons. (BRAMON, 2007, p.76)

<sup>73</sup>

No original: En el fondo, a ella le daba igual que fuera niña. Pero ¿qué haría cuando todas las chicas acabaran en casa de otros y criaran allí su descendencia, y los hijos de ellas ya no recordasen su linaje? Seguramente todo eso del linaje le daba exactamente lo mismo, pero la soledad... La vecina-cuñada ya tenía dos hijos varones. Ella, hasta el momento, había fracasado como esposa, no había cumplido el objetivo principal. El proyecto de los Driouch no estaba saliendo según lo previsto. (EL HACHMI, 2008, p.12)

O futuro patriarca Mimoun cresce cheio de cuidados e sendo-lhe permitido tudo. A história de sua infância revela um ser humano de má índole que inclusive teria cometido fratricídio por não suportar a ideia de ter um rival, apesar de sua pouca idade e aparente não-consciência do que se passa ao redor. Este fratricídio não é revelado no texto como de conhecimento da família, que pensa que a criança morrerá de alguma causa natural, mas nos perguntamos se realmente ninguém soube do ocorrido porque a narradora conta os fatos nesta parte do romance tais como ficou sabendo de conversas com suas tias, as irmãs do último patriarca Mimoun Driouch. A criança é chamada no romance de Rival Número Uno e o texto também revela que há uma incitação à rivalidade entre os irmãos por parte do pai:

O pai dizia, olhe, seu irmão é muito menos chorão que você, não acorda ninguém de madrugada. E o que você fará quando brigar com ele, quem será o vencedor? Você ou ele, que é menor? Se quiser que ele te respeite e te chame *Azizi*, já pode impor-se. (EL HACHMI, 2008, p.21-22)<sup>74</sup>

Ao juntar esta incitação do pai mais as mudanças provocadas na família com o nascimento da nova criança, que naturalmente cobrava mais atenção, o jovem Mimoun acabaria por matar seu irmãozinho:

Mimoun observava o pequeno, observava fixamente e, sem pensar demais, pegou uma das almofadas e o abraçou. O irmãozinho olhava ao seu redor e somente via sombras e cores, até que o único que pode ver foi o branco da suave tela e, ainda depois, no fim, somente a escuridão que antecipa a perda de consciência. (EL HACHMI, 2008, p.22)<sup>75</sup>

Tal tragédia ficou sem explicação, alguns até a teriam atribuído à presença de algum espírito maligno na casa.

Tempos depois nasce outro irmão de Mimoun, o Rival Número Dois que aparentemente não desperta muito a atenção do último patriarca e, dessa maneira, consegue sobreviver (a princípio não é dada nenhuma relevância a este outro homem da família, mas ele se revelará de grande importância como peça fundamental para o fim do patriarcado).

O acontecimento do fratricídio é só uma pequena amostra da falta de limites de Mimoun que sempre cometia algum delito e, quando queria uma coisa, por mais absurda que fosse, tinha por hábito teatralizar para conseguir o que queria. Chegou até a fingir que tinha dado a si mesmo uma facada para convencer a família a permitir que fosse atrás de *madre*, sua

<sup>74</sup> No original: El padre decía, mira, tu hermano es mucho menos llorón que tú, no despierta a nadie de madrugada. ¿Y qué harás cuando te pelees con él, quién será el ganador? ¿Tú o él, que es más pequeño? Si quieres que te acabe respetando y te llame *Azizi*, ya puedes imponerte. (EL HACHMI, 2008, p.21-22)

<sup>75</sup> No original: Mimoun miraba al pequeño, lo miraba fijamente y, sin pensárselo demasiado, cogió uno de los almohadones y lo abrazó. El hermanito miraba a su alrededor y sólo veía sombras y colores, hasta que lo único que pudo ver fue el blanco de la suave tela y, aun después, al final, sólo la oscuridad que anticipa la pérdida de conocimiento. (EL HACHMI, 2008, p.22)



futura esposa a quem ele declaradamente escolhe para ser sua mulher porque lhe parecia perfeita para ser *domesticada*: “Pelo modo que havia baixado o olhar, soube que essa era a mulher que poderia domesticar, com a que criaria uns vínculos tão fortes que não poderiam desfazer-se nunca, nunca.” (EL HACHMI, 2008, p.55)<sup>76</sup>

Para Mimoun, as mulheres não passavam de objetos sexuais e elas “que não sabiam fazer-se respeitar, que não preservavam sua honra, eram isso, somente cavidades onde desfazer-se da própria tensão”. (EL HACHMI, 2008, p.53)<sup>77</sup>

O teatro empreendido por Mimoun para poder casar, apesar de que ainda tinha apenas dezesseis anos e nenhuma condição financeira e psicológica para assumir tal responsabilidade, é mais uma amostra de sua falta de limites, pois ao ser contrariado pelos pais, que tentavam racionalizar os fatos, ele usa do extremismo da ideia de morte para obrigar o pai a ir até a casa da família de sua eleita e convencer o pai dela a dar-lhe a mão de sua filha em casamento.

O que se segue é apresentado como uma incógnita no texto, talvez uma crença no destino, pois ninguém entende como o *abuelo segundo*, futuro sogro de Mimoun, concorda em ceder-lhe a filha para casar-se com ele, que tinha fama de pessoa difícil, que sempre fazia alguma travessura, não trabalhava, não estudava, não tinha condições de formar uma família. Mais uma vez temos a ideia da teatralização empreendida por Mimoun, que frente ao sogro se comporta muito bem, se faz de bom-moço e consegue ficar noivo de *madre*: “O *abuelo* nunca o havia visto nessa atitude e o *abuelo segundo* pensou que garoto tão bem educado, que calado, que respeitoso.” (EL HACHMI, 2008, p.66)<sup>78</sup> Aqui vale um parêntese: *madre* foi escolhida para ser domesticada por Mimoun porque, aos seus olhos e na observação do povoado era uma garota imaculada que, de fato, nem se atrevia a olhar um homem nos olhos, as únicas coisas que fazia durante seus dias era limpar e cozinhar para sua família, a mulher perfeita aos olhos de Mimoun para criar *vínculos* com ele e ser só sua, viver em sua função, pois todas as outras, tirando as de sua família, para ele eram putas:

As irmãs maiores de Mimoun eram mulheres como é devido, mulheres que nunca haviam criado nenhum problema, pudentes, trabalhadoras, honestas, e de nenhuma se tinha conhecido nunca nenhuma só paquera, nem um só olhar pouco decoroso

---

<sup>76</sup>

No original: “Por el modo en que había bajado la mirada, supo que ésa era la mujer a la que podría domesticar, con la que crearía unos vínculos tan intensos que no podrían deshacerse nunca, nunca.” (EL HACHMI, 2008, p.55)

<sup>77</sup> No original: “que no se sabían hacer respetar, que no preservaban su honor, eran eso, sólo cavidades donde deshacerse de la propia tensión.” (EL HACHMI, 2008, p.53)

<sup>78</sup> No original: “El abuelo nunca lo había visto en esa actitud y el abuelo segundo pensó qué chico tan bien educado, qué callado, qué respetuoso.” (EL HACHMI, 2008, p.66)

antes de seu casamento. Mimoun estava orgulhoso delas, principalmente desde que havia comprovado que no mundo havia muitas mulheres baixas que necessitavam de um homem como se fossem cachorras ou coelhas. Suas imãs eram como se deve ser, castas. (EL HACHMI, 2008, p.56)<sup>79</sup>

Acertado o casamento para dali a dois anos, Mimoun se vê diante da necessidade de trabalhar e, depois de uma tentativa frustrada de emprego, decide emigrar para a Catalunha logo após o noivado para juntar o dinheiro para a cerimônia e o dote (a imigração é uma reconhecida forma encontrada por muitos para conseguir fazer a vida, como vimos no capítulo 2 deste trabalho), pois “como faria para pagar a cerimônia de compromisso, que acordaram em seis meses? E as alianças? Como pagariam o casamento que seria celebrado dois anos mais tarde, quando *madre* já fosse mais velha o suficiente?” (EL HACHMI, 2008, p.69)<sup>80</sup>

Apesar de parecer que é por amor ou pelo menos pela fantasia de casar-se que Mimoun empreendera o projeto de ir para o estrangeiro, El Hachmi demonstra que as coisas não se deram exatamente assim. Desde muito cedo ele teria a convicção de que há um destino a ser cumprido e que ali, no Marrocos, ele não estava em seu lugar de direito: “estava convencido de que esse era o destino que lhe tocava viver [migrar]. Estremecia de emoção ao pensar que se desfazia o destino que lhe havia tocado, até então, o pequeno, mísero e injusto destino que o perseguia desde seu nascimento.” (EL HACHMI, 2008, p.77)<sup>81</sup> E mais, “é muito provável que o verdadeiro motor da viagem de Mimoun fosse o convencimento de que qualquer alternativa seria melhor do que o que ele já tinha, que de fato ele devia considerar que não era nada.” (EL HACHMI, 2008, p.79)<sup>82</sup>

---

<sup>79</sup>

No original: Las hermanas mayores de Mimoun eran mujeres como es debido, mujeres que nunca habían creado ningún problema, prudentes, trabajadoras, honestas, y a ninguna se le había conocido nunca ni un solo flirteo, ni una sola mirada poco decorosa antes de su boda. Mimoun estaba orgulloso de ellas, sobre todo desde que había comprobado que en el mundo había muchas mujerzuelas que necesitaban un hombre como si fueran perras o conejas. Sus hermanas eran como se debe ser, castas. (EL HACHMI, 2008, p.56)

<sup>80</sup>

No original: “¿cómo haría para pagar la ceremonia de compromiso, que fijaron en seis meses? ¿Y los anillos? ¿Cómo pagarían la boda que se había de celebrar dos años más tarde, cuando madre ya fuera lo bastante mayor?” (EL HACHMI, 2008, p.69)

<sup>81</sup>

No original: “estaba convencido de que ése era el destino que le tocaba vivir. Se estremecía de emoción al pensar que se deshacía el destino que le había tocado hasta entonces, el pequeño, mísero e injusto destino que le perseguía desde su nacimiento.” (EL HACHMI, 2008, p.77)

<sup>82</sup> No original: “(...) es muy probable que el verdadero motor del viaje de Mimoun fuese el convencimiento de que cualquier alternativa sería mejor que lo que ya tenía, que de hecho él debía de considerar que no era nada.” (EL HACHMI, 2008, p.79)

Mimoun é acolhido na Catalunha por um de seus tios que ali vivia, tio este que é suspeito de ter abusado dele na infância, assunto que não é discutido e parece que nem lembrado pelos personagens. O tio morava numa cidade próxima a Barcelona, provavelmente Vic (seria mais uma coincidência entre a obra e a biografia de El Hachmi), vivia dividindo a casa com outros trabalhadores da construção civil, ramo de trabalho a que Mimoun se dedicava no Marrocos e que agora desempenharia na Espanha. A Mimoun a cidade lhe pareceu ter um odor estranho e seu tio explicava que era por conta dos porcos que ali eram consumidos e criados (lembremos que o consumo da carne de porco é proibido no Islã).

O imigrante recebe também um novo nome, Manel, já que Mimoun era difícil de ser pronunciado ali, fato significativo que demonstra que o imigrante pode ser destituído até do mais elementar de sua identidade, seu nome. Ele chega à Catalunha sem falar o catalão ou o espanhol e, no começo, a única coisa que entende são algumas ordens do patrão e se contenta em comer um salgadinho qualquer, pois não sabe pedir outra coisa. Com poucas semanas ele começa a aprender um pouco da língua local e assim consegue se adaptar melhor. Não vemos neste personagem nenhuma grande preocupação pela linguagem como veremos adiante na sua filha, que tem verdadeira agonia por dominar o catalão.

Enquanto isso *madre* espera seu regresso, que não se dá da maneira planejada, pois ele é expulso da Catalunha (emigrara ilegalmente) após envolver-se com a esposa do patrão e volta ao Marrocos sem dinheiro. O envolvimento de Mimoun com a mulher do patrão para ele não foi algo errado, já que na sua visão o patrão queria que ele dormisse com sua esposa, pois a deixava sozinha em casa quando havia dois trabalhadores homens na obra. Mesmo que lhe parecesse estranha tal atitude do patrão, Mimoun conclui que naquele país tudo era estranho, então certamente o patrão deixava sua mulher ali para que ele a satisfizesse sexualmente talvez por ele, o patrão, não podê-lo mais (Mimoun não consegue entender que aquele fosse um comportamento natural, a esposa não estar junto de um familiar). E assim eles foram traindo o patrão até que Mimoun a obriga a uma relação anal e ela conta para o marido. Este tipo de relação é mostrada como comum no mundo muçulmano como uma maneira de as mulheres terem relações sexuais e ainda assim chegarem virgens ao casamento. Vemos que isto estaria na prática do mundo islâmico, mas segundo Bramon, “O coito anal é estritamente proibido e os ulemás do islã o consideram uma forma menor de pederastia e um ato diabólico.” (EL HACHMI, 2008, p.69)<sup>83</sup> Ou seja, era uma atitude vergonhosa e que não poderia ser tratada publicamente.

---

<sup>83</sup> No original: “El coit anal és estrictament prohibit i els ulemes de l’islam el consideren una forma menor de pederàstia i un acte diabòlic.” (BRAMON, 2007, p.69)

De volta ao Marrocos, uma de suas irmãs consegue fazer com que ele se apresente diante da família como se estivesse tudo bem e eles vendem terras para poder cumprir o compromisso firmado com a família de *madre*. Dessa maneira, o último patriarca consegue dar início ao que chamaremos de seu patriarcado isolado, pois não mais há mais as figuras dos *abuelos*, seu pai e seu sogro, e, como seu irmão ainda é muito pequeno, ele está livre para reinar.

Antes do casamento, Mimoun busca confirmar com uma de suas primas, Fatma, se *madre* obedecera as ordens que ele havia deixado: ela não podia sair, não podia conversar com outros homens que não fossem de sua família:

Perguntou-lhe a Fatma se ela havia escutado algum rumor, se sua futura esposa havia ido a casamentos, contrariando a vontade que ele havia expressado antes de ir, se havia ido alguma vez à cidade ou havia se mostrado junto ao poço. Ela lhe dizia a mim que me importa tua negra, Mimoun, não vê que esta garota é mais uma escrava que uma esposa? Mas não, não escutei nada mal, que sim eu gostaria, já, poder te contar, lhe dizia enquanto se deixava levantar a saia sob um canto oculto que formava a chaminé com o muro branco da casa. (EL HACHMI, 2008, p.107)<sup>84</sup>

Neste trecho, além da imposição de Mimoun sobre o comportamento de sua futura esposa, notamos também já um aspecto psicológico da personalidade de *madre*: a extrema submissão: *mais uma escrava que uma esposa*. Há também a insinuação de traição entre Mimoun e sua prima, que anteriormente no romance foi apresentada como a responsável pela iniciação sexual de Mimoun.

O casamento de Mimoun e *madre* demonstra perfeitamente como se dariam as relações no mundo islâmico em relação à sexualidade. A grande preocupação dele é em relação à virgindade da esposa, como mostrar socialmente que ela era virgem: “Como começar? Como demonstrar ao mundo que ele era o bastante viril e sua esposa o bastante decente por haver conservado o hímen intacto?” (EL HACHMI, 2008, p.109)<sup>85</sup> El Hachmi pontua a estranheza deste hábito islâmico de mostrar o lençol manchado pelo sangue da primeira vez da mulher: “Devia ser muito estranho que o sexo, tão privado e tabu que era

---

<sup>84</sup> No original: Le preguntó a Fatma si ella había oído algún rumor, si su futura esposa había asistido a bodas, contrariando la voluntad que él le había expresado antes de marcharse, si había ido alguna vez a la ciudad o había enseñado sus encantos junto al pozo. Ella le decía y a mí que me importa tu negra, Mimoun, ¿no ves que esa chica es más una esclava que una esposa? Pero no, no he oído nada malo, que ya me gustaría, ya, podértelo contar, le decía mientras se dejaba levantar la falda bajo el rincón oculto que formaba la chumbera con el muro blanco de la casa. (EL HACHMI, 2008, p.107)

<sup>85</sup>

No original: “¿Cómo empezar? ¿Cómo demostrar al mundo que él era lo bastante viril y su esposa lo bastante decente como para haber conservado el himen intacto?” (EL HACHMI, 2008, p.109)

naqueles lugares, se fizera tão público em cerimônias como essas”. (EL HACHMI, 2008, p.109)<sup>86</sup>

O reinado de Mimoun a que nos referimos anteriormente é a materialização do inferno a que as mulheres são submetidas. A todo o momento as palavras “domesticar” e “vínculos” aparecem no texto para referir-se a *madre*, aquela eleita por Mimoun para ele conseguir concretizar o patriarcado herdado. *Madre* sofre agressões tanto físicas quanto verbais e não lhe é permitido conversar com outros homens e nem mesmo ir ao quintal de casa, onde estaria exposta às vistas das pessoas do povoado. Ela recebe as agressões caladas, pois não sabe nem que pode muito menos como reagir.

*Madre* aprendeu em sua casa como deveria portar-se no casamento, aprendeu suas obrigações junto ao lar e à família do esposo (como costume, as noivas vão viver com os pais do marido):

Quando aprendeu a cozinhar, a fazer o pão, a moer a farinha e a colher as ervas para os coelhos, a *abuela segunda* sempre lhe repetia que tudo isso lhe serviria para ir preparada a casa de seu marido. Pense que uma noiva sempre é o centro das atenções e que será julgada por suas ações e pelo que sair de sua boca. Gozará dos favores de sua senhora sempre que ela estiver contente com o trabalho que faça, não se esqueça. Ela é mais velha e merece que a honre como mãe de seu filho. Que não saiam de seus lábios mais que palavras doces e que suas mãos não se detenham nunca. (EL HACHMI, 2008, p.114)<sup>87</sup>

Mesmo grávida ela não é poupada e, nesta sua primeira gravidez, há um dado curioso: Mimoun quer que a criança seja uma menina. Fato curioso porque, geralmente, os patriarcas querem homens para suceder-lhes no patriarcado, mas Mimoun prefere uma mulher, talvez por medo de ter que enfrentar um homem, pois seria mais difícil domesticar um sujeito do sexo masculino, já as mulheres não. Apesar de sua preferência, nasce um menino e ele não permite sequer que festejem na casa e o povo pensa que nascera uma mulher (a casa é só uma extensão do pensamento comum. Uma menina não é motivo de festa).

Mimoun segue revelando-se sem limites, agredindo *madre*, não dá importância ao fato de ter que sustentar uma família. Seu pai chama-lhe a atenção quanto a isso e ele parece não deixar-se tocar pelos problemas que causa. Para fugir dos sermões, ele resolve voltar à

---

<sup>86</sup> No original: “Debía de ser muy extraño que el sexo, tan privado y tabú que era en aquellos lugares, se hiciera tan público en ceremonias como ésas.” (EL HACHMI, 2008, p.109)

<sup>87</sup> No original: Cuando aprendió a cocinar, a hacer el pan, a moler la harina y a recoger las hierbas para los conejos, la abuela segunda siempre le repetía que todo eso le serviría para ir preparada a la casa de su marido. Piensa que una novia siempre es el centro de atención y que serás juzgada por tus acciones y por lo que salga de tu boca. Gozarás de los favores de tu señora siempre que ella esté contenta con el trabajo que hagas, no lo olvides. Ella es mayor y se merece que la honres como madre de su hijo. Que no salgan de tus labios más que palabras dulces y que tus manos no se detengan nunca. (EL HACHMI, 2008, p.114)

Espanha, à Catalunha. Certamente *madre* deveria esperá-lo e ele adverte que ela não pode nunca sair de casa. Ela deve seguir enjaulada fazendo os afazeres domésticos, cuidando do filho deles, não pode sair do espaço limitado pelas paredes da casa.

O patriarca empreende, então, o retorno à vida de imigrante ilegal, ele volta à Espanha e ali fica por um tempo até decidir-se voltar ao Marrocos, dessa vez por vontade própria, por achar que ali trabalhando como pedreiro ainda não estava seu *destino*, ele sempre queria mais, não se conformava com o que tinha, apesar de parecer não saber o que queria de fato.

Seu retorno ao Marrocos é o retorno do inferno para a família, sua simples presença parece criar uma atmosfera de tensão. Após um período de agressões e nervosismos, Mimoun decide novamente retornar à Catalunha, pois crê novamente que ali no Marrocos também não está seu destino. Ele deixa *madre* grávida sem se preocupar se ela iria ou não precisar dele. Meses depois, recebe na Catalunha a notícia do nascimento de seu filho, dessa vez uma menina, que o enche de felicidade, até seu tio fazer brotar nele a desconfiança a respeito da paternidade da criança que nascera prematura. Com a distância, Mimoun não vê o que realmente se passa, não vê a luta que a criança prematura empreende para poder viver. Ele toma para si a desconfiança, trata como fato certo para usar como desculpa para suas ações, pois havia sido traído pela mulher e isso justifica todos os seus atos insanos. Ter sido enganado legitima que ele tenha outras mulheres e possa tratar *madre* da maneira que lhe aprouver (como se já não o fizera antes). Esta sua desculpa faz parte de seu repertório de encenações teatrais que comovem as pessoas e, as que não concordam, como muitas pessoas do povoado que viram o que de fato se deu, têm pena dele, acham que ele não é muito certo das ideias, pois sempre lhe foram comuns estas atitudes insanas. No fim do romance, somos esclarecidos que a aparente loucura de Mimoun não se dá só pela criação recebida para ser o novo patriarca, mas também pelo uso de álcool e drogas.

Alheia a estas questões, a menina sobrevive e será a responsável pelo que podemos chamar de subversão da ordem falocêntrica. Ela cresce sem conhecer o pai, só ouvindo falar de um certo Mimoun que mora longe e que a família não se conforma por estar envolvido com uma cristã, Isabel, a quem todos se referem de maneira pejorativa. Sem ter noção exata do que se passava, a menina aos quatro anos de idade inaugura o que ela mesmo mais tarde chama de capa de *supermana*, é ela quem encarna a heroína que, através de ações nunca pensadas antes como vindas de uma mulher, salva a família e acaba com o patriarcado dos Driouch. Nasce aí nossa personagem masculinizada que, aos poucos, vai construindo o poder

de tomar suas próprias decisões, de fazer seu próprio destino e não aceitar passivamente um que lhe seja imposto. A chamamos de personagem masculinizada porque é através da tomada de atitudes até então somente aceitas se vindas de um homem que ela consegue subverter a supremacia falocêntrica tão comum à maior parte das culturas, em algumas mais evidenciadas, em outras atualmente veladas.

A primeira atitude dessa *supermana* é tomar o telefone e chamar a atenção do pai, que mal havia visto, pedindo-lhe que largasse de vez Isabel e viesse cuidar de sua família: “Por que não larga de uma vez dessa puta cristã e faz o favor de se encarregar de nós? Não acha que já é hora de pensar na tua família?” (EL HACHMI, 2008, p.169)<sup>88</sup> Atitude que encerra a primeira parte da obra e abre espaço para a segunda, onde ela é a protagonista.

A segunda parte do romance tem início, então, com a chegada da família de Mimoun à Catalunha, onde a ainda pequena protagonista crescerá e terá que não só aprender e suportar a convivência entre dois mundos diferentes, mas acima de tudo suportar a presença esmagadora do pai até conseguir alcançar sua independência.

Os primeiros meses na Catalunha foram meses de aprendizado sobretudo da língua local e de relativa tranquilidade até que um episódio marca a ruptura desta paz. Episódio que a menina chama de *El extraño incidente del cuchillo a medianoche* e que não tem certeza se de fato se deu ou não: “Acontece, às vezes acontece que não se sabe até que ponto o que aconteceu aconteceu ou não. Se sonhou ou se viveu, se a lembrança é sua ou é de quem explica uma vez e outra.” (EL HACHMI, 2008, p.177)<sup>89</sup> E este é o tom da maioria dos episódios emblemáticos do romance, tudo pode ou não ter acontecido, pode ser uma lembrança ou o fruto da imaginação ao juntar-se o que nos é contado por outros.

Não sabemos se se deu ou não, mas o estranho incidente é assim narrado:

(...) Não lembro se dormia ou não quando chegou e de repente acordou a *madre*, com uma sacudida. (...) *Padre* deve ter aberto uma cerveja atrás da outra enquanto falava gritando com *madre*; meus irmãos não acordaram e nenhum deles soube nunca o que aconteceu aquela noite. Escutei que gritava e não soube o que fazer. (...) Eu estava na metade do corredor quando vi que entrava em seu quarto. *Madre* disse, como pode, sai daqui, mas eu a podia ver, com o pescoço estirado e a faca que já lhe tocava a pele. Sai, e fazia gestos com a mão para que eu voltasse a meu quarto, mas eu devia de ter um destes momentos em que não posso me mexer e fico quieta sem poder fazer nada. Vem, filha, vem, que vai ver como degolo a sua mãe. Quer ver? Eu nem respirava e *madre* dizia sai daqui. Sabe o que me fez a tua mãe? Diga quem foi ou te corto a garganta agora mesmo. Ou meu tio em uma das suas viagens de volta ou o vizinho que te levou de carro para visitar seu pai ou ainda meu irmão.

<sup>88</sup> No original: “¿Por qué no dejas de una vez a esa puta cristiana y haces el favor de encargarte de nosotros? ¿No crees que ya es hora de que pienses en tu familia?” (EL HACHMI, 2008, p. 169)

<sup>89</sup> No original: “Ocurre, a veces ocurre que no sabes hasta qué punto lo que ocurrió ocurrió o no. Si lo soñaste o lo viviste, si el recuerdo es tuyo o es de quien te lo explica una y otra vez.” (EL HACHMI, 2008, p.177)

Quem? Quem? Quem? Saiba que eu já sei a resposta, mas quero escutar da tua boca. Vem, que vai ver como morre a tua mãe, vem. Vem. Acho que neste momento voltei a dormir ou caminhei até a cama, ou não, mas entendi que a morte não é tão difícil como parece. (EL HACHMI, 2008, p.178-179)<sup>90</sup>

O trecho é longo, mas decidimos produzi-lo aqui porque mostra como a loucura e a violência de Mimoun poderia, a qualquer momento, transformar-se em uma tragédia e também como a menina que não sabe se foi sonho ou não pode ter dito isto apenas para atenuar as marcas de uma lembrança tão pesada. O pai chega bêbado em casa e o que quer é agredir a mulher lançando mão de sua desculpa preferida, a da suposta traição de *madre*.

A partir de então, na casa dos Driouch na Catalunha pequenas eram as diferenças da casa marroquina deixada para trás: as agressões continuavam, as atitudes sem explicações lógicas, as traições e bebedeiras do patriarca também. Neste universo, a protagonista crescia sempre acompanhando seu pai, que fazia questão de sua presença sempre perto dele, levando-a inclusive a bares e outros lugares impróprios para crianças. Essa atitude é estranha porque, numa família tradicional, a menina ficaria em casa aprendendo os afazeres domésticos e quem acompanharia o pai seria um filho homem.

A protagonista compara sua vida em casa com o famoso filme *Poltergeist*, em que a personagem Carol-Anne é levada para dentro de um televisor após tocá-lo e há uma série de fenômenos sem explicação em sua casa, assim como na casa dos Driouch onde ocorreriam coisas assombrosas, mas pela violência, não pelo sobrenatural:

Assim começou o inferno. Nem mais nem menos. Agora já não choro. Com uma lembrança tão pouco verossímil não tive outro remédio que fazer ficção de tudo aquilo. Por isso sempre que aquela noite me vem à memória, me vejo a mim mesma como Carol-Anne justo antes de tocar com o dedo a televisão que a levaria para sempre. Assim tudo era mais fácil. Ela era uma garotinha loira, sem traumas, feliz, que vivia com seus pais americanos em uma casa americana e que, apesar das circunstâncias, aconteceu o que aconteceu e sofreu o que sofreu. Meu poltergeist era diferente, mas não posso me lembrar nas sombras daquele corredor de paredes ainda destripadas sem uma comprida cabeleira loira e um urso de pelúcia entre os braços. (EL HACHMI, 2008, p.180)<sup>91</sup>

---

<sup>90</sup> No original: (...) No recuerdo si dormía o no cuando llegó y de repente despertó a madre, con una sacudida. (...) Padre debió de abrir una cerveza tras otra mientras hablaba gritando con madre; mis hermanos no se despertaron y ninguno de ellos ha sabido nunca qué pasó aquella noche. Yo oí que gritaba y no supe qué hacer. (...) Yo estaba en mitad del pasillo cuando vi que entraba en su habitación. Madre dijo, como pudo, vete, pero yo la podía ver, con el cuello estirado y el cuchillo que ya le tocaba la piel. Vete, y hacía gestos con la mano para que regresase a mi habitación, pero yo debía de tener uno de esos momentos en que no me puedo mover y me quedo quieta sin poder hacer nada. Ven, hija, ven, que verás cómo degüello a tu madre. ¿Quieres verlo? Yo ni respiraba y madre decía vete. ¿Sabes qué me ha hecho tu madre? Di quién fue o te corto el cuello ahora mismo. O mi tío en uno de sus viajes de vuelta o el vecino que te llevó en coche a visitar a tu padre o bien mi hermano. ¿Quién? ¿Quién? ¿Quién? Piensa que yo ya sé la respuesta, pero quiero oírla de tus labios. Ven, que verás cómo muere tu madre, ven, ven. Creo que en ese instante volví a dormirme o caminé hacia la cama, o no, pero entendí que la muerte no es tan difícil como parece. (EL HACHMI, 2008, p.178-179)



A ideia de fazer ficção sobre o que passa demonstra algo que é recorrente na literatura: a escrita como terapia. Sem saber o que fazer com o que se passava, a jovem menina começa a criar a partir daquela realidade e o resultado pode ser simplesmente o romance que lemos. Mais adiante, a terapia torna-se uma obsessão, ela precisa escrever, mas quer escrever na língua que agora é a sua, o catalão, que precisa urgentemente dominar e, para isso, começa a estudar um dicionário, guardando os significados e a grafia.

O pai se mostrava obcecado pela menina, uma relação que beira o incesto, mas ela só começa a estranhar a obsessão do pai quando já adulta relembra a infância. Este seu papel de acompanhante inseparável do pai só termina na adolescência, com a chegada da primeira menstruação, quando o pai percebe que a filha tornava-se uma mulher e começava a atrair a atenção dos homens e, sutilmente delineado, notamos que a sua própria atenção também. O pai, então, a proíbe de conversar com qualquer homem, ela não deve nem mesmo olhar para um homem. Essa repentina mudança não é logo compreendida pela menina que não consegue entender porque o pai já não a queria com ele. Mais tarde é que ela aprende a distinguir o que é um olhar de desejo e aí entende porque o pai mudara tanto com ela assim que começou a ficar menstruada.

Outra atitude curiosa do pai em relação à menina é não permitir-lhe que use o véu. Se era algo da cultura deles, por que a menina não poderia usá-lo, já que ela manifestara essa vontade? Não temos uma resposta que feche este assunto, mas lembramos que o pai jamais vivera segundo os costumes muçulmanos, pois em sua atitude de rei, não se submetia a nada, chegando, por vezes, a zombar da religião. Quem se mostra sempre atada à religião é *madre*, que, mesmo sem acertar a direção de Meca, nunca deixou de fazer suas orações.

A menina não sabe explicar de onde viera o desejo de usar o véu. Foi algo que foi crescendo dentro dela:

Primeiro o colocava para rezar. Depois para ficar em casa. Até que senti que era imprescindível, que não poderia viver nunca mais passando diante de alguém com a cabeça descoberta. O coloquei para fazer compras e notei os olhares assombrados dos vendedores que me conheciam. Ninguém disse nada. Saí assim um par de vezes e um dia *padre* me viu. Aonde vai assim?, me disse, e fez cara de estranhamento.

---

<sup>91</sup> No original: Así comenzó el infierno. Ni más ni menos. Ahora ya no lloro. Con un recuerdo tan poco verosímil no tuve otro remedio que hacer ficción de todo aquello. Por eso siempre que aquella noche me viene a la memoria, me visualizo a mí misma como Carol-Anne justo antes de tocar con el dedo el televisor que se la llevaría para siempre. Así todo era más fácil. Ella era una niña rubia, sin traumas, feliz, que vivía con sus padres americanos en una casa americana y que, a pesar de las circunstancias, le pasó lo que le pasó y sufrió lo que sufrió. Mi poltergeist era diferente, pero no puedo recordarme en las penumbras de aquel pasillo de paredes todavía destripadas sin una larga cabellera rubia y un oso de peluche entre los brazos. (EL HACHMI, 2008, p.180)

Anda, não saia mais com este trapo na cabeça. Mas se... Já me escudou. (EL HACHMI, 2008, p.232)<sup>92</sup>

A protagonista vive num inferno doméstico. O pai é extremamente agressivo, atira objetos quando se irrita com qualquer motivo, tem declaradamente amantes que chegam a relacionar-se com a família e eles não podem fazer frente a nada. A menina não pode ter amigos nem amigas: os homens porque, segundo o pai, nenhum presta e as mulheres porque, segundo o pai, são todas umas putas. Ou seja, a seus olhos não há ninguém digno de estar ao lado de sua filha declaradamente preferida. Neste inferno, o refúgio encontrado pela garota que já manifesta desejo de ser escritora é, como vimos, atrelar-se à leitura de um dicionário de catalão e, à medida que este dicionário vai sendo lido e acrescentado no final dos capítulos, ela vai crescendo, sempre tentando entender o porquê de tudo aquilo e sentindo que aquele não seria seu destino. Ela não queria casar-se e reproduzir a vida de sofrimento da mãe. A maneira encontrada pela menina de fugir um pouco de casa e tentar construir seu próprio destino foi seguir estudando, com a aprovação do pai, que parece que aceitava isso para não ter que entregar a filha a outro homem e seguir com ela sempre perto dele. É no instituto educacional que ela conhece seu primeiro namorado, o responsável por uma libertação não antes pensada.

Desde o princípio, o namorado, que é árabe como ela, se mostra muito mais interessado em levá-la a cama que qualquer outra coisa e ele fazia o tipo que se dizia muito apaixonado e que não poderia viver sem ela; tudo muito comum. Naturalmente, ela foi deixando-se levar até que um dia, após a fazer provar maconha, ele finalmente consegue ter relações com ela. A jovem parece ainda não entender muito o que acontecia, mas ela tem certeza que ali está a chave que acabará com o patriarcado: o sexo:

Não notei nenhum efeito muito espetacular, só tosse, e pode ser que não soube fumar o baseado, mas não vi nada do outro mundo e ri como já ri outras vezes só com uma tragada. Não. Mas notei que os músculos cediam e que os tendões da virilha se transformavam em gelatina. Deixei-me cair e ele não demorou em vir para cima de mim. Ai, gritei. Chorei, soluzei como se ainda tivesse dois anos, mas não era só a dor, era que havia cavado uma fossa a mim mesma ou era que começava a tecer o caminho até a derrota definitiva do patriarcado. (EL HACHMI, 2008, p.308)<sup>93</sup>

<sup>92</sup> No original: Primero me lo ponía para rezar. Después para estar por casa. Hasta que sentí que era imprescindible, que no podría vivir nunca más pasando delante de alguien con la cabeza descubierta. Me lo puse para ir a comprar y percibí las miradas asombradas de los tenderos que me conocían. Nadie dijo nada. Salí así un par de veces y un día padre me vio. ¿Dónde vas así?, me dijo, y puso cara de extrañeza. Anda, no salgas más con ese trapo en la cabeza. Pero si... Ya me has oído. (EL HACHMI, 2008, p.232)

<sup>93</sup> No original: No noté ningún efecto demasiado espectacular, sólo tosí, y puede que fuera que no supe fumarme el porro, pero no vi nada del otro mundo y me reí como me he reído otras veces sólo con una calada. No. Pero noté que los músculos cedían y que los tendones de las ingles se convertían en gelatina. Me dejé caer y él no tardó en embestirme. Ay, grité. Lloré, sollocé como si aún tuviera dos años, pero no era sólo el dolor, era que ya

A referência ao uso de drogas também é importante porque remete-nos a um dos problemas da imigração, principalmente a ilegal, que é o aliciamento de pessoas ao tráfico. Há várias vezes, no texto, a palavra “camello” quando se fala deste seu namorado, o que faz-nos inferir que ele poderia ser um traficante, já que “camello” é usada neste âmbito para referir-se às pessoas que traficam drogas, como vemos no dicionário da Real Academia Espanhola: *2.m. Persona que vende drogas tóxicas al por menor.*<sup>94</sup>

Ela titubeia se realmente está apaixonada por este primeiro namorado, mas não nega a atração que ele desperta. Este namorado se revela uma pessoa de modos no mínimo contraditórios, pois sempre exagerava dizendo que sem ela não poderia viver e não se mostrava uma pessoa de atitude: ao contrário, era totalmente passivo, inicialmente. O texto é construído cheio de ironias, revelando que mesmo aquele homem tão passivo e sensível a princípio, quando já *possui* sua mulher acaba por reproduzir a atitude corrente de dominação masculina, pois ele não se preocupa com os sentimentos e os desejos dela, apenas com os dele. A relação entre eles se dá às escondidas de todos na família dela e, dessa maneira, segue por três anos, até que o relacionamento é revelado por alguém ao pai, que não aceita de modo algum que sua filha esteja saindo com aquele tipo de homem, aliás, não admitiria que ela saísse com nenhum homem.

O pai diz que só daria a permissão para o casamento se a filha confessasse que não era mais virgem, atitude para nós altamente reacionária, que mais uma vez revela o alto grau de controle exercido pelo patriarca sobre a família. Ela não tem coragem de contar a verdade ao pai, pois teme que ele mate a ela e ao namorado. Cansada de tanta castração à vida, ela toma vários medicamentos com o intuito de dormir por um tempo e ter alguns minutos de paz. Sem ter noção da dosagem, ela acaba intoxicada pelos remédios e tem que ser internada. O pai interpreta a atitude dela como um aviso de que senão se casasse com o namorado, se mataria. Aparentemente sem querer, portanto, ela acaba conseguindo o consentimento do pai e casa-se, mas sem ter certeza de que era realmente o que deveria fazer. O texto mostra, a todo momento, que estamos diante de uma mulher que tem suas próprias reflexões, que não aceita passivamente tudo que lhe é imposto, mesmo que não concorde somente em pensamento por ainda não poder agir.

---

me había cavado una fosa a mí misma o era que empezaba a tejer el camino hacia la derrota definitiva del patriarcado. (EL HACHMI, 2008, p.308)

<sup>94</sup>

(<http://lema.rae.es/drae/?val=camello> – acesso em 19/01/2013)

O casamento que poderia significar o fim do patriarcado acaba revelando-se outro patriarcado, pois o marido mostra-se machista e a quer presa em casa, como a maioria dos homens. Se no namoro eles haviam acordado que as tarefas domésticas seriam divididas entre eles e ele não parecia preocupar-se com o modo de ela se vestir. Depois de casados ele já não faz nada em casa e pede-lhe que se vista bem tampada e inclusive use o véu, que o pai também manda que ela use, contrariando a proibição que fizera na adolescência. Diante deste panorama de reprodução da submissão feminina que ela conhecia tão bem e que pensara que estaria livre, ela resolve separar-se e morar sozinha, trabalhar e sustentar a si própria. Não aceita voltar a viver na casa da família e também não abaixa a cabeça às ameaças do marido, que não quer vê-la com outro. O dia-a-dia de casada lhe mostra que ela é que tem que fazer algo se quer uma vida diferente: “Foi então que comecei a pensar que meu destino eu teria que fazer e que talvez já fosse a hora de deixar de dar voltas. Foi então que tomei a decisão que precipitaria tudo. (EL HACHMI, 2008, p.329)<sup>95</sup>

É certo que a separação não se deu de forma pacífica, o marido a persegue, a ameaça e ela sabe que não pode contar com a ajuda de sua família. A solução encontrada por ela é concretizar a ideia de morar sozinha e procurar um emprego para sustentar-se. Ao morar sozinha, ela experimenta o que é realmente a liberdade: decidir. Agora, ela decide se limpa ou não a casa, como se veste, que hora pode dormir, que hora pode ver televisão, etc.

Chegamos enfim ao desfecho da história, quando finalmente nos deparamos com o fim do patriarcado tantas vezes apontado no romance. Antes de revelar o final, cabe uma reflexão: o patriarcado só existe porque existe separação entre os sexos, tudo é um discurso engendrado. Ao longo do romance, as relações sexuais se mostram as molas de impulso que desencadeiam os fatos. A partir da descoberta do sexo é que Mimoun decide que terá uma mulher só para ele, que terá relações só com ele e, dessa maneira, estabelecer os vínculos capazes de sustentar a domesticalização empreendida por ele. A partir da sexualidade que a menina é repentinamente separada do pai, tendo que enclausurar-se para não ser vista pelos homens. É pelo sexo que o pai vai atrás de outras mulheres, e o sexo que a esposa teria feito com seu irmão no discurso teatral de Mimoun, é a desculpa para suas atitudes irracionais. O sexo é que permite à protagonista sair de casa, casar-se e dar início à construção de seu próprio destino. Portanto, o sexo é a mola funcional do patriarcado e só através dele o patriarcado poderia ser liquidado. Envolvidos nesta perspectiva, temos, no último capítulo, a

<sup>95</sup> No original: “Fue entonces cuando empecé a pensar que el destino me lo tenía que hacer yo y que quizá ya era hora de dejar de recorrer meandros. Fue entonces cuando tomé la decisión que lo precipitaria todo.” (EL HACHMI, 2008, p.329)

visita do tio à protagonista. O tio que fora antes apenas mostrado no texto como diferente do irmão Mimoun porque decidira estudar e que em outras ocasiões, já demonstrara desejo pela sobrinha. É este tio que, nas últimas linhas do texto, ao ter uma relação sexual anal com a protagonista, e às vistas do pai que chegava para ver por que havia luz acesa de madrugada na casa da filha, se torna o responsável pelo fim do patriarcado. Através do sexo e da vergonha trazida por uma relação não permitida e não imaginada desfaz-se a imagem esmagadora do patriarcalismo, que não pode mais sustentar-se depois de tal vergonha:

Você já fez alguma vez por trás?, disse de repente entre tanta ternura, e eu não, que dói, e ele não se preocupe eu te ensinarei, se sabe fazer não machuca, Quem melhor que teu tio para te ensinar esse tipo de coisas, hein? São o tipo de coisas que devem ficar em família. (...) foi ali mesmo, naquele mesmo instante, quando tocaram a campainha e no vídeoporteiro apareceu o rosto de *padre*. Um pai que já não voltaria a ser patriarca, não comigo, porque o que havia visto não podia contar, que nem ele havia imaginado nunca uma traição tão profunda, e ainda mais vindo de uma filha tão amada. (EL HACHMI, 2008, p.336-337)<sup>96</sup>

Desta forma, a protagonista dá fim ao patriarcado, lançando mão de um ato considerado vergonhoso dentro da cultura islâmica, como vimos anteriormente, e ainda de forma incestuosa. Ao longo da narrativa, vimos que todas as ações do patriarca tiveram origem na separação entre os sexos e na imposição do homem sobre a mulher, mas foi também através do sexo que a protagonista se libertou, corroborando o que no início deste capítulo, aprendemos com a pesquisa de Touraine: a libertação pelo conhecimento do próprio corpo e do próprio desejo.

No próximo capítulo, trataremos do mais recente romance de El Hachmi, *La caçadora de cossos*, de 2011. A partir desse romance, delinearemos como a mulher já libertada do patriarcalismo se comporta e como se dá a busca de si mesma quando já não há amarras sexuais.

---

<sup>96</sup> No original: ¿Lo has hecho alguna vez por detrás?, dijo de pronto entre tanta ternura, y yo no, que duele, y él no te preocupes, yo te enseñaré, si sabes cómo hacerlo no tiene que hacer daño. ¿Quién mejor que tu tío para enseñarte ese tipo de cosas, eh? Son el tipo de cosas que deben quedar en familia. (...) Fue allí mismo, en aquel mismo instante, cuando llamaron al timbre y en el videoportero apareció la cara de padre. Un padre que ya no volvería a ser patriarca, no conmigo, porque lo que había visto no podría contarlo, que ni él hubiera imaginado nunca una traición tan honda, y aún menos viniendo de una hija tan amada. (EL HACHMI, 2008, p.336-337)

## **5. LA CAÇADORA DE COSSOS: AFINAL, O QUE É A LIBERDADE DO CORPO?**

Terminamos o capítulo anterior demonstrando a força do impulso sexual para criar patriarcas e também para aniquilá-los. Neste capítulo cinco, analisaremos o mais recente romance de El Hachmi, *La caçadora de cossos*, de 2011, que, como o título sugere, tem como tema principal o corpo e a relação do ser feminino com ele.

Ao sugerirmos fazer desta dissertação, uma explanação da linha representativa das personagens femininas das obras de El Hachmi, o que nos interessa é analisar como o protagonismo da mulher foi evoluindo do que seria sua autobiografia até passar pela ficção da temática que envolve o patriarcado e a imigração até chegar nesta última protagonista, a mulher já libertada do patriarcado e dos pudores diante do tema da sexualidade.

A pergunta que ronda todo este último romance seria se a liberdade sexual total é a libertação também total da mulher e é a isso que tentaremos encontrar a resposta no livro. A relação da mulher com o próprio corpo como espaço de criação não é algo inédito, mas a força deste tipo de literatura entre escritoras de origem árabe é bastante recente. No Magrebe, este tipo de escrita já vem sendo desenvolvido por escritoras de língua francesa<sup>97</sup>, em cujos textos encontramos semelhanças com a obra de El Hachmi, principalmente ao que concerne à questão da escrita autobiográfica, ou com elementos autobiográficos, e a exploração e exibição do corpo feminino.

---

<sup>97</sup> Para mais informações, ver *La Littérature féminine de langue française au Maghreb* (DÉJEUX, Jean. Paris: Éditions Karthala, 1994)

*La caçadora de cossos* é uma obra bastante recente, data de 2011. É perceptivelmente contemporânea e a problemática que traz também é atual. Esta atualidade da obra está em paralelo com o que nos parece ser o propósito de El Hachmi: criticar, a partir de suas observações, de suas vivências, e não só o mundo berbere da infância, mas também o mundo europeu em que está inserida. Em alguns pontos desta dissertação, falamos da ambivalência, falamos do híbrido e, a partir destas noções, acreditamos que El Hachmi reúne em si características que a fazem um sujeito pós-moderno que escreve e se inscreve na contemporaneidade. Portanto, sua crítica irá ao encontro do que seria o questionamento do momento presente. Seguindo esta linha de raciocínio e, tendo em vista que um dos temas em voga na atualidade é o das relações humanas que já não são feitas para durar, que têm como marca a instabilidade, decidimos nos basearmos como apoio teórico no famoso estudioso Zygmunt Bauman e seu livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, de 2003 (ano de lançamento, nossa edição é de 2004). Neste livro, ele trata de um dos dilemas do que chamamos de pós-modernidade: como ser livre e ao mesmo tempo ligar-se a alguém? Ter um relacionamento amoroso e ainda assim fazer o que quiser? O que o teórico busca esclarecer é

A misteriosa fragilidade dos vínculos humanos, o sentimento de insegurança que ela inspira e os desejos conflitantes (estimulados por tal sentimento) de apertar os laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos (BAUMAN, 2004, p.8)

Estes sentimentos contraditórios são a tônica da contemporaneidade, uma época em que tudo é descartável, que tudo o que não satisfaz de imediato é deixado de lado. Muitos dizem buscar um relacionamento sério, mas estão sempre olhando para os lados, em busca de, a qualquer momento, trocar de parceiro/a por um que pareça melhor, que pareça garantir mais satisfação. Como diz Bauman,

assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados, receitas testadas, garantias de seguro total e devolução do dinheiro. (BAUMAN, 2004, p.21)

Assim é a protagonista de *La caçadora de cossos* (2011), ela busca sua satisfação sexual, buscando corpos, tentando adivinhar o prazer antes mesmo do toque, querendo chegar à satisfação total, coincidindo com a temática do que vemos no famoso filme de 1976 do diretor Nagisa Oshima, *O Império dos Sentidos*. Neste filme, a busca pelo prazer total é tanta que leva à morte (durante o ato sexual uma das personagens enforca o parceiro enquanto ele tem um orgasmo, deixando o máximo do prazer no mesmo limiar da morte), mas, “Nem no amor nem na morte pode-se penetrar duas vezes – menos ainda que no rio de Heráclito. Eles são, na verdade, suas próprias cabeças e seus próprios rabos, dispensando e descartando todos

os outros.” (BAUMAN, 2004, p.17) A morte seria chegar à totalidade do prazer, encerrá-lo, como vemos em:

Que importância tem? Se não machuca a ninguém, vamos, te corte, te encha de feridas e depois, para gozar mais ainda, jogue sal e verá como enraivece de prazer, como supera todos os limites da dor. (EL HACHMI, 2011, p.231)<sup>98</sup>

A relação do prazer com a morte estaria, portanto, na simples conclusão de que depois da satisfação total não há mais nada, depois dela só resta o fim.

A protagonista do romance, que mais uma vez não possui nome, guarda certas semelhanças com a protagonista do romance anterior, principalmente quando esta se separa do marido e tem que morar sozinha. Elas já não têm a quem dar satisfação e fazem uso do corpo como bem querem e, se antes a protagonista de *L'últim patriarca* teve que assumir postura vista como masculina para poder acabar com o patriarcado, agora a protagonista de *La caçadora de cossos* é toda construída a partir de uma base masculina, ou seja, ela tem atitudes e um modo de pensar que *é visto socialmente* como próprios do homem. Deixamos claro que não acreditamos em posturas que devam ser masculinas ou femininas, mas sim que estamos analisando, a partir do que seria um senso comum social dos papéis atribuídos a cada sexo, senso comum este que é questionado em obras como as de El Hachmi e que o deve ser sempre em qualquer esfera e por qualquer indivíduo.

A protagonista coleciona amantes, ela busca apenas o sexo, ela age seguindo seus instintos, assim como os homens são acusados de agir e ser. Neste sentido, ela se aproxima também do personagem Mimoun Driouch do romance anterior, se revelando não-racional e agindo apenas instintivamente. Mais uma vez, é o sexo a mola da escrita, sendo possível estendermos, para a análise de *La caçadora de cossos*, a reflexão de Ricci ao analisar *L'últim patriarca* em um artigo:

O sexo não somente marca mudanças abruptas na evolução dos personagens, mas também é fundamental na elaboração estrutural do romance. (...) As escritoras imazighen-argelinas Assia Djebar (*Femmes d'Alger dans leur appartement*, 1980), Taos Amrouche (*L'amant imaginaire*, 1975) e Yamina Mechakra (*La grotte éclatée*, 1979) já tinham se atrevido a “*ultrapassar* os limites impostos pela educação [muçulmana] com uma descrição *ousada* do corpo” (ênfases meu, Boidard Boisson 134). Najat El Hachmi irá muito além e não poupará imagens controvertidas e definitivamente censuráveis em certas sociedades muçulmanas; imagens nas quais a sexualidade e a relação da mulher com seu corpo, o desejo e a paixão amorosa, tanto heterossexuais como homossexuais, são graficamente explícitas.<sup>99</sup>

<sup>98</sup> No original: ¿Qué importancia tiene? Si no haces daño a nadie, venga, córtate, llénate de heridas y luego, para disfrutarlas más aún, échales sal y verás cómo rabias de placer, cómo superas todos los límites del dolor. (EL HACHMI, 2011, p.231)

<sup>99</sup> No original: El sexo no sólo marca abruptos cambios en la evolución de los personajes, sino que también es fundamental en la elaboración estructural de la novela. (...) Las escritoras imazighen-argelinas Assia Djebar (*Femmes d'Alger dans leur appartement*, 1980), Taos Amrouche (*L'amant imaginaire*, 1975) y Yamina



Na primeira parte da obra, a protagonista apresenta parte de sua coleção, mostrando, através do título de cada capítulo, a procedência ou a característica mais marcante dos corpos que ela conheceu: *El Etéreo; El Ghanés; El Extremeño; El Punyabí; El Gallego; El Inglés; El Ciego; El Marroquí; El Argentino; El Libanés; El Vasco; El Virtual; El Chino; El de Ninguna Parte*. Estas diversas procedências demonstram um alto grau de imigração no local onde ela vive, local que não é especificado e que a única coisa de que sabemos é que não é uma cidade grande, mas sim uma pequena província de interior com um distrito industrial próximo. Neste ponto, mais uma vez, nos deparamos com coincidências entre obra e biografia de El Hachmi, pois esta pequena província pode ser catalã, pode ser Vic, conhecida cidade do interior catalão, que é industrializada e onde habita uma variedade grande de imigrantes.

Nesta pequena cidade, a protagonista mantém relações casuais com estes homens mencionados, são encontros pontuais que, na maioria dos casos, não se repetem. Ela não quer se prender a ninguém: “Sempre tinha dito que não queria uma relação das convencionais, que tudo deve ser mais livre, mais fluido”. (EL HACHMI, 2011, p.21)<sup>100</sup> ou, como prefere dizer Bauman, mais *líquido*.

Cada capítulo desta primeira parte da obra é breve, pois relata como ela conheceu as peças de sua coleção e como foi a relação sexual, de maneira mais a insinuar que a detalhar. E, apesar do uso de palavras explícitas, não são relatos pornográficos, mas sim eróticos, apenas tentativas de aguçar os sentidos. As histórias são curtas, pois como diz El Hachmi,

São histórias trapaceiras porque as que são só de sexo não deveriam ser relatos, tinham que ser somente peças soltas de um mosaico que é a história sexual de cada um. Se o relato é mais comprido que um destes fragmentos, é sinal de que não estamos falando só de sexo. (EL HACHMI, 2011, p.33)<sup>101</sup>

Nesta primeira parte da obra, por diversas vezes temos este paradoxo entre declarar querer só o prazer e, por vezes, parecer querer carinho, atenção, algo além do sexo. O Mechakra (*La grotte éclatée*, 1979) ya se habían atrevido a “*rebasar los límites impuestos por la educación [musulmana] con una descripción osada del cuerpo*” (ênfasis mío, Boidard Boisson 134). Najat El Hachmi irá mucho más lejos y no escatimará imágenes controvertidas y definitivamente censurables en ciertas sociedades musulmanas; imágenes en las que la sexualidad y la relación de la mujer con su cuerpo, el deseo y la pasión amorosa tanto heterosexuales como homosexuales son gráficamente explícitas. (RICCI, Cristián H. *L'últim Patriarca y el forjamiento de una identidad amazigh-catalana*. In: Journal of Spanish Cultural Studies, Vol. 11, No. 1 Março 2010, pp. 76)

<sup>100</sup> No original: Siempre había dicho que no quería una relación de las convencionales, que todo debe ser más libre, más fluido. (EL HACHMI, 2011, p.21)

<sup>101</sup> No original: Son historias tramposas porque las que sólo son de sexo no deberían ser relatos, tendrían que ser sólo piezas sueltas de un mosaico que es la historia sexual de cada cual. Si el relato es más largo que uno de estos fragmentos es señal de que no estamos hablando sólo de sexo. (EL HACHMI, 2011, p.33)

vocabulário utilizado durante toda a narrativa é direto, livre de pudores, como em: “Éramos isso, amigos que se encontravam para foder, como tantos outros casais de nossa idade.” (EL HACHMI, 2011, p.21)<sup>102</sup>

Muitos dos encontros casuais que a personagem relata se deram dentro do trem que ela pegava para ir do trabalho a casa. Parece-nos um meio de acordo com a situação a que ela se submetia e também está em consonância com a ideia da modernidade, da velocidade, do passageiro. Eram encontros rápidos, minutos de toques de corpos e nada mais. E esta parecia ser a liberdade absoluta:

Lembro-me da confusão de corpos daqueles dias, de passar de um a outro até perder toda a noção de qual tinha sido o último, de quem era o cheiro que ainda podia rastrear na minha pele. Dizia-me que aquilo era a liberdade absoluta, que estava fazendo o que queria, muito mais que outras mulheres reprimidas. (EL HACHMI, 2011, p.34)<sup>103</sup>

Mas esta liberdade absoluta não garante a plena satisfação do ser, seria apenas uma ilusão de onde estaria,

afinal, um relacionamento mais puro que a pureza, um encontro que não servia a outro propósito senão o prazer e a alegria. Uma felicidade de sonho, sem restrições, sem medo de efeitos colaterais e, portanto, alegremente cega às suas consequências. Uma felicidade do tipo “satisfação garantida ou seu dinheiro de volta”. A mais completa encarnação da liberdade, tal como definida pela sabedoria e pela prática populares da sociedade de consumo. [sic] (BAUMAN, 2004, p.63-64)

Aos poucos ela vai percebendo que só o sexo não era a liberdade absoluta, não era vida: “Quanto tempo gastaria para me dar conta de que, na verdade, o que fazia era me matar aos poucos, convencida de que foder com o primeiro que me desse vontade era desfrutar da vida ao máximo.” (EL HACHMI, 2011, p.45)<sup>104</sup> Mas ela titubeia, afinal é dona do próprio corpo: “Por que não? Que merda, se sou eu e este corpo é meu, por quê não?” (EL HACHMI, 2011, p.53)<sup>105</sup>

<sup>102</sup> No original: Éramos eso, amigos que quedaban para follar, como tantas otras parejas de nuestra edad. (EL HACHMI, 2011, p.21)

<sup>103</sup> No original: Recuerdo la confusión de cuerpos de aquellos días, de pasar de uno a otro hasta perder toda noción de cuál había sido el último, de quién era el olor que aún podía rastrear sobre mi piel. Me decía que aquello era la libertad absoluta, que estaba haciendo lo que quería, mucho más que otras mujeres reprimidas. (EL HACHMI, 2011, p.34)

<sup>104</sup> No original: Cuánto tiempo tardaría en darme cuenta de que en realidad lo que hacía era matarme poco a poco, convencida de que follarme al primero que me viniera en gana era disfrutar de la vida al máximo. (EL HACHMI, 2011, p.45)

<sup>105</sup> No original: ¿Por qué no? Qué carajo, si soy yo y este cuerpo es mío, ¿por qué no? (EL HACHMI, 2011, p.53)

A protagonista argumenta que, no fundo, o que a movia a agir de tal modo, buscando sempre corpos diferentes, era a curiosidade, era o consumo do produto novo, de acordo com o desejo contemporâneo que sentimos pelo diferente, a atração pelo desconhecido. No trecho a seguir, ela explica por que se envolvia com um homem cego:

Não havia barreiras porque tal como tinham andado as coisas eu já me dava por desarmada e porque a curiosidade de conhecer de perto a vida de um homem que não podia ver me lançava até ele, a mesma curiosidade que sentia pelos mecânicos, os fiscais de trem, os etéreos, os ganeses ou os punjabis. A curiosidade por tudo aquilo considerado diferente, e quanto mais distante, melhor. A você isso talvez lhe pareça superficial, mas era em parte o que me movia em direção aos que eram diferentes de mim, uma vontade terrível de conhecê-los. (EL HACHMI, 2011, p.67)<sup>106</sup>

Aproveitamos este trecho também para apontar a presença de um “você” que era para quem ela fazia os relatos de suas aventuras sexuais. Este “você”, assim como a protagonista, não é nomeado na obra e, de início, não temos clareza de quem seja. A revelação de seu ouvinte se dará mais adiante.

A protagonista prefere unir-se aos homens casualmente por curiosidade e também por medo de se prender a uma só pessoa. Segundo Bauman, atualmente vivemos precisando conectarmo-nos a alguém, mas esta conexão tem que ser frouxa, tem que ser fácil de ser desfeita, pois os humanos,

Desligados, precisam conectar-se... Nenhuma das conexões que venham a preencher a lacuna deixada pelos vínculos ausentes ou obsoletos tem, contudo, a garantia da permanência. De qualquer modo, eles só precisam ser frouxamente atados, para que possam outra vez desfeitos, sem grandes delongas, quando os cenários mudarem – o que, na modernidade líquida, decerto ocorrerá repetidas vezes. (BAUMAN, 2004, p.7)

E é exatamente assim que ela procura relacionar-se, de um modo que não dê trabalho desfazer os laços frouxamente atados:

Tanta insistência me fazia perder todo o interesse, me faz pensar que no dia menos provável um deles vai querer ficar na minha vida para sempre e será muito difícil desfazer o que tenhamos feito até então. Sei disso porque trabalhei descosturando roupa, e dá muito mais trabalho que costurá-la. (EL HACHMI, 2011, p.75)<sup>107</sup>

<sup>106</sup> No original: No había barreras porque tal como habían ido las cosas yo ya me daba por desarmada y por que la curiosidad de conocer de cerca la vida de un hombre que no podía ver me empujaba hacia él, la misma curiosidad que sentía hacia los mecánicos, los revisores de tren, los etéreos, los ghaneses o los punyabíes. La curiosidad por todo aquello considerado diferente, y cuanto más lejano, mejor. A usted esto quizá le parezca superficial, pero era en parte lo que me movía hacia los que eran diferentes de mí, unas ganas terribles de conocerlos. (EL HACHMI, 2011, p.67)

<sup>107</sup> No original: A mí tanta insistencia me hace perder todo el interés, me recuerda que el día menos pensado uno de ellos querrá quedarse en mi vida para siempre y me costará lo mío deshacer lo que hayamos hecho juntos hasta entonces. Lo sé porque he trabajado descosiendo ropa, y da mucho más trabajo que coserla. (EL HACHMI, 2011, p.75)

Em resumo, podemos dizer que a primeira parte do romance é construída de relatos destas aventuras, ora enaltecendo a liberdade de poder fazer o que quer com o corpo, ora se perguntando se isso seria realmente liberdade. Estes relatos são feitos a um homem que, na segunda parte do romance, descobrimos ser um escritor e seu patrão, pois ela faz faxina na casa deste escritor uma vez por semana. Além desta faxina, a protagonista trabalha também numa fábrica de pizzas, no setor de limpeza e durante a noite. Há vários momentos na obra em que ela declara que o que gosta de fazer é limpar, mesmo que isso possa parecer estranho aos olhos alheios, a ela o que a faz feliz é livrar um pouco o mundo da sujeira que as pessoas deixam. O fato de ela trabalhar com limpeza pode ser visto como outra coincidência entre o romance e a vida de El Hachmi, que também trabalhou neste setor em uma indústria em Vic.

Na segunda parte da obra, conhecemos outro personagem importante: o escritor. Ele é o oposto da protagonista: é mais velho, quase não sai de casa, é desorganizado e parece não ter envolvimento com nenhuma mulher. Ele gosta de ler, ela só se interessa por guias de viagens. Ele não limpa nada, ela não suporta a sujeira. Mas, mesmo com as diferenças, pouco a pouco eles vão conversando e ela vai se abrindo, começando, então, a fazer os relatos que vimos na primeira parte do romance. Notamos também, sutilmente, que ela se interessa pelo escritor, mas não como um desejo sexual, mas como uma atração por conhecer aquele homem tão diferente dos homens que ela conhecera até então e conhecê-lo de uma forma diferente também, não apenas sexual, mas intelectual e amigável.

Nos primeiros dias de trabalho na casa do escritor, ela se mostra tímida, não sabe o quê ou como falar com o escritor. Gráficamente, há no texto uma diferença entre o relato do que se passa e o que ela pensa no momento. Esta diferença é marcada pelo uso do texto em itálico quando ilustram as reflexões da protagonista:

Para frente e para trás, para frente e para trás, se entregando de corpo e alma até que acaba e se senta sobre os calcanhares. Com a escova na mão, tenta secar a testa com uma parte do braço que não cobre a luva de plástico que lhe fricciona a pele com o pó fino.

*Vê, eu aqui te posso garantir que estava satisfeita. Neste preciso instante, depois de passar um bom tempo descarregando toda a energia contra o azulejo, com as mãos, com os braços, com as costas inteiras, depois de sentir que cada músculo de meu corpo tinha participado da tarefa de fazer mais limpo aquele pedacinho de mundo, sentia que havia me descarregado por completo de um peso inútil.* (EL HACHMI, 2011, p.116-117)<sup>108</sup>

<sup>108</sup> No original: Adelante y atrás, adelante y atrás, entregándose en cuerpo y alma hasta que acaba y se sienta sobre los talones. Con el cepillo en la mano, intenta secarse la frente con el trozo de brazo que no cubre el guante de plástico que le restriega la piel con polvos finos.

*Lo ve, yo aquí le puedo asegurar que estaba satisfecha. En ese preciso instante, después de pasarme un buen rato descargando todas las fuerzas contra las baldosas, con las manos, con los brazos, con la espalda entera, después de sentir que cada músculo de mi cuerpo había participado en la tarea de hacer más limpio aquel trocito de mundo, sentía que me había descargado por completo de un peso inútil.* (EL HACHMI, 2011, p.116-117)

As conversas com o escritor são o que, aos poucos, fazem com que a protagonista revise sua vida, seus encontros causais e pondere se é a tal liberdade que, a princípio, ela achava que era: se entregar ao homem que queria, quando queria. Ela encontra no escritor e em suas conversas um reconforto:

“De fato, me dava vergonha que me desse vergonha que todo você me resultasse tão reconfortante, que estar a seu lado me aliviasse. Sofria por pensar que você poderia descobrir que me fazia sentir assim.” (EL HACHMI, 2011, p.147)<sup>109</sup>

O trabalho relacionado à limpeza também é interessante se pensarmos que, por muito tempo, e, de fato, por muitos até hoje, o sexo possa ser considerado algo sujo, impuro. A protagonista teria, então, mais este paradoxo em sua caracterização: o sexo e o afã pela limpeza.

Há passagens no texto que nos fazem entender que o livro sendo escrito pelo escritor durante o período que a protagonista trabalhava em sua casa é o livro que lemos, como em:

É a história de uma faxineira. Ela fica olhando para ele e sorri, vamos, nisso nem você acredita. Por que não? Porque isso, meu senhor, não interessa a ninguém. Se ninguém quer limpar como espera que haja gente interessada em ler o que faz alguém que se dedica à limpeza? Todas as vidas são interessantes, as faxineiras também têm seus segredos, não? Ela continua desenhando círculos com os braços e conversando, fazendo movimentos que a obriga a fazer pausas em meio às frases. Cara, segredos não sei, mas na fábrica tem cada história de vida! Isso sim é de chorar. Eu escrevo a história de uma mulher e suas relações com os homens. Ela engole em seco e o olha. (EL HACHMI, 2011, p.152)<sup>110</sup>

As vidas destas mulheres da fábrica por ela citadas são as vidas de mulheres submissas aos maridos, que apanham em casa, que são obrigadas a suportar humilhações: “Já sabe, homens que batiam nelas e coisas do gênero.” (EL HACHMI, 2011, p.162)<sup>111</sup>

Nem todas as relações da protagonista acabam por ser casuais de um encontro só. Há dois personagens que ela menciona como parceiros de vários encontros. O primeiro, casado, era um amante típico, que a procurava durante a tarde ou quando tinha um tempo disponível

---

<sup>109</sup> No original: De hecho, me daba vergüenza que me diera vergüenza que todo usted me resultara tan reconfortante, que estar a su lado me aliviara. Sufría por si llegaba usted a descubrir que me hacía sentir así. (EL HACHMI, 2011, p.147)

<sup>110</sup> No original: Es la historia de una mujer de la limpieza. Ella se lo queda mirando y sonrío, venga ya, eso no se lo cree ni usted. ¿Por qué no? Pues porque eso, señor mío, no interesa a nadie. ¿Si nadie quiere limpiar cómo espera que haya gente interesada en leer lo que hace alguien que se dedica a la limpieza? Todas las vidas tienen su interés, las mujeres de la limpieza también tenéis vuestros secretos, ¿no? Ella sigue dibujando círculos con los brazos y hablando con los movimientos que la obligan a hacer pausas en medio de las frases. Hombre, secretos no sé, ¡pero en la fábrica hay cada vida! Eso sí, son para echarse a llorar. Yo escribo la historia de una mujer y sus relaciones con los hombres. Ella se detiene en seco y lo mira. (EL HACHMI, 2011, p.152)

<sup>111</sup> No original: Ya sabe, hombres que les daban palizas y cosas por el estilo. (EL HACHMI, 2011, p.162)

apenas para ter relações sexuais, não podia dispor de uma noite com ela. A princípio, ela nega que tivera interesse por ele, mas aos poucos vamos percebendo que ela, mesmo sem dizer, esperava mais da relação que apenas sexo quando ele queria. O segundo destes homens que ela teve mais do que apenas sexo é o que ela chamava de Impotente. Foi uma relação do tipo que ela nunca tinha tido antes, de estar junto para jantar, ver filme, conversar, mas nunca sexo, daí o apelido dele, mesmo sem ela ter certeza de que ele fosse realmente impotente ou não. A relação com este segundo demonstra que uma relação de sexo zero também não era o que ela precisava, também não poderia ser uma relação completa.

A protagonista compara seu desejo por sexo ao instinto animal, como algo não pensado, apenas sentido:

O corpo te pede a gritos, a pele toda parece se agitar em grandes ondas, as asas nasais se abrem para farejar a presa. Quando saio à rua estando assim, me dá a sensação de que mal sair pela porta me transformo em um animal, um lobo que corre em busca de alimento. (EL HACHMI, 2011, p.199)<sup>112</sup>

E mais que isso, não é apenas animal, é grotesco, ela quer algo vivo, que pulse e que a mostre quão fundo ela está metida nesta trama de busca corpos que não leva a lugar nenhum:

Saio buscando um corpo e não me importa qual seja. Um homem mais velho, jovem, um garoto ou um animal. Há dias em que acredito que me conformaria com um animal. Um cachorro, um gato, cujo pulsar sentisse nas mãos, sentisse vivo. Um rato que se mexesse na palma da mão. Neste dias tenho a sensação de ser mais um animal do que uma pessoa, me satisfaria com um pedaço de carne feito de sangue que pulsasse. E sabe o que acontece? É o corpo que se rebela contra mim. É o corpo que me diz basta desta espécie de buraco em que estou metida, basta de entrar no nada. (EL HACHMI, 2011, p.199)<sup>113</sup>

E esta trama que não leva a lugar nenhum é a trama da falta de verdadeiro carinho, atenção, fato evidenciado quando ela se sente mal no trabalho e é cuidada por uma das colegas e chora apenas por ter recebido amparo:

Ficou comigo o resto da noite, atenta, e me observava e me perguntava se eu comia bem, se me cuidava. Mulher, é que morando sozinha às vezes não tem quem te lembre, mas tem que se cuidar. Eu a observava sem dizer nada, esgotada, e ela passava a mão no meu cabelo para levá-lo atrás da orelha. Quando fez isso, quando me penteou como se eu fosse uma garotinha, me veio de uma vez só toda a pena do

<sup>112</sup> No original: El cuerpo te lo pide a gritos, toda la piel parece agitarse en grandes oleadas, las aletas nasales se te abren para olfatear la presa. Cuando salgo a la calle estando así me da la sensación de que nada más salir por la puerta me convierto en un animal, un lobo que corre en busca de alimento. (EL HACHMI, 2011, p.199)

<sup>113</sup> No original: Salgo a buscar un cuerpo y me da igual uno que otro. Un hombre mayor que uno viejo, joven, un niño o un animal. Hay días en los que pienso que me conformaría con un animal, un perro, un gato cuyo latido notara entre las manos, que notara vivo. Una rata que se me removiera en la palma de la mano. Esos días que tengo la sensación de ser más animal que persona, tendría bastante con un trozo de carne hecha de sangre que latiera. ¿Y sabe qué pasa? Que es el cuerpo el que se rebela contra mí. Es el cuerpo el que me dice basta de esta especie de agujero en el que estoy metida, basta de entrar dentro de la nada. (EL HACHMI, 2011, p.199)

mundo e comecei a chorar como se nunca o tivesse feito antes. Só porque acariciou meu cabelo. (EL HACHMI, 2011, p.225)<sup>114</sup>

É um choro de carência, mas também pode ser um choro de raiva, raiva pela condição feminina, como apontado em outro momento:

Comecei a me lembrar de todas as mulheres da minha vida, cada uma das meninas, moças, senhoras que tinha conhecido, e me dei conta de que odiava a todas. Você sabia, não é, que eu as odiava de algum modo? Principalmente as moles, as tolas, as vítimas que se deixavam maltratar. As da fábrica que trabalhavam de sol a sol, as que deixavam seus maridos baterem nelas e principalmente, principalmente, compreendi que sempre as que me davam mais raiva eram as mulheres que deixavam seus maridos lhes colocarem chifres. Comecei a chorar soluçando como uma garotinha. (...) (EL HACHMI, 2011, p.237)<sup>115</sup>

Esta raiva pela condição feminina talvez seja a mola impulsora que a fazia agir como homem, buscando ser o contrário da fragilidade e submissão esperadas pela sociedade em relação às atitudes das mulheres. No fundo, a protagonista se sente perdida, sozinha. Ela não é como a maioria das mulheres, mas sua atitude masculinizada também não a completa, não a faz sentir-se bem, feliz.

As conversas com o escritor são a terapia da protagonista e a fazem começar a acreditar que “por certo deve haver quem se queira, que sentido teria tudo se não?” (EL HACHMI, 2011, p.252)<sup>116</sup> e ela conclui o romance dizendo que sabe que antes do sexo tem que haver o amor, assim será mais humano:

Sei que é assim que tem que ser, que pouco a pouco nos iremos conhecendo e um dia virá o sexo depois do amor, e será um sexo maravilhoso, sabe por quê? Porque será um sexo humano, de ternura. (EL HACHMI, 2011, p.268)<sup>117</sup>

Portanto, a tal liberdade sexual perseguida durante tanto tempo pelas mulheres também não é garantia de satisfação. Não estamos, com isso, dizendo que a mulher tem que

<sup>114</sup> No original: Se quedó conmigo todo lo que quedaba de noche, atenta, y me miraba y me preguntaba si comía bien, si me cuidaba. Mujer, es que viviendo sola a lo mejor no hay nada que te lo recuerde, pero tienes que cuidarte. Yo la miraba sin decir nada, agotada, y ella me pasaba una mano por el pelo para llevármelo detrás de la oreja. Cuando hizo aquello, cuando me peinó como si fuera una niña pequeña, me vino de golpe toda la pena del mundo y empecé a llorar como si no lo hubiese hecho nunca. Sólo porque me acarició el pelo. (EL HACHMI, 2011, p.225)

<sup>115</sup> No original: Empecé a recordar a todas las mujeres de mi vida, cada una de las niñas, chicas, señoras a las que había conocido, y me di cuenta de que las odiaba a todas. ¿Usted lo sabía, verdad, que las odiaba de algún modo? Sobre todo a las blandas, las pánfilas, las víctimas que se dejaban maltratar. Las de la fábrica que trabajaban de sol a sol, las que se dejaban pegar por sus maridos y sobre todo, sobre todo, comprendí que las que siempre me habían dado más rabia eran las mujeres que se dejaban poner los cuernos. Empecé a llorar sollozando como una niña pequeña (...) (EL HACHMI, 2011, p.237)

<sup>116</sup> No original: por fuerza debe de haber quienes se quieran, ¿qué sentido tendría todo si no?(EL HACHMI, 2011, p.252)

<sup>117</sup> No original: Sé que es así como tiene que ser, que poco a poco nos iremos conociendo y un día vendrá el sexo después del amor, y será un sexo maravilloso, ¿sabe por qué? Porque será un sexo humano, de ternura. (EL HACHMI, 2011, p.268)

ser submissa, não buscar ter controle sobre o próprio corpo, mas sim que o romance de El Hachmi demonstra que não há satisfação plena em buscar a totalidade de um extremo ou outro. Ela nos chama a atenção para a necessidade de haver equilíbrio, reflexão, autoconhecimento.

Para fechar este capítulo, voltemos às palavras de Bauman, que pondera:

Amar diz respeito a autossobrevivência através da alteridade. E assim o amor significa um estímulo a proteger, alimentar, abrigar, e também à carícia, ao afago e ao mimo, ou a – ciumentamente – guardar, cercar, encarcerar. Amar significa estar a serviço, colocar-se à disposição, aguardar a ordem. Mas também pode significar expropriar e assumir a responsabilidade. Domínio mediante renúncia, sacrifício resultando em exaltação. (...)

Se o desejo quer consumir, o amor quer possuir. Enquanto a realização do desejo coincide com a aniquilação de seu objeto, o amor cresce com a aquisição deste e se realiza na sua durabilidade. Se o desejo se autodestrói, o amor se autoperpetua. (BAUMAN, 2004, p.24)

Neste sentido, o romance de El Hachmi demonstra que o que o ser humano necessita, independentemente de ser homem ou mulher, é o amor, é a saúde de uma relação interpessoal que vise o carinho, o aconchego, a segurança de se ter alguém. Devido a isto, a obra foi bastante criticada como uma obra a mais sobre o erotismo e o vazio do sexo. Parece-nos que o romance, de fato, não tem a força do anterior, *L'últim patriarca*, mas acreditamos que temas tão vitais quanto o sexo e as relações pessoais devam sim ser abordados e escritos. E o simples fato de ela ter tentado fugir do exotismo de falar sempre sobre a imigração, demonstra um exercício literário digno de leitura.



## CONCLUSÃO

Ao longo desta dissertação, tentamos mostrar o trabalho de Najat El Hachmi como uma possível representação da mulher contemporânea no território espanhol. Mas, a ideia de território foi a primeira a ser desfeita, pois vimos como a autora rechaça rótulos, e mais, reúne em si características e vivências que a tornam identificável não apenas como pertencente a um só lugar, o que está em concordância com a concepção de sujeito pós-moderno que já não é uno, é múltiplo e múltiplos são seus espaços. Esta multiplicidade foi referida anteriormente também como hibridismo e ambivalência, configurando o que Bhabha chama de *terceiro espaço*, no qual os indivíduos que passam pela experiência da migração e da diáspora cultural não apenas reúnem em si características dos dois lugares que configuram sua hibridação (local de origem e local de acolhida), mas formam um terceiro espaço de onde podem ver com mais clareza e criticar seus dois espaços formadores.

Iniciamos nosso trabalho explorando a temática do intercâmbio de pessoas entre o Magrebe e o território espanhol, demonstrando que, na maioria das vezes, as pessoas deixam o território africano de forma ilegal, arriscando-se nas águas do Estreito de Gibraltar em busca do sonho dourado de uma Europa rica onde a vida seria melhor. Por meio da pesquisa de campo de Parvati Nair, pudemos dar voz, em nosso trabalho, a pessoas reais que tentam dar concretude a este sonho, mesmo que as condições para se chegar à Europa sejam ruins e a acolhida no território espanhol algo incerto. Vimos também que a Espanha pode ser apenas a porta de entrada para a Europa, apenas um lugar de passagem.

Sobre a Espanha devemos lembrar ainda que, durante muito tempo, ela foi conhecida como um país de emigração. Em *España y sus Ejidos* (2003), Juan Goytisolo menciona este fato várias vezes, além de dedicar um artigo exclusivamente para o testemunho de pessoas que foram obrigadas a deixar o país por questões econômicas (*Testimonios de trabajadores inmigrados*<sup>118</sup>) Mas, a partir da década de 70, mais fortemente a partir dos anos 80 do século

---

<sup>118</sup> In: GOYTISOLO, Juan. *España y sus Ejidos*. Madrid: Hijos de Muley-Rubio, 2003. P.147-162

passado, o país passou a receber ondas de imigrantes vindos sobretudo do norte africano, os quais vieram para trabalhar no campo espanhol que recebera recursos da então recém-fundada União Europeia para desenvolver o país. Na atualidade, muitos países europeus atravessam uma crise econômica e entre os mais afetados está a Espanha, fato que faz-nos questionar até quando a procura pelo país como um suposto porto seguro se dará, e mais: se o país não voltará a ser um país de emigrantes, de pessoas que o deixam para buscar melhores condições de vida. No ano de 2012 tivemos a oportunidade de realizar um curso de aperfeiçoamento para professores de espanhol junto ao Instituto Cervantes de Alcalá de Henares (Madri) e constatamos que, de um grupo de trinta alunos, no qual vinte e sete eram espanhóis, a grande motivação dos nascidos na Espanha era concluir o curso para poder dar aulas de espanhol em algum outro país da União Europeia ou ainda algum país de economia forte, como a China.

Neste contexto, buscamos analisar a obra de Najat El Hachmi, vendo-a como filha da primeira geração de imigrantes que chegaram à Espanha no auge do desenvolvimento econômico mencionado. Uma geração que ali se criou e atingiu certa estabilidade. Tentamos analisar as três obras da escritora de forma separada, focando-nos na construção do protagonismo feminino e na representação destas mulheres dentro do contexto social em que estão inseridas. Não nos aprofundamos na questão da autobiografia, pois acreditamos que esta não seja o eixo central de nosso trabalho, mas sabemos que tal questão não podia ser deixada de lado, já que a primeira publicação de El Hachmi, *Jo també sóc catalana* (2004), é declaradamente um ensaio autobiográfico e fatos ali mencionados são retomados no seu primeiro romance, *L'últim patriarca* (2008).

Assim, ainda sobre a questão autobiográfica, como por vezes postulado por Lejeune, também não acreditamos que o simples fato de intitular-se autobiografia a uma obra a torne verdadeira e fiel à vida de quem assina a capa de um livro. Acreditamos que os fatos vividos por alguém podem servir como base para a criação artística, sem comprometimento com a noção mais pura de verdade e sem que isso desqualifique a obra. A vida do autor pode ser apenas um ímã que atrai leitores, muitos autores o sabem e fazem uso disso para poderem publicar e obter bom número de vendas.

No capítulo 3, tratamos especificamente da obra *Jo també sóc catalana* (2004), respeitando a ordem temática em que ela é dividida, pois trata da reflexão de El Hachmi sobre tópicos variados, como a linguagem, a identidade de quem vive na fronteira entre dois mundos, a religião, a questão da mulher e a memória. Por meio de diversas passagens do livro, pudemos comprovar a angústia sofrida e a rejeição de rótulos que El Hachmi reclama.

A autora reivindica o direito de também ser catalã, daí o título da obra, e mostra-se bastante conhecedora dos problemas e conflitos de seus dois mundos, o berbere e o catalão. Neste ponto, torna-se imprescindível recordar que, além de conhecedora destes mundos, El Hachmi os relaciona como mundos próximos na sua marginalidade, ou seja, nenhum dos dois têm em seus territórios status de cultura de elite, são culturas vistas como secundárias e por muitos desprezadas.

*Jo també sóc catalana* é uma obra que coloca em frente ao espelho o comportamento dos cidadãos do país de acolhida, mas também mostra como os imigrantes buscam ou não integrar-se à nova comunidade. É um livro crucial para aqueles que se interessam por buscar testemunhos desta nova Espanha que recebera esta primeira geração de imigrantes que agora já são cidadãos ali formados e responsáveis pelo nascimento de uma terceira geração de imigrantes, os filhos destes que foram ainda crianças para o território espanhol.

Após expor as reflexões do ensaio autobiográfico de El Hachmi, partimos, no capítulo 4, para a análise de seu primeiro, premiado e mais importante romance, *L'últim patriarca* (2008). Valendo-se de um colorido por vezes autobiográfico, este romance adquire uma força discursiva muito grande porque a problemática que ele propõe atacar é também muito forte e complicada de se combater, o patriarcado. Vimos que o patriarcado é uma força social que comunga os homens como um grupo superior ao grupo das mulheres e, portanto, elas a eles estariam submetidas. E a força motriz desta força social é o sexo, é por meio dele que há separação entre os seres humanos, algo que poderia ser natural, mas não o é, é social.

Em *L'últim patriarca*, El Hachmi faz uso desta noção do sexo como força social associando-o às relações complexas de conjugá-lo dentro de culturas diferentes, a berbere e a catalã. Na primeira parte da obra, temos como se dão as relações sociais dentro do seio de uma família tradicional berbere marroquina e, na segunda, a chegada desta família e a sua adaptação à Catalunha. Vimos que os conflitos que surgem são, em sua maioria, por culpa da figura esmagadora do pai que torna a vida da família um verdadeiro inferno com sua presença opressora. A solução encontrada para livrar-se deste inferno é a tomada de atitudes socialmente vistas como próprias do homem, começando pelo que ela chama de uso da capa de *supermana*, uma heroína que desde pequena tem para si a responsabilidade de resolver, ou pelo menos diminuir, os problemas da família, seja chamando a atenção do pai ou fazendo com que seus irmãos não vejam os problemas causados por ele. Esta *supermana* cresce e tem a coragem de desfazer-se de um casamento mal-sucedido e de relacionar-se sexualmente com seu tio, num ato que demonstra muito mais que ela reconhece e não se inibe diante dos

próprios desejos e também que sabe que se é pelo sexo que o patriarcalismo existe e tem poder, é também pelo sexo que ele pode ser destruído.

A importância do sexo é tanta na obra de El Hachmi que, em seu segundo romance, ele torna-se o assunto principal e que praticamente exclui outros tópicos. Em *La caçadora de cossos* (2011), uma mulher sem nome protagoniza encontros casuais com homens de procedência e características variadas, trazendo à tona a questão da total liberdade que ela tem sobre o próprio corpo. Na obra, percebemos que se trata de uma mulher jovem, independente, que mora sozinha e trabalha para sustentar-se.

Poderíamos ter-nos prendido à questão de ser uma mulher de origem muçulmana a autora que dá voz à protagonista de *La caçadora de cossos* e isso por si só daria visibilidade à obra. Mas acreditamos que, assim como El Hachmi busca rejeitar rótulos, nós também o devemos fazer e pensar em seu último romance a partir da problemática que ele traz e que é muito atual: as relações interpessoais no mundo pós-moderno.

Para pensar nestas relações interpessoais, buscamos apoio teórico na obra *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), de Bauman. Nesta obra, o teórico analisa o amor atualmente como sendo um amor “até segundo aviso”, um amor a partir do padrão dos bens de consumo, ou seja, algo que há de ser novo e imediatamente consumido. É um amor que tem detrás de si o fantasma da eliminação imediata, logo após ser utilizado, e, dessa forma, é um amor que vem carregado de ansiedade, de desejo por um prazer total. Mas a totalidade do prazer levaria à morte, já que, depois do todo, não haveria mais nada a sentir. É um amor fadado ao fim logo no seu início.

A protagonista deste último romance é uma mulher que vive de relações *líquidas*, numa busca antes de si mesma do que do outro. O reconhecimento de tal fato se dá ao relatar suas relações para seu patrão e, a partir da constatação do vazio desse tipo de relações, ela entende que o que ela quer é muito mais do que apenas colecionar corpos, ela quer simplesmente a alegria e o conforto de uma relação completa, com afeto, com carinho.

Nosso principal intuito ao analisar as três obras de El Hachmi era ressaltar a questão de ser uma obra de autoria feminina em um mundo que ainda é reticente aos escritos de mulheres. Queríamos dar visibilidade a seu trabalho e também mostrar sua evolução como escritora que parte de um ensaio autobiográfico para ser uma romancista premiada.

Ao falarmos de evolução da obra de El Hachmi, queremos deixar claro que não estamos nos referindo estritamente à qualidade, mas sim às nuances diferenciais que verificamos de uma obra para outra. Em seu ensaio, El Hachmi se diz cansada de ser sempre

questionada sobre a temática da imigração, ela se mostra desejosa de que haja um reconhecimento de seu trabalho como escritora. Mas é exatamente a temática da imigração que a torna conhecida com seu primeiro romance e, talvez, ela o tenha escrito sob esta temática como estratégia para chamar a atenção e, assim que se torna conhecida, abandona tal assunto e lança uma obra que é totalmente diferente das anteriores (*La caçadora de cossos*), numa tentativa de dar vazão a questionamentos mais profundos da essência humana.

Concluimos que El Hachmi, no conjunto de sua obra, é de fato uma representante da mulher transcultural que vive o momento presente, que se preocupa e questiona problemas atuais, fugindo de simples rotulações, mas sem, no fim, negá-las. Acreditamos que sua obra seja de grande valia para todos os que se interessam por temáticas e conflitos do agora, para os que buscam pensar e procurar caminhos para a melhor formação de cidadãos pós-modernos.

Nosso trabalho não encerra os estudos sobre a questão do trânsito de culturas e como as mulheres o refletem, muito menos como devemos ou não agir diante de problemas da atualidade. Nosso trabalho é apenas uma contribuição para a reflexão de tais assuntos e, como tal, deve ser sempre revisado e ampliado.

## REFERÊNCIAS

- ANDRES-SUÁREZ, Irene; KUNZ, Marco; D'ORS, Inés. (orgs.) *La inmigración en la literatura española contemporánea*. Madrid: Editorial Verbum, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. *A mulher independente*. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Agir, 2008.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila; Eluana L. Reis; Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRAMON, Dolors. *Ser dona i musulmana*. Barcelona: Editorial Cruïlla, 2008.
- BUADES, Josep M. *Os espanhóis*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CELAYA-CARRILLO, Beatriz. [Pánicos racistas: Reflexiones sobre la inmigración en Cataluña y España a partir de un texto de Najat El Hachmi](http://muse.jhu.edu/journals/mln/summary/v126/126.2.celaya-carrillo.html); MLN, 2011 Mar; 126 (2): 344-365. Disponível em <<http://muse.jhu.edu/journals/mln/summary/v126/126.2.celaya-carrillo.html>> acesso em 20/05/2012
- DÉJEUX, Jean. *La Littérature féminine de langue française au Maghreb*. Paris: Éditions Karthala, 1994.
- EL HACHMI, Najat. *El último patriarca*. Barcelona: Planeta, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Jo també sóc catalana*. Barcelona: Columna, 2004.
- \_\_\_\_\_. *La cazadora de cuerpos*. Barcelona, Planeta, 2011.
- GIES, David T. (org.) *The Cambridge History of Spanish Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- GOYTISOLO, Juan. *España y sus Ejidos*. Madrid: Hijos de Muley-Rubio, 2003.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9e.d. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Trad. Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

INGENSCHAY, Dieter. *Migraciones e identidades en L'últim patriarca de Najat El Hachmi. Iberoromania*, Nov2011, Vol. 71-72 Issue 1, p57-70, 14p; Language: Spanish; DOI: 10.1515/iber.2010.006

LABANYI, Jo. *Spanish Literature: A Very Short Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria G. Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

MERNISSI, Fatima. *Sonhos de transgressão: minha vida de menina num harém*. Trad. Carlos Sussekind. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIAMPIKA, Landry-Wilfrid; ARROYO, Patricia. (Editores.) *De Guinea Ecuatorial a las literaturas hispanoafricanas*. Madrid: Editorial Verbum, 2010.

MIGNOLO, Walter D. *Historias locales/ diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal Ediciones, 2003.

McDOWELL, Linda. *Gender, Identity and Place: Understanding Feminist Geographies*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2007.

NAÏR, Sami. *La Europa mestiza: Inmigración, ciudadanía, codesarrollo*. Galaxia Gutenberg, 2010.

NAIR, Parvati. *Rumbo al norte: Inmigración y movimientos culturales entre el Magreb y España*. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2006.

NARBONA, Inmaculada Díaz; VARO, Asunción Aragón. (Eds.) *Otras mujeres, otras literaturas*. Madrid: Ediciones Zanzibar, 2005.

RICCI, Cristián H. *L'últim Patriarca y el forjamiento de una identidad amazigh-catalana*. In: *Journal of Spanish Cultural Studies*, Vol. 11, No. 1 Março 2010, pp. 71-91.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SOLÀ, Nuria Codina. *Najat El Hachmi: crítica social, género y transculturalidad*. *Iberoromania*, Maio 2012, Vol. 73-74 Issue 1, p196-206, 11p; DOI: 10.1515/ibero-2011-0012

TERKENLI, Theano S. *Home as a region*. In. *Geographical Review*, vol. 85, n. 3, p.324-334, jul. 1995.

TOURAINÉ, Alain. *O mundo das mulheres*. Petrópolis: Vozes, 2007.

TURNER, Harriet; MARTÍNEZ, Adelaida López (orgs). *The Cambridge Companion to The Spanish Novel: From 1600 to the Present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

#### **Internet:**

Dicionário RAE <<http://lema.rae.es/drae/?val=camello>> acesso em 19/01/2013

El Mundo <<http://www.elmundo.es/elmundo/2011/05/11/valencia/1305097107.html>> acesso em 18/05/2012

El País <<http://www.elperiodico.com/es/noticias/sociedad/20101008/najat-hachmi-moro-mierda-insulto-comun/522084.shtml>> acesso em 18/09/2012

Revista Aulas. ISSN 1981-1225. Dossiê Foucault. N. 3 – dezembro 2006/março 2007. Organização: Margareth Rago & Adilton Luís Martins - Disponível em <<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/19.pdf>> acesso em 20/08/2012

Wikipédia <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ramad%C3%A3o>> acesso em 23/05/2012